

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**“REINVENÇÃO DAS TRADIÇÕES” E PROMOÇÃO DO TURISMO -
ESTRATÉGIAS DIFERENCIADAS DE MERCANTILIZAÇÃO DA IDENTIDADE
CULTURAL**

**OS CASOS DE NOVA PETRÓPOLIS E SÃO FRANCISCO DE PAULA NO RIO
GRANDE DO SUL**

MAGDA VIANNA DE SOUZA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

PROFESSOR ORIENTADOR: ENNO D. LIEDKE FILHO

PORTO ALEGRE, MARÇO DE 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729r Souza, Magda Vianna de
Reinvenção das tradições e promoção do turismo:
estratégias diferenciadas de mercantilização da identidade
cultural : os casos de Nova Petrópolis e São Francisco de
Paula no Rio Grande do Sul / Magda Vianna de Souza. –
Porto Alegre, 2005.
230 f. : il.

Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, UFRGS, 2005.
Orientação: Prof. Dr. Enno D. Liedke Filho.

1. Identidade Cultural. 2. Turismo : Aspectos Culturais.
3. Tradição : Rio Grande do Sul. 4. Nova Petrópolis (RS).
5. São Francisco de Paula (RS). 6. Globalização. I. Título.
II. Liedke Filho, Enno D.

CDD 338.4791

Bibliotecária Responsável
Iara Breda de Azeredo
CRB 10/1379

MAGDA VIANNA DE SOUZA

Banca Examinadora

Prof. Dr. Enno Dagoberto Liedke Filho (PPGS/UFRGS)
Orientador

Prof. Dra. Susana de Araújo Gastal (PUC-RS e UCS)

Prof. Dr. Mario Riedl (UNISC)

Profa. Dra. Clarissa Eckert Baeta Neves (PPGS/UFRGS)

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen (PPGS/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Enno D. Liedke Filho, orientador desta tese, pela dedicação, disponibilidade e atenção durante a elaboração deste trabalho.

Aos entrevistados que tive o privilégio de conhecer e gentilmente se dispuseram a conceder entrevistas, a fornecer informações e valioso material de apoio que permitiu a realização deste estudo.

Aos colegas de trabalho e amigos, pelas contribuições, incentivos e compreensão nas ausências ao longo desses anos.

A colega e amiga Marta Sisson de Castro, pela disponibilidade para examinar e discutir questões colocadas ao longo do trabalho.

A amiga Berta Weil Ferreira que gentilmente revisou o emprego de termos do idioma alemão.

Aos meus filhos Felipe e Lucas pelo incentivo.

Ao Hamilton pelo incentivo, auxílio, pelas inúmeras leituras e revisões do texto e, em especial, pela compreensão e amparo nos momentos difíceis desta tarefa.

RESUMO

Esta tese tem como objeto o processo de construção de identidades culturais e de recriação e valorização – reinvenção – das tradições em um contexto de globalização acelerada. Essa globalização determina mudanças importantes na organização política e econômico-social da sociedade gerando alterações nos padrões de desenvolvimento, com o redirecionamento das atividades produtivas para a inserção no novo modelo de desenvolvimento capitalista, destacando-se entre estas atividades o turismo. No presente o produto turístico se caracteriza por busca do diferencial, que pode ser obtido através da mercantilização da identidade cultural, da valorização dos localismos e da recuperação das atividades folclóricas enquanto atrativos turísticos. O processo de recriação das identidades culturais foi examinado tendo como referencial básico os estudos de Manuel Castells sobre a construção de identidade social e sob as formas ou de identidade de projeto ou de identidade de resistência. A pesquisa abordou, através de um estudo comparativo, os municípios de São Francisco de Paula e Nova Petrópolis com o objetivo de identificar os modos de recriação das identidades culturais locais enquanto ícones que caracterizem o município no competitivo mercado turístico. Os dois municípios fazem parte do mesmo projeto turístico, “Região das Hortênsias”, que abrange a serra gaúcha, considerada o principal pólo de atração turística do Rio Grande do Sul apresentando, porém, trajetórias econômicas, sociais, político e culturais bastante diferenciadas. Em Nova Petrópolis ocorre a construção de uma identidade de projeto por meio da reinvenção da cultura dos colonizadores alemães, para que está caracterize com base em sua etnicidade em ícone no mercado turístico. Em São Francisco de Paula a identidade cultural local é reforçada adquirindo características próprias de um processo de construção de identidade de resistência com a manutenção das atividades econômicas tradicionais e dos hábitos serrano-campeiros característicos do município. A análise evidenciou que existem propostas claras de mercantilização das identidades locais como elementos que caracterizem cada um desses municípios e seus eventos, no entanto as estratégias educacionais e políticas adotadas na reconstrução de significados culturais seguem trajetórias diferentes e, estão obtendo resultados distintos na implementação do turismo em cada um dos municípios.

Palavras-chave: identidade cultural – reinvenção das tradições - turismo

ABSTRACT

This thesis has as object of study the process of construction of cultural identities and the recreation – re-invention- of the traditions in a context of accelerated globalization. This globalization determines important changes in the political and socio-economic organization of society altering the patterns of development with the redirection of productive activity to fit in the new model of capitalist development. At the moment, tourism is characterized by the search for a difference that can be achieved through the marketing of cultural identity, through the valorization of localism and the recuperation of folklore activities as tourist attraction.

The process of recreation of cultural identities was examined with using as foundation the theoretical framework of Manuel Castells about the construction of social identity, the identity of project and resistance. The research using a comparative approach looked at the municipalities of São Francisco and Nova Petrópolis with the objective of identifying the forms of recreation of local cultural identities as icons that characterizes the municipalities in the competitive tourist market. The two municipalities belong to same tourist project the “Região das Hortênsias” in the mountains of Rio Grande do Sul considered the principal tourist attraction in the state. The municipalities studied presented trajectories diverse considering the social, economic political and cultural aspects.. In Nova Petrópolis the construction of identity of tourism project is build through the re-invention of German colonialist tradition, emphasizing the ethnic element as icon in the tourism market. In São Francisco de Paula the local cultural identity is reinforced taking unique form as a process of construction of resistance identity with the maintenance of the traditional economic activities in the rural and mountain context.

The analysis provided evidence of clear marketing of local identities as elements that characterize each of the municipalities studied and its events, nevertheless the educational and political strategies used in the reconstruction of cultural meanings followed different paths and are getting different results in the implementation of tourism in each locality.

Key-words: Cultural identity – reinvention of traditions.- tourism

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	8
LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	9
INTRODUÇÃO	10
1 REINVENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL FRENTE À GLOBALIZAÇÃO.....	22
1.1 AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICOCULTURAIS NO MUNDO GLOBALIZADO	22
1.2 GLOBALIZAÇÃO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	26
1.2.1 A Construção Social da Identidade	27
1.2.2 Tradição e Cultura Local.....	32
1.2.3 Revitalização da Identidade Cultural Local em um Contexto de Globalização.....	39
1.3 IDENTIDADE CULTURAL COMO UM ELEMENTO DE DIFERENCIAÇÃO.....	45
1.3.1 Identidade Cultural no Brasil.....	45
1.3.2 Identidade Cultural no Rio Grande do Sul	47
2 IDENTIDADE CULTURAL COMO UM ELEMENTO DE DIFERENCIAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO TURÍSTICA.....	54
2.1 IDENTIDADE CULTURAL COMO IMAGEM PARA O TURISMO.....	54
2.2 TURISMO – OBJETO DE CONSUMO.....	56
2.2.1 O Turismo no Brasil.....	64
2.2.2 Turismo no Rio Grande do Sul.....	72
3 NOVA PETRÓPOLIS: TRADIÇÕES EM UMA COLÔNIA GERMÂNICA NO SUL DO BRASIL.....	83
3.1 O CONTEXTO.....	83
3.1.1 Aspectos Físicos e Geográficos	83
3.1.2 Formação Histórica de Nova Petrópolis	84
3.1.3 Desenvolvimento Econômico: Nova Petrópolis, Hoje	94
3.1.4 Educação: uma prioridade ao longo da história	97
3.2 AS TRADIÇÕES E A CULTURA.....	105
3.2.1 Formação Étnico-cultural	105
3.2.2 Tradições Culturais Alemãs em Nova Petrópolis.....	106
4 “IDENTIDADE DE PROJETO”: A REINVENÇÃO DA CULTURA ALEMÃ EM NOVA PETRÓPOLIS	118
4.1 AS POLÍTICAS MUNICIPAIS E A CULTURA.....	119
4.2 PARTICIPAÇÃO: UM TRAÇO DA COMUNIDADE DE NOVA PETRÓPOLIS.....	127

4.3	<i>O TURISMO EM NOVA PETRÓPOLIS</i>	136
5	SÃO FRANCISCO DE PAULA: A TRADIÇÃO SERRANO-CAMPEIRA	149
5.1	<i>O CONTEXTO</i>	149
5.1.1	Aspectos Físicos e Geográficos de São Francisco de Paula	149
5.1.2	A Formação Histórica de São Francisco de Paula	151
5.1.3	Desenvolvimento Econômico: São Francisco de Paula, Hoje	158
5.1.4	A Educação e o Desenvolvimento Social de São Francisco de Paula	166
5.2	<i>AS TRADIÇÕES E A CULTURA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA</i>	168
5.2.1	Formação Étnico-cultural	168
5.2.2	As tradições culturais serrano-campeiras em São Francisco de Paula	171
6	IDENTIDADE DE “RESISTÊNCIA”: A REINVENÇÃO DA CULTURA SERRANO-CAMPEIRA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA	182
6.1	<i>AS POLÍTICAS MUNICIPAIS E A CULTURA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA</i>	183
6.2	<i>A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E A COMUNIDADE</i>	192
6.3	<i>O TURISMO EM SÃO FRANCISCO DE PAULA</i>	197
7	“REINVENÇÃO DAS TRADIÇÕES”: SUA MERCANTILIZAÇÃO EM NOVA PETRÓPOLIS E SÃO FRANCISCO DE PAULA	209
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	224
	ANEXOS	231

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRATURR – Associação Brasileira de Turismo Rural
AIEST – Associação Internacional de Especialistas na Ciência de Turismo
CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica
CET – Conselho Estadual de Turismo
CNPJ – Cadastro nacional de Pessoas Jurídicas
CNTUR – Confederação Nacional de Turismo
COMBRATUR – Comissão Brasileira de Turismo
COMTUR – Conselho Municipal de Turismo
CORLOCAL – Câmara de Operadores Receptivos de Turismo
CRTur – Companhia Rio-grandense de Turismo
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo
FEE – Fundação de Economia e Estatística
FENAC – Feira Nacional do Calçado
FENIT – Feira Nacional da Indústria de Tecidos
FLONA – Floresta Nacional do IBAMA
FUNARTE – Fundação Nacional de Artes
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
ICOMOS – International Council on Monuments and Sites
IDESE – Índice de Desenvolvimento Sócio-econômico
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho
OMT – Organização Mundial do Turismo
ONU – Organização das Nações Unidas
PIB – Produto Interno Bruto
PNMT – Plano Nacional de Municipalização do Turismo
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Indústrias
SEMEC – Secretária Municipal de Educação e Cultura
SETUR – Serviço Estadual de Turismo
SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo
SUDESUL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul
UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Regiões turísticas do Rio grande do Sul	78
Figura 2: Roteiro da Rota Romântica	81
Figura 3: Mapa da Alemanha	89
Figura 4: Distribuição das Linhas e Picadas da Colônia de Nova Petrópolis	90
Figura 5: Escola Tradicional de Nova Petrópolis	98
Figura 6: Grupo de danças infantis	105
Figura 7: Aldeia do Imigrante	122
Figura 8: Labirinto Verde	139
Figura 9: Casa em estilo enxaimel reconstruída	147
Figura 10: Mapa do Município de São Francisco de Paula	150
Figura 11: 1º Símbolo de São Francisco de Paula	165
Figura 12: Símbolo atual de São Francisco de Paula	166
Figura 13: Churrasco na Vala	180
Figura 14: Mapa da Região das Hortênsias	185
Figura 15: Centro de Turismo de São Francisco de Paula	187
<hr/>	
Quadro 1: Atores sociais entrevistados	18
Quadro 2: Dimensões e categorias de análise	19
Quadro 3: Distribuição do ensino em Nova Petrópolis	101
Quadro 4: Síntese comparativa das dimensões analisadas	212

INTRODUÇÃO

O globalismo pode ser visto como uma configuração histórico-social no âmbito da qual se movem os indivíduos e as coletividades, ou as nações e as nacionalidades compreendendo grupos sociais, classes sociais, povos, tribos, clãs e etnias com as suas formas sociais de vida e trabalho, com as suas instituições, os seus padrões e seus valores. Juntamente com as peculiaridades de cada coletividade, nação ou nacionalidade, com as suas tradições ou identidades, manifestam-se as configurações e os movimentos do globalismo.

Ianni (1996)

Nos últimos anos do século XX, a sociedade foi marcada por significativas mudanças econômicas, impostas pelo modelo capitalista globalizado, que determinaram profundas ingerências em todas as esferas sociais. Em todas as sociedades, as modificações resultantes do avanço tecnológico ocorrido, principalmente na área de comunicação, fizeram com que se intensificasse a inserção na sociedade global, com reflexos importantes sobre a organização política e econômico-social.

Os efeitos da globalização, da utilização de novas tecnologias informatizadas e a disseminação da cultura mundializada passaram a influenciar os padrões de

comportamento, provocando, como reação, a valorização da tradição e o fortalecimento dos regionalismos, conforme relatam Giddens (1991, 1997, 2000); Featherstone (1994, 1997); e Castells (1999). Uma nova relação se estabeleceu entre as culturas locais e a emergente cultura global. O processo de revalorização das particularidades e dos localismos culturais é inegável no atual momento histórico social. Ao mesmo tempo em que são incorporados, aos hábitos do cotidiano, os costumes e valores de outras culturas, principalmente os vinculados ao modo de vida americano, os localismos voltaram a ser valorizados. Há uma busca das particularidades e o senso de diferença se intensifica, cada vez mais, em todas as regiões. A construção de uma identidade local passou a ser uma estratégia de diferenciação, de busca de um lugar ou de uma caracterização distinta no cenário globalizado.

A nova configuração societária global gerou alterações nos padrões de desenvolvimento, redirecionando as atividades produtivas para a inserção no novo modelo de “desenvolvimento capitalista flexível” (HARVEY, 1999). O redirecionamento do modelo produtivo, buscando atrair novos fluxos financeiros e de consumo, priorizou as atividades vinculadas ao turismo que passou a ser uma prática social da sociedade contemporânea. O turismo deve ser analisado como uma atividade que perpassa todas as esferas da sociedade envolvendo a economia, a educação, os transportes, as comunicações. É um fenômeno com conseqüências sociais, culturais, políticas que se tornou um direito e um desejo de todo os cidadãos e, como tal objeto de consumo do mundo globalizado.

Na economia global o turismo tem crescido em torno de 5,4% ao ano, e no início do terceiro milênio foi responsável pelo emprego de 10% da população economicamente ativa, sendo o produto bruto desta atividade estimado a atingir

US\$ 7, 9 trilhões em 2005 (SERRANO, 2001). Dados recentes divulgados pela OMT¹ indicaram que 10% do PIB mundial provém das atividades turísticas.

Atualmente, no Brasil, as atividades vinculadas ao turismo empregam 7,4% da população economicamente ativa.² Estimativas indicam que a participação desse setor vem crescendo na economia, representando valores que se aproximaram a 3% do PIB nacional em 2001³. No Rio Grande do Sul, o setor de turismo mostrou também grande crescimento. Significativos investimentos vêm ocorrendo a partir de iniciativas dos governos locais e, inúmeros municípios passaram a incentivar o desenvolvimento do setor turístico.

O diferencial da atração turística, hoje, está em que ela busca a valorização de aspectos vinculados às particularidades locais. Nesse sentido, a identidade cultural passa a ser fator a ser trabalhado para se tornar elemento diferencial ou mesmo de atração turística. Conforme Ianni (1996(b)), o turismo, na atualidade, é uma atividade econômica que exige uma redescoberta da memória, da tradição e da identidade, pois, as particularidades são ingredientes fundamentais na construção de atrativos turísticos.

A reconstrução da identidade sociocultural local, principalmente quando vinculada ao turismo, exige uma reorientação da paisagem cultural, que pode ser obtida através da valorização de localismos ou, mesmo, através da “reinvenção das tradições” (HOBBSAWM, 1997), prática que consiste em reconstruir, ou até mesmo forjar o passado para usá-lo como uma marca ou característica que identifique o local.

¹ Organização Mundial do Turismo - http://www.world-tourism.org/statistics/tsa_project/basic_references (2004)

² Dados da EMBRATUR: <http://www.embratur.gov.br> - Estudo do Mercado Doméstico – 2001.

³ Dados da EMBRATUR: <http://www.embratur.gov.br/estatisticas> - (outubro 2004)

Nesse contexto, o presente estudo examina, de forma comparativa, processos de recriação identitária como uma produção histórica e institucional, realizada seguindo estratégias específicas de reconstrução de significados socioculturais para fins de sua mercantilização enquanto objeto turístico; busca identificar de que modo ocorre a reinvenção ou o fortalecimento de identidades culturais locais, através do revigoramento de traços da tradição e da cultura e, de que forma esse processo sociocultural age sobre o desenvolvimento econômico local.

Como objeto empírico foram selecionados dois municípios do Rio Grande do Sul – Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, que vêm empreendendo, ainda que diferencialmente, esforços para a construção de atrativos para o turismo, mediante o processo de fortalecimento ou reinvenção da identidade cultural. Estes processos adquirem características peculiares dada a diversidade de colonização e de formação étnica dos dois municípios, levando-os a traçar diferentes estratégias para a inserção na nova atividade econômica – turismo, através da construção de propostas de fortalecimento da imagem da cultura local.

O presente estudo examina como essas estratégias de diferenciação vêm sendo elaboradas para recriar a identidade cultural local, buscando utilizá-la como um produto no mercado de turismo atual, no qual os consumidores mostram-se, cada vez mais, ávidos por novas atrações.

Problemática da pesquisa

Para investigar em que medida as mudanças sociais, fundadas em novo padrão de desenvolvimento econômico e de comunicação, levam à valorização dos localismos e a formação de um projeto de identidade cultural, optou-se por

examinar o processo de reinvenção e valorização da identidade cultural em dois municípios gaúchos, situados na mesma região turística, a “Rota Romântica”, localizada na serra gaúcha. Os municípios de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, mesmo estando situados em diferentes regiões geográficas, respectivamente Encosta Superior do Nordeste e Campos de Cima da Serra, fazem parte do mesmo projeto turístico do Estado que abrange a Serra Gaúcha, considerada o principal pólo de atração turística do Rio Grande do Sul.

Optou-se por um estudo comparativo, pois, este permite a compreensão de fatos singulares através da identificação das semelhanças e das diferenças do fenômeno analisado, possibilitando explicação para as singularidades histórico-sociais (SCHNEIDER, 1998, p.85), presentes nos dois municípios estudados.

Para o estudo das práticas sociais e atitudes comportamentais como as que se referem à formação de identidade cultural, preservação da tradição e cultura, se fez necessária a utilização de metodologias qualitativas, porque, como refere Olabuenga (1996), estão orientadas para captar a origem, o processo e a natureza desses significados, os quais brotam da interação simbólica entre os indivíduos.

Inicialmente, estuda-se cada um dos dois casos em separado e, após, se estabelece a comparação das realidades dos dois municípios para identificar as igualdades e diferenças nos processos de formação identitária dos mesmos.

Os seguintes objetivos nortearam o processo de pesquisa:

⇒ Investigar como a “identidade cultural local” está sendo recriada em cada um dos municípios para se tornar elemento de diferenciação que caracterize o município e possa se constituir em atrativo turístico passível de mercantilização.

- ⇒ Identificar se existe entre os gestores municipais das áreas de cultura, educação e turismo percepção sobre o papel da cultura e da identidade local, no desenvolvimento econômico-social do município.
- ⇒ Verificar em que medida a “valorização da identidade cultural local” está presente nos projetos pedagógicos, culturais e de turismo do município.
- ⇒ Investigar em que medida a identidade local está baseada em padrões de comportamento histórico-étnicos tradicionais ou em traços culturais “reinventados”.
- ⇒ Examinar como ocorre a “reinvenção da tradição”, em cada um dos municípios, identificando os atores sociais envolvidos no processo.
- ⇒ Analisar as propostas de ações das elites políticas e empresariais municipais para a recriação da identidade cultural, identificando se estas se caracterizam como concepções tradicionais ou modernizantes.

As hipóteses de trabalho que orientaram a presente investigação foram as seguintes:

- ⇒ As tendências à globalização da cultura desencadeiam preocupações para a sobrevivência da identidade cultural local, determinando a emergência de estratégias de construção de uma “identidade de resistência” ou de uma “identidade de projeto” que possibilite a manutenção ou redefinição positiva da posição do município no cenário econômico-social e cultural.
- ⇒ O processo de recriação da identidade cultural local se estabelece a partir das vivências do indivíduo nas relações e instituições sociais nas quais está inserido e é marcado por significados sociais e pela valorização de aspectos históricos e culturais formadores da identidade cultural local.
- ⇒ As políticas sociais municipais, especialmente nas áreas de educação, cultura e turismo, enfatizam e priorizam atividades que visam ao fortalecimento de uma imagem local diferenciada, sedimentada nos particularismos culturais específicos do município, passível de mercantilização no disputado mercado turístico.

- ⇒ A “identidade cultural local” é trabalhada em Nova Petrópolis de forma comunitária, caracterizando a construção de uma “identidade de projeto” pela “reinvenção” dos antigos traços da cultura dos colonizadores alemães, visando diferenciar o município com base em sua etnicidade, como um elemento particularizado que se torne “atrativo turístico”, visando a criar espaços próprios no processo de desenvolvimento capitalista atual.
- ⇒ A “identidade cultural local”, reforçada no município de São Francisco de Paula, adquire características próprias de um processo de construção de “identidade de resistência”, mantendo as atividades econômicas tradicionais e os hábitos campeiro-serranos característicos do município.

Metodologia e técnicas de pesquisa

Para a concretização dos objetivos propostos, o levantamento de dados foi desenvolvido em duas etapas. Inicialmente, foram examinados os projetos e propostas de cada município para as áreas de cultura, turismo e educação, estudando-se documentos históricos e matérias existentes nas respectivas secretarias municipais, procurando identificar:

- as referências à questão cultural e às concepções que as embasam;
- a forma de organização e incentivo para a divulgação, participação e organização de eventos de cultura vinculados às tradições culturais;
- as atividades que caracterizam a valorização de costumes e tradições locais;
- as relações que se estabelecem entre as atividades educacionais, culturais e as estratégias de incentivo ao turismo, em cada um dos municípios.

Em um segundo momento foram realizadas entrevistas, em profundidade, com agentes sociais selecionados dos seguintes segmentos sociais:

- Lideranças políticas municipais;
- Representantes das elites econômicas tradicionais (setor agropecuário) e das elites econômicas modernizantes (setor de turismo e serviços, especialmente hotelaria);
- Lideranças envolvidas com a organização dos eventos culturais em cada um dos municípios.

A seleção dos entrevistados foi ocorrendo ao longo do estudo e resultou de informações colhidas durante o processo de interação com os informantes, em cada município. Em São Francisco de Paula foram realizadas dezessete entrevistas, e em Nova Petrópolis⁴, dezesseis. As entrevistas enfocaram a problemática – “identidade cultural local” versus “globalização” –, procurando-se examinar a compreensão e o significado das expressões “*cultura local*” para os entrevistados. Buscou-se, também, identificar como ocorre a participação da comunidade na elaboração e execução dos projetos comunitários, especialmente nas áreas de cultura, educação e turismo, e a percepção e avaliação que os agentes sociais entrevistados têm dessas iniciativas.

Foram construídos três roteiros básicos⁵ face à diversidade do público a entrevistar – gestores da área de educação e cultura, gestores da área de turismo e representantes da sociedade civil. As entrevistas seguiram os roteiros semi-estruturados e foram aplicadas de forma diferenciada, para que fossem apreendidas as diferentes percepções dos diversos atores sociais que o abrangem.

As entrevistas foram integralmente transcritas para possibilitar a análise dos dados com o programa de metodologia informacional “SPHINX Léxica”.

⁴ Lista dos entrevistados - Anexo 1.

⁵ Ver Anexo 2 - Roteiros de Entrevistas.

Após a análise inicial dos dados se tornou necessário voltar a campo para realizar a triangulação dos dados, isto é, checar e confrontar com a realidade informações obtidas no decorrer das entrevistas. A relação detalhada da posição dos informantes no meio social em cada um dos municípios pode ser verificada no Quadro 1.

Quadro 1: Atores sociais entrevistados

Posição	São Francisco de Paula	Nova Petrópolis
Secretário de Educação	1	1
Subsecretário de Cultura	-	1
Ex-secretário de educação	1	-
Secretário de Turismo	1	1
Subsecretário de turismo	-	1
Ex-secretário de turismo	3	1
Ex-prefeito	2	-
Vereadores	1	-
Representantes de movimentos tradicionalista, culturais	2	5
Representante da sociedade civil	1	2
Empresários	5	2
Professores	-	2
Total	17	16

Fonte: SOUZA, Magda Vianna de, 2005.

As diferenças existentes nos dois municípios no que se refere ao conhecimento e nível de participação dos atores nas ações políticas, econômicas e sociais eram perceptíveis nas primeiras visitas a campo, obrigando uma seleção diferenciada dos entrevistados nas duas realidades. Em São Francisco de Paula foi maior o número de informantes vinculados às atividades políticas e empresariais,

enquanto que em Nova Petrópolis estavam diretamente envolvidos com as questões culturais e educacionais.

Os dois casos foram analisados a partir de três grandes dimensões: – contexto, tradição e cultura e reinvenção das tradições. Cada uma dessas dimensões foi trabalhada a partir das categorias que emergiram no processo de análise das entrevistas, apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Dimensões de análise trabalhadas

DIMENSÕES	CATEGORIAS E INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> • Contexto 	<ul style="list-style-type: none"> → Situação fisio-geográfica – localização dos municípios no Estado, as características de clima e paisagem; → Formação histórica – a forma como cada um dos municípios foi colonizado e estabeleceu sua organização social e política; → Desenvolvimento econômico – as principais transformações ocorridas no processo de desenvolvimento econômico ao longo da história de cada município; → Educação – a implementação do sistema educacional e das principais políticas do setor, principalmente às vinculadas ao desenvolvimento do turismo;
<ul style="list-style-type: none"> • Tradição e cultura 	<ul style="list-style-type: none"> → Formação étnico-cultural – quais os grupos étnicos que contribuíram para a formação da população de cada um dos municípios, identificando como contribuíram para a formação da cultura local; → Tradições – quais são as tradições reconhecidas pela população nos dois municípios; → Cultura – a concepção de cultura dos atores sociais nos dois municípios; → Manifestações da cultura local <ul style="list-style-type: none"> • costumes • língua • religiosidade • música • culinária • associativismo
<ul style="list-style-type: none"> • Reinvenção da cultura 	<ul style="list-style-type: none"> → Políticas municipais – criadas para preservar ou reinventar a cultura e as tradições em cada um dos municípios; → Turismo – a forma como cada um dos municípios vem implementando as atividades vinculadas ao turismo e quais são os projetos políticos para o setor;

Fonte: SOUZA, Magda Vianna de, 2005.

A presente tese é composta por em sete capítulos.

No primeiro capítulo são analisados aspectos históricos e teóricos referentes ao processo de formação identitária na sociedade contemporânea, objetivando a compreensão de como a transformação do capitalismo e os novos cenários mundializados agem sobre o processo de formação da identidade. A relação entre culturas locais e a globalizada é objeto de exame para a avaliação de como essa relação vem corroborando tanto para a dissolução como, por vezes, para o fortalecimento de identidades culturais locais e regionais.

O capítulo dois aborda a identidade cultural como um elemento de diferenciação e mercantilização no mercado turístico. Examina o turismo como atividade econômico-social crescente no mundo contemporâneo, que vem se tornando um elemento de consumo de massas e uma prática social que desencadeia inúmeras modificações sociais, culturais e econômicas nas atividades cotidianas de todos os segmentos sociais. A relevância social deste processo é analisada enquanto resultante de modificações da sociedade de consumo e do mundo do entretenimento na sociedade hoje. Apresenta, ainda, um exame da implementação desta atividade no Brasil e, especificamente, no Rio Grande do Sul.

Os casos empíricos são analisados em separado, nos capítulos seguintes, a partir do exame das três grandes dimensões que nortearam o trabalho – o contexto, as tradições e a cultura, e o processo de recriação e reinvenção identitária.

Os capítulos três e quatro analisam o município de Nova Petrópolis mediante o exame da trajetória de sua formação como uma colônia germânica no sul do Brasil, em meados do século XIX, até as modificações recentemente desencadeadas no

seu processo de desenvolvimento econômico social. Examinam, ainda, questões vinculadas ao processo de manutenção e reinvenção da tradição no município.

Os capítulos cinco e seis referem-se ao estudo de São Francisco de Paula. Inicialmente, apresenta-se uma análise da formação histórico-social do município e de suas tradições para, num segundo momento, discutir o processo de reinvenção da cultura que está se desenvolvendo através de políticas específicas.

O último capítulo, a “reinvenção das tradições”, apresenta a comparação das duas realidades estudadas, analisando-se os resultados encontrados à luz das orientações teóricas da tese.

1 REINVENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL FRENTE À GLOBALIZAÇÃO

1.1 AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS NO MUNDO GLOBALIZADO

A globalização, discutida por diversos autores, gera controvérsias até em relação a sua historicidade. Alguns, entre os quais como, por exemplo, Immanuel Wallerstein (2001), afirmam que o processo de globalização do mundo econômico teve início no século XVI, com as grandes navegações. Já, os autores Anthony Giddens (1991, 2000), Manuel Castells (1999), Mike Featherstone (1994, 1997), Nestor Canclini (1999, 2000) e Renato Ortiz (1994), entre outros, situam o início do processo em meados do século XX, com a incrementação do desenvolvimento tecnológico, especialmente na área de comunicação e microeletrônica, e afirmam que a consolidação da sociedade global ocorre somente nas duas últimas décadas desse século. Esses autores apontam, como marco do processo de globalização, o desenvolvimento tecnológico, acelerando o espaço/tempo e produzindo maior interdependência da produção, do consumo e das relações sociais e culturais.

Os avanços tecnológicos resultantes da globalização da sociedade propiciam maior contato entre povos, e esse contato leva à ampliação das relações culturais. Ortiz (1994) afirma que esse processo corresponde a uma civilização cuja

territorialidade se globalizou, mas que, no entanto, não pode ser vista como homogeneização cultural. Nesses termos, a globalização da cultura não significa uniformidade. Refere-se à expansão de características de comportamento e mesmo de uma visão de mundo não vinculada a padrões nacionais ou mesmo locais, mas, sim, a hábitos que se tornam padronizados universalmente, influenciados pela moderna mídia do ocidente.

Para Harvey (1999), o desenvolvimento tecnológico e a conseqüente aceleração do binômio espaço/tempo produzem maior interdependência, não só da produção e do consumo, mas, também, das relações sociais e culturais. Neste contexto, o papel das pessoas e de sua cultura nesse processo deve ser valorizado, reconhecendo a globalização como um movimento de características econômicas, e uma etapa de alterações sociais e culturais.

Analisando essas alterações, Elias (1994) afirma que as mudanças na estrutura da sociedade estão vinculadas às mudanças na estrutura de comportamento, as quais estão intimamente inter-relacionadas com a organização e a forma do Estado, portanto, é necessário, também, examinar a relação que se estabelece entre a globalização e as transformações no papel do Estado-nação.

Muito se discute sobre as alterações no papel do Estado na sociedade atual. Hirst (1998) afirma que, após o final da Guerra Fria, a capacidade de governabilidade do Estado vem se alterando, principalmente em relação à governabilidade econômica. A alteração do papel do Estado ocorre no momento em que novas instâncias econômicas, de caráter internacional, surgem, obrigando os governos nacionais a serem apenas uma entidade do “sistema de governo internacional”.

Essa nova configuração do Estado conduz à superação da antiga concepção de Estado moderno, enquanto soberano em determinado território, com poderes sobre todas as esferas político-econômicas. Particularmente nas duas últimas décadas, a noção de Estado nacional centralizador e regularizador das políticas econômicas e sociais (keynesianas) se alterou muito rapidamente. As modificações se fizeram sentir além das fronteiras do mundo capitalista. Os estados do leste europeu também tiveram sua capacidade de governabilidade enfraquecida em nível nacional, frente ao fortalecimento das instâncias de poder global.

Hirst (1998) considera que as modificações dos estados do leste europeu tiveram repercussões que extravasaram as suas fronteiras nacionais, contribuindo para o enfraquecimento dos estados num plano global. Afirma que o temor do conflito entre o mundo socialista e o mundo capitalista ocidental agiu, durante décadas, como mobilizador das capacidades de governabilidade: “... o medo de um inimigo mobilizado e imediato, tornava os Estado-nação necessários” (p. 271).

No contexto da economia globalizada, o mercado mundial tornou-se mais forte, exigindo do Estado uma redefinição de suas funções. Novas tarefas são exigidas para garantir a estabilidade da economia internacional, dentre as quais deve ser destacado o fornecimento de infra-estrutura de bens públicos necessários para o desenvolvimento dos negócios em nível mundial. Frente a esse novo panorama de governabilidade, o Estado-nação passa a transferir responsabilidades, como a administração dos sistemas de educação e saúde, para as esferas locais, para as municipalidades.

Essas alterações devem ser analisadas não como uma perda da capacidade de governabilidade, mas, como modificação na tradicional forma de atuação do Estado moderno. Hirst (1998) afirma que a política, hoje, é mais policêntrica e os

poderes governantes devem ser colocados em três níveis: internacional, nacional e o regional, cabendo ao Estado-nação a integração dessas esferas, ou seja, o gerenciamento do poder entre as forças do mercado global e os interesses nacionais e regionais. Assim, o papel do Estado continua sendo fundamental para a governabilidade internacional, mas, em novo contexto, pois, são transferidos legitimidades e poderes para outras instâncias de governabilidade. Hirst (1998) examina esse novo posicionamento em dois níveis: os poderes do Estado que se estabelecem “*acima de si*” e “*abaixo de si*”.

As formas de relacionamento “*acima de si*” dizem respeito às formas de governabilidade internacional, nas quais o Estado mantém convênios com outros Estados, com organismos internacionais ou com os blocos comerciais como a Comunidade Econômica Européia, NAFTA e MERCOSUL. Esses organismos em nível mundial e, principalmente, em relação à governabilidade da economia, se sobrepõem aos Estados-nação. A globalização da economia e a internacionalização dos mercados exigem nova esfera administrativa, o que não descaracteriza, necessariamente, o papel do Estado-nação em seu território. Ocorre uma transferência de poder de decisão, especialmente, na esfera macroeconômica para agências supra-Estado como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

A governabilidade “*abaixo de si*” se refere à relação de poder entre os governos centrais, regionais e locais. Essas relações podem, inclusive, estender-se aos organismos privados, publicamente reconhecidos pela sociedade civil, por exemplo, as Organizações não-governamentais (ONGs). A transferência de poder para esferas “*abaixo de si*” vem se efetivando de forma crescente no mundo capitalista. A descentralização das políticas é um mecanismo que o Estado moderno utiliza para reforçar seu controle. Ele transfere poderes de gerenciamento

dos serviços locais para instâncias “*abaixo de si*” garantindo, assim, a governabilidade do território.

Examinando a forma como ocorre a transferência de papéis e responsabilidade do Estado central para outras instâncias administrativas, especialmente através das políticas descentralizadas, observa-se que não há uma perda de papel do Estado, mas, sim, uma modificação na sua estrutura administrativa. É uma modificação substancial nesse papel, mas não pode ser vista como simples perda de função. Pelo contrário, essa alteração pode garantir um fortalecimento do controle do Estado sobre as diversas facetas a serem administradas de forma pulverizada, por níveis diferentes de governos como os estados e as municipalidades.

1.2 GLOBALIZAÇÃO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

A tendência à homogeneização cultural promovida pelo mercado global vem se refletindo de maneira intensa no processo de formação da identidade cultural, provocando mudanças nas identidades pessoais e abalando a concepção que os indivíduos têm de si próprios como sujeitos integrados (Hall, 1999). Portanto, para o exame dessa realidade é necessário realizar algumas considerações iniciais sobre a construção social da identidade na sociedade atual.

Nos últimos anos, a análise das subjetividades individuais e coletivas vêm adquirindo relevância nas Ciências Sociais. Autores, entre os quais Stuart Hall (1999, 2000), Boaventura de Souza Santos (1997, 2002), Anthony Giddens (1991, 1997, 2000 e 2002), Manuel Castells (1999), Claude Dubar (1997, 2000), Gregório Recondo (1997), retomam a temática, examinando os reflexos produzidos pelas modificações sociais impostas pela globalização da sociedade.

1.2.1 A Construção Social da Identidade

Entendendo a relação indivíduo-sociedade como um processo identitário pode-se afirmar que a identidade modifica-se, conforme afirma Elias (1994.b), com o desenvolvimento da humanidade, pois, a identidade como resultado de um processo relacional vincula-se a um tempo e a um espaço determinado, levando o indivíduo a traçar estratégias identitárias diferenciadas, pois,

é parte integrante do “habitus social” de uma pessoa e, como tal, está aberta à individualização. Essa identidade representa a resposta à pergunta “Quem sou eu?” como ser social e individual... a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social (ELIAS, 1994(b), p.151).

O processo de formação da identidade social deve ser analisado como um processo que se estabelece a partir das vivências do indivíduo no mundo social. Entre os autores que se dedicam a estudos sobre essa temática destaca-se Claude Dubar (1997, 2000). Seus estudos enfatizam que a identidade social não é meramente transmitida por uma geração a outra. Cada geração a constrói com base em categorias e posições herdadas, e a constrói por meio de estratégias identitárias criadas e desenvolvidas nas instituições em que os indivíduos estão envolvidos. Nesse contexto, a identidade não é um conceito estático, tendo cada indivíduo diferentes identificações, e em distintos momentos de sua vida.

Dubar (1997) considera que não há distinção entre identidade individual e identidade coletiva. A identidade é um processo social, uma construção realizada a partir das dinâmicas sociais, se estabelecendo e se construindo ao longo da existência do indivíduo, por meio de relações sociais, no conjunto das instituições, às quais está vinculado.

É, portanto, um fenômeno social complexo porque se constrói a partir das múltiplas referências e grupos de pertencimento dos indivíduos, por exemplo, a família, a etnia, o gênero e o grupo de trabalho. Esses múltiplos elos de pertencimento provocam uma situação intrincada, muitas vezes desordenada e conflitante, em que o indivíduo deve estabelecer mecanismos para construir sua identidade. Dubar (1997) afirma que esses mecanismos se estabelecem mediante estratégias identitárias desenvolvidas ao longo do processo de socialização. Trata-se de um processo que começa a ser construído na escola, pois, é com seus parceiros colegas e professores que a criança experimenta sua primeira identidade.

Esta não é escolhida, mas conferida pelas instituições e pelos que rodeiam a criança, tanto na base de suas pertencências étnicas, políticas, religiosas, profissionais e culturais dos seus pais, como na base de suas performances escolares. A escola primária constitui, assim, um momento decisivo para a primeira construção da identidade social (DUBAR, 1997, p. 112).

A formação identitária deve ser analisada a partir de dois processos distintos, que, ocorrem de modo entrelaçado. O primeiro, denominado “processo de atribuição”, visa definir a identidade para o outro, e deve ser examinado num sistema de ação, no qual o indivíduo está inserido. As instituições sociais atribuem ao indivíduo identidades genéricas, que lhe permitem a classificação social do indivíduo como membro de determinado grupo. Exemplo dessa classificação são as denominações étnicas, regionais, o estado civil e os códigos de identificação. São sempre classificações genéricas, produzidas em determinado contexto, que possibilitam identificação do indivíduo como membro de um grupo socialmente constituído. Dubar afirma que

a “construção” legítima destas categorias constitui um desafio essencial neste processo que, uma vez concluído, se impõe

coletivamente, pelo menos durante certo tempo aos atores implicados (1997, p. 107).

A atribuição de uma identidade vinda de fora do indivíduo, constituída a partir de categorias sociais preexistentes, é, para Dubar (1997), uma forma de “*etiquetagem*”, pois, as instituições impõem, de forma coletiva, uma identidade coletiva a seus membros.

O segundo processo é o denominado “processo de incorporação” de uma identidade e está vinculado à história pessoal de cada indivíduo. É a interiorização que o próprio indivíduo constrói a partir de suas vivências. É a identidade definida para si, subjetivamente, estabelecida a partir de suas experiências. É uma forma de construção subjetiva, que deve ser analisada a partir das trajetórias sociais de cada indivíduo, dentro de um grupo de referência, constituindo, assim, a identidade social “real” que pode, às vezes, ser contraposta à identidade social “virtual”.

A existência dessas duas formas identitárias, a “virtual” e a “real”, pode, muitas vezes, ser discrepante, podendo a identidade atribuída pelo grupo social não coincidir com aquela construída, subjetivamente, pelo próprio indivíduo.

A construção da identidade social deve ser analisada em termos de continuidade entre a identidade que o indivíduo herdou e a identidade que é visada, pois, a identidade é sempre marcada por uma dualidade entre a identidade atribuída e a identidade incorporada, o que implica uma série de rupturas entre o “eu” e o “nós”, que se constituem em um processo comunicacional complexo não-reduzível a uma “*etiquetagem*” de identidades predefinidas. É estabelecida através da articulação dos dois processos que são, ao mesmo tempo, autônomos e complementares, pois não se faz identidade das pessoas sem elas, da mesma forma que não se pode dispensar os outros para construir a própria identidade.

Não há identidade-eu sem identidade-nós. A relação entre estas formas é complexa, estabelecida em um processo contínuo de transações e modificações sujeitas a inúmeras influências do contexto em que o indivíduo está inserido.

Essas transações são, para Dubar, a chave do processo de construção das identidades sociais e devem ser analisadas tanto em termos de continuidade entre a identidade herdada e a identidade visada quanto em termos de uma ruptura que implica conversões subjetivas. Deve-se levar em consideração, também, as diferenças entre a identidade virtual, proposta por outros, e a identidade real resultante da interiorização.

Ao se examinar a relação entre o “eu” e o “nós” recorre-se a Elias (1994) que afirma que, no curso do processo de desenvolvimento societário, toda a posição do indivíduo em sua sociedade e, portanto, as estruturas de personalidade dos indivíduos e de suas relações mútuas se modificam de maneira específica, de acordo com o estágio de desenvolvimento social em que o grupo está inserido (p.146-7).

Analisando essa modificação na contemporaneidade, Elias afirma que as sociedades modernas e desenvolvidas, tendem a favorecer a individualização, o que implica enfraquecimento da identidade-nós, coletiva, em favor da identidade-eu.

A mudança da identidade-nós que ocorre durante a transição de um estágio de desenvolvimento para outro também pode ser elucidada em termos de um conflito de lealdades.... Na transição para um novo nível de integração, portanto, há conflitos de lealdade e consciência que são, ao mesmo tempo, conflitos de identidade pessoal (ELIAS, 1994, p.147-8).

Ao se analisar a identidade coletiva deve-se considerar a representação que o grupo faz de si e a maneira como é visto pelos outros, de que maneira se distingue

dos demais, pois, a identidade coletiva se constitui um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos comuns a cada membro do grupo, em função de seu pertencimento.

A identidade cultural é uma forma de identidade coletiva, é característica de um grupo social e, como toda a identificação, não é definitivamente fixada, ela se transforma e se modifica. Novas identidades são criadas de acordo com a relação tempo/espaço, a que a mesma se refere. É socialmente construída a partir das representações que os sujeitos sociais fazem de si como grupo.

De acordo com Recondo (1997), a identidade coletiva, cultural sempre se refere a um grupo étnico ou de uma nacionalidade e, muitas vezes, é utilizada como sinônimo de “ethos nacional”. É constituída pelo sistema de crenças, atitudes e comportamentos comuns aos membros de um grupo social em que partilham as mesmas atitudes, unicamente pelo fato de pertencerem ao mesmo grupo. Está apoiada no passado, com um ideal coletivo projetado. O mesmo autor adverte que a identidade coletiva pode se apoiar em modelos opostos, o de singularização e o de autenticidade.

A identidade de singularização consiste, para Recondo (1997), no modelo que emerge a partir da distinção de outros grupos. É o reconhecimento por meio da diferença construído por meio de atitudes distintivas no modo de vestir, de falar, de preferências gastronômicas que qualificam o “grupo local”. Pode ser concebido como um modo de vida ou uma forma coletiva de agir. É dada pelas seguintes características:

- a identidade se alcança por abstração (detectando as características comuns);
- o conjunto de notas singulares constitui um procedimento coletivo, transmitido pela educação e pela tradição;
- as características definidoras do grupo permanecem apesar das mudanças;

- o passado e a história comum ordenam e indicam a trajetória. (RECONDO, 1997, p 109).

A construção da identidade por autenticidade consiste na busca de um espaço em oposição a uma cultura imitativa que se constrói mediante um projeto vinculado às necessidades e aos desejos coletivos, e se manifesta por projetos assumidos e concretos de um grupo.

1.2.2 Tradição e Cultura Local

Conforme apontado anteriormente, a modernidade foi marcada pela supremacia do Estado-nação, período em que a identidade nacional se sedimentou e se fortificou com claros objetivos políticos de garantir a governabilidade do território. A formação identitária, neste período, também esteve marcada por uma tendência a homogeneização em termos de território nacional, assumindo-se a cultura nacional como um modelo integrado de valores, padrões de comportamento e, principalmente, a língua falada comum a todo país. O Estado-nação tinha como um de seus objetivos manter a cultura integrada e os cidadãos unificados, dando pouco espaço para o reconhecimento de costumes, ritos e cerimônias étnicas e culturais locais.

Presentemente, o esvaziamento do papel do Estado-nação é resultado de exigências econômicas do atual estágio do capitalismo globalizado, levando, como afirma Castells, os governos nacionais

a concentrar-se na administração dos desafios impostos pela globalização da riqueza, da comunicação e do poder, permitindo, portanto que os escalões inferiores assumam as responsabilidades pelas relações com a sociedade tratando das questões do dia-a-dia, com o objetivo de reconstruir sua legitimidade por meio da descentralização do poder. Contudo, uma vez instaurado tal

processo de descentralização, os governos locais e regionais podem tomar iniciativas em nome de suas respectivas populações, até mesmo elaborar estratégias de desenvolvimento distintas do sistema global (CATELLS, 1999, p.317).

A cedência de espaços para os organismos regionais e locais abre possibilidade às manifestações das diversidades socioculturais, repercutindo, esse fenômeno, sobre as culturas locais.

A globalização em curso não produz necessariamente homogeneização cultural, pelo contrário, abre espaço para que as desigualdades e as tensões que foram abafadas pelo forte Estado-nação moderno se manifestem, criando uma realidade nova em que são integradas as singularidades e as particularidades das identidades locais. Ianni (1996(b)) afirma que, nesse contexto, “as *identidades reais e ilusórias baralham-se, afirmam-se ou recriam-se*”(p.33).

Essas alterações no âmbito da cultura não ocorrem de forma análoga em toda a sociedade, desenvolvendo-se de modo diferenciado, influenciadas pelas diversas idiosincrasias das culturas locais. Torna-se, aqui, relevante recordar a conceituação de cultura local, proposta por Featherstone (1997), como a cultura vinculada a um espaço delimitado, relativamente pequeno, onde os indivíduos que ali vivem têm relacionamentos sociais diários, normalmente fundados em laços de parentesco e na tradição, onde os contatos se realizam cara a cara. Esses fatores sedimentam a cultura de tal maneira que esta não é passível de ser questionada, pois,

o estoque comum de conhecimentos à disposição, no que se refere ao grupo de pessoas que são os habitantes e o entorno físico, é relativamente fixo, segundo se pressupõe, isto é, trata-se de algo que persistiu ao longo do tempo e pode incorporar rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas a um lugar e a um sentido comum de passado. Tal senso de pertença, as experiências comuns sedimentadas e as formas culturais que são associadas a um lugar

são fundamentais para o conceito de uma cultura local (FEATHERSTONE, 1997, p. 131).

Em reação ao processo de globalização vem ocorrendo o enfraquecimento da identidade nacional e, conseqüentemente, o que Featherstone denomina de reação nostálgica,

na qual o passado é encarado como a epítome da coerência e da ordem, algo mais simples e emocionalmente gratificante, com relacionamentos mais diretos e integrados. O pressuposto neste caso é de que a identidade de uma pessoa e de outras pessoas significativas estão ancorados em um local específico um espaço físico que passa a ser emocionalmente investido e sedimentado com associações simbólicas, de tal forma a tornar-se um lugar (1997, p.149).

São redescobertos e revalorizados costumes e hábitos localizados que, em nome de uma identidade nacional, estavam abafados no imaginário dos cidadãos. Esses aspectos são fundamentais para a mobilização da comunidade em torno da reconstrução da identidade local, que é marcada pelo sentimento de diferenciação nós (os locais)/ eles (os distantes). Baseia-se em referências espaço/temporais próximas e identificáveis por toda a comunidade, como a tradição, pois, ao mesmo tempo que são incorporados costumes e valores universais aos hábitos do cotidiano, as tradições voltam a ser valorizadas.

Hobsbawm (1997) afirma que as tradições e os costumes são criações, invenções utilizadas pelos povos como meio de poder, para dar legitimidade às instituições. Sugere que, na maioria das vezes, estas não são genuínas, são inventadas pelas instituições modernas, especificamente para impor o poder.

A tradição, como afirma Giddens (1997), está ligada à memória e envolve todo um sistema ritual, criado para garantir e preservar a memória coletiva. A tradição é

uma rotina com significados próprios, intimamente vinculados ao sistema ritual de um grupo, é reconfortante e impregna as práticas sociais. Em suma, a tradição

contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas. (GIDDENS, 1991, p.107).

A tradição reflete a estruturação da temporalidade. O tempo passado é incorporado às práticas presentes, e se constitui em uma rotina que contribui para a segurança ontológica, à medida que vincula confiança às práticas sociais rotinizadas. Não é estática, pode ser reinventada a cada geração, conforme assume a herança cultural de seus precedentes. Giddens afirma que

a idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas (GIDDENS, 2000, p. 51).

Portanto, as tradições evoluem, se alteram ao longo do tempo, da mesma forma que o passado, desta forma são reconstruídas no presente de modo coletivo, visando objetivos específicos, pois, possuem um caráter orgânico que as transforma temporalmente, elas surgem, se desenvolvem e, muitas vezes desaparecem. Podem ser recriadas para um uso moderno, como afirma Featherstone (1997, p.136) exemplificando com o caso da reconstrução de bairros e prédios históricos na Inglaterra que, muitas vezes, simulam situações e áreas anteriormente existentes e ajudam as pessoas a recuperar o sentido de um lugar perdido e encorajam a representação de ritos.

A durabilidade e a longevidade não são características intrínsecas da tradição. O que caracteriza uma ação como tradicional é o seu vínculo com o sistema ritual e

a repetitividade do ato, que o vincula à memória coletiva, pois, a tradição nunca é privada, não se constrói individualmente. Ela exige a construção de um sistema ritual necessário para garanti-la e preservá-la. Ela se coloca em separado das práticas e atividades pragmáticas do cotidiano, e o ritual constitui-se no meio de interpretá-las.

Outra característica inerente à tradição é que ela se define como “verdade”, como incontestável. Em relação a essa especificidade Giddens afirma:

Uma prática tradicional não cogita de alternativas. Por mais que a tradição possa mudar, ela fornece uma estrutura para ação que pode permanecer em grande parte não questionada. As tradições em geral têm guardiões. Eles conquistam sua posição e poder graças ao fato de serem os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição (GIDDENS, 2000, p. 52).

A estrutura conceitual de distanciamento tempo-espaco, na sociedade atual, encaminha para novas e complexas relações entre envolvimento locais e interações à distância, provocando outra visão da tradição, pois, o fundamento desta é estar enraizada em contextos locais que permitem uma âncora para a confiança (GIDDENS, 1997, p. 101).

A tradição é, também, um meio de controlar o tempo, pois, como está amparada no passado e exerce uma função sobre o presente, ela age como um mecanismo de controle sobre a organização do futuro. Sua influência sobre as novas ações aproxima o passado do futuro. A tradição pode ser considerada, desta forma, um mecanismo de agregação social, um meio de aglutinar a ordem social, tornando-se elemento normativo.

Todas as tradições têm um caráter normativo ou moral que lhes proporciona um caráter de vinculação. Sua natureza moral está intimamente relacionada aos processos interpretativos por meio dos quais o passado e o presente são conectados. A tradição representa não apenas o que “é” feito em uma sociedade, mas o que “deve ser”

feito. Isto não significa, é claro, que os componentes normativos da tradição sejam necessariamente enunciados. A maioria deles não o é: são interpretados nas atividades ou orientações dos guardiões. A tradição abarca o que faz, e pode ser inferida, porque seu caráter moral apresenta uma medida de segurança ontológica para aqueles que aderem a ela (GIDDENS, 1997, p. 84).

Nessa mesma direção, Featherstone (1997), ao examinar o atual processo de globalização, demonstra como este vem determinando uma forma de reconstituição das identidades coletivas fundadas na reinvenção ou mesmo recriação de culturas e tradições locais.

O global e o local não são dicotômicos, não se apresentam separados no espaço e no tempo, pelo contrário, o processo globalizante provoca um sentimento de afirmação das culturas e tradições locais. Referindo-se a esse fenômeno, Featherstone (1997) afirma que tal situação desperta uma reação que propicia a recriação e invenção de culturas locais e regionais.

Nesta presente fase, uma reação nostálgica, que se observa na recriação e invenção de culturas locais, regionais, subnacionais também precisa ser situada ao lado da destruição do sentido de localidade, através da globalização da economia mundial, da expansão dos meios de comunicação de massa e da cultura do consumo; deve ser entendida também como algo que usa tais meios para reconstituir esse mesmo sentido de localidade. Em resumo, há um retorno às culturas locais e deve-se enfatizar: culturas locais no plural, bem como o fato de que elas podem ser colocadas ao lado uma da outra sem distinção hierárquica (FEATHERSTONE, 1997, p.134-5).

A avalanche de notícias e informações impessoais e desterritorializadas, transmitidas pelos meios de comunicação de massa, provocam um sentimento de valorização dos costumes, hábitos e tradições que estão próximos ao indivíduo, e podem ser facilmente identificáveis, o que leva Featherstone.(1997) a afirmar que a

sociedade globalizada determina um fortalecimento da cultura e dos vínculos locais, pois, estas, por sua proximidade, conferem segurança aos indivíduos.

O sentimento de nostalgia, então, é despertado. A valorização do passado assume uma importância crescente para o grupo local. Os monumentos e as construções antigas são valorizados e identificados como a autêntica cultura do grupo. Também o espaço geográfico e a configuração da paisagem adquirem significado e passam a ser emblemáticos desse sentimento de identificação com a cultura local. As particularidades, como a culinária e o folclore, são enfatizadas como ícones da cultura do grupo.

Essas particularidades que se opõem ao global, se referem a um espaço de relacionamento cotidiano, em que são incorporados rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas a um lugar e a um sentido comum do passado. As experiências comuns sedimentadas e as formas culturais são associadas a um lugar, tornando-se fundamentais para o conceito de uma cultura local (FEATHERSTONE, 1997).

Giddens (1991) afirma que o global e o local mantêm um estreito vínculo. O mesmo processo determina um fortalecimento da identidade local e regional, e, ao mesmo tempo, crescem as influências determinadas pelo contexto mundial.

Analisando as identidades “locais” ou particularistas, Hall (1999) declara que as mesmas são reforçadas pela resistência à globalização que surge nas comunidades.

Existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito as coisas como direitos legais de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes (HALL, 1999, p.73)

Castells (1999) considera que a preservação da língua é um elemento fundamental para a manutenção da identidade, pois, representa um código, uma configuração cultural identificadora, e afirma:

Em um mundo submetido à ideologia da modernização e ao poder da mídia global, a língua como expressão direta da cultura, torna-se a trincheira da resistência cultural, o último bastião do autocontrole, o reduto do significado identificável (CASTELLS, 1999, p.70).

Enfatiza que nos processos globais, cada vez mais a identidade assume um significado local com uma valorização de aspectos como comunidade, cidade, escola, constituindo-se, em uma identidade defensiva, *“uma identidade de entrincheiramento no que se entende como conhecido contra a imprevisibilidade do desconhecido e do incontrolável”* (CASTELLS, p 82).

1.2.3 Revitalização da Identidade Cultural Local em um Contexto de Globalização

A modernidade foi marcada pelo conceito de identidade nacional que se caracteriza como uma identidade social construída a partir de uma história e de uma cultura partilhada (HALL, 1999). Historicamente, esteve vinculada a um espaço geográfico determinado – o território nacional – onde mantém um sistema simbólico de referências que guiam o comportamento social da população.

A construção da identidade cultural de um povo é uma questão de estratégia, de busca de um lugar ou uma caracterização na arena nacional ou internacional. A identidade nacional tem íntima relação com o poder político do Estado-nação forte, com o domínio sobre todas as esferas da atuação social e cultural de seu povo, sempre vinculada a um espaço geográfico específico. A identidade nacional resulta

de um sistema de crenças, atitudes e comportamentos comuns, compartilhados por todos os membros da nação. É resultado de um processo de construção histórico, em que há partilha de elementos culturais – língua, religião, costumes, ritos, tradição, comportamentos e maneiras de agir – que passam a identificar a população nacional. São construídos caracteres comuns de referência que vão marcar o comportamento coletivo (CASTELLS, 1999).

A identidade nacional – suporte e fonte de legitimação dos Estados modernos – pode ser considerada elemento de cooptação e agente de integração e dominação dos Estados.

O capitalismo globalizado, como examinado anteriormente, provoca significativas alterações no papel dos Estados. Diante de um mercado globalizado, a governabilidade nacional passa a ser subjugada pelo mercado mundial, que se torna mais forte, exigindo do Estado uma redefinição de suas funções. Frente a esse novo panorama de governabilidade, o Estado-nação transfere responsabilidades para as esferas locais, provocando o fortalecimento dessas instâncias e, em contrapartida, alterações no conceito de identidade nacional.

Essas mudanças podem gerar reflexos distintos. Em algumas situações, a homogeneidade cultural provocada pelo mercado globalizado e pelos meios de comunicação de massa determina um distanciamento da identidade em relação à identidade nacional e à cultura local. Em outros momentos, as respostas ao processo de globalização são dadas em sentido contrário, isto é, provocando uma resistência das comunidades nacionais e locais, estabelecendo um fortalecimento das diferentes identidades.

A identidade cultural é entendida como uma construção realizada a partir das dinâmicas sociais e, portanto, sempre se estabelecendo através de vínculos

relacionais de referências, construída por meio do reconhecimento das diferenças em um momento determinado de tempo.

Conforme afirma Woodward (2000), em estudos sobre a construção de identidade na sociedade, hoje,

as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro (WOODWARD, 2000, p. 40-1).

As identidades se fixam como uma construção social estabelecida a partir da unidade e, em contraponto, a outras situações estabelecidas. A identificação, segundo Recondo (1997), faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes aos que integram o grupo, identificando-os ao “grupo de pertencimento”. Dessa forma, à medida que há modificações na imagem de Estado-nação forte e da identidade nacional, ocorre, por outro lado, um fortalecimento dos vínculos e identidades locais.

Featherstone (1997), em um estudo sobre “localismo, globalismo e identidade cultural”, afirma que o processo de globalização leva a considerar o mundo como um único lugar, onde aumentam os contatos e os diálogos entre vários Estados-nação, blocos e civilizações, e que o estabelecimento de interdependências pode gerar

dificuldade de lidar com níveis cada vez maiores de complexidade cultural e as dúvidas e ansiedades que elas geram com frequência são motivos pelos quais o “localismo” ou o desejo de permanecer em uma localidade delimitada ou retornar a um sentimento de “lar” torna-se um tema importante (p. 144).

Afirma, ainda, que essa situação indica que o global e o local não podem ser examinados como dicotomias separadas no espaço e tempo, pois, os processo de globalização e localização estão vinculados.

A diversificação e a fragmentação dos interesses econômicos sociais e culturais resultantes do atual estágio do capitalismo globalizado deixam o Estado-nação incapaz de atender a todos os desafios, levando-o a ceder espaços e a transferir atribuições para grupos locais e regionais, possibilitando, como afirma Castells, que,

para superar tal crise de legitimação, os Estados descentalizem parte de seu poder em favor de instituições políticas locais e regionais. ... governos locais e regionais podem tomar iniciativas em nome de suas respectivas populações, até mesmo elaborar estratégias de desenvolvimento distintas do sistema global (CASTELLS, 1999, p.317).

A cedência de espaços para os organismos regionais e locais abre possibilidade para as manifestações das diversidades. Esse fenômeno vai repercutir sobre as estratégias de construção da identidade cultural local. Portanto, na atualidade, a construção da identidade passa a ser uma questão de estratégia, de busca de um lugar ou uma caracterização na arena nacional ou internacional.

Para Castells (1999), a construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. O autor afirma que elas resultam de interesses, valores e projetos que se estabelecem a partir de uma relação com a natureza, a história, a geografia e a cultura. Analisando essas relações e seu processo, distingue três origens nessa construção:

- identidade legitimadora;
- identidade de resistência;
- identidade de projeto.

O processo de construção da “*identidade legitimadora*” é criado pelas instituições dominantes com o objetivo de racionalizar a dominação. Segundo o autor, esse processo consiste na utilização da sociedade civil como instrumento para a reprodução da dominação estrutural. Entende sociedade civil a partir do conceito de Gramsci, como constituída pelas igrejas, sindicatos, partidos, cooperativas, entidades cívicas que passam a ser instrumentos do Estado no processo de formação identitária. É uma forma que se aplica às diversas teorias de nacionalismo.

Castells afirma que o nacionalismo contemporâneo é mais reativo do que ativo, tendendo a ser mais cultural do que político, preocupando-se mais com a defesa da cultura institucionalizada do que com a construção ou defesa do Estado, constituído-se em um movimento para regenerar, preservar ou fortalecer a identidade de um povo. Como exemplo dessa forma de construção identitária, estuda o caso da Catalunya e das nações que compunham a ex-União Soviética.

A “*identidade de resistência*” é, geralmente, criada por atores sociais que se encontram em posição desvalorizada ou estigmatizada na sociedade. Castells enfatiza os meios de resistência e sobrevivência aos valores impostos, sendo uma forma de resistência coletiva que leva à formação de comunas ou comunidades. Tem sua origem em identidades ou valores perfeitamente definidos e cultivados historicamente ou mesmo outros elementos de identificação, como espaço geográfico ou biologia. Como exemplo dessa forma de resistência Castells examina manifestações de grupos fundamentalistas religiosos.

O autor afirma, ainda, que a “*identidade de resistência*” é construída não por um retorno à tradição, mas pela manipulação de materiais tradicionais que possibilitem a reconstrução de significados como uma alternativa à ordem existente

(1999, p.37). Essa forma consiste num movimento reativo, voltado para a identidade social e pessoal que busca imagens do passado e as projeta para o futuro. É uma tentativa de reafirmação de controle que pode ser uma reação direta aos efeitos da globalização presentes na economia e na mídia, podendo, inclusive, estar voltadas para à transformação, mas fundadas no restabelecimento de valores (1999, p.420-1).

A *“identidade de projeto”* é construída objetivando uma nova posição na sociedade. Pressupõe uma transformação social, um novo projeto de vida para os sujeitos sociais envolvidos no projeto. Castells (1999) salienta que sujeitos não são indivíduos, são atores sociais envolvidos em um projeto coletivo que visa uma forma de vida diferente, uma transformação da sociedade. Acredita que, na atual sociedade globalizada, as transformações desse estilo não surgem da sociedade civil, originam-se a partir da resistência comunal, de uma responsabilidade coletiva. Apresenta como exemplos deste processo, a luta feminista para uma nova identidade das mulheres.

O presente estudo busca identificar de que modo as realidades locais, na atual sociedade globalizada, estão estabelecendo um processo de reinvenção das tradições e da cultura que as caracterize diferencialmente. Examina as formas que estão sendo utilizadas na reconstrução da identidade cultural em duas comunidades selecionadas no Rio Grande do Sul. Para tanto, é necessário que se recupere aspectos referentes ao processo de formação identitária e da evolução cultural no Estado, aspectos esse que serão examinados no próximo item.

1.3 IDENTIDADE CULTURAL COMO UM ELEMENTO DE DIFERENCIAÇÃO

1.3.1 Identidade Cultural no Brasil

A identidade nacional vista como uma identidade social, construída a partir de uma história e de uma cultura partilhadas deve ser examinada como resultante de uma manifestação de poder político de um Estado-nação forte, com domínio sobre todas as esferas da atuação social e cultural de seu povo.

Somente no final do século XIX, com a Proclamação da República, e nas primeiras décadas do século XX ficou evidenciada, principalmente nos meios políticos e culturais, a preocupação com a questão da identidade nacional no Brasil. A diversidade étnica que marcou o processo de formação da nação brasileira gerou um pluralismo cultural que dificultava a identificação de uma cultura genuinamente nacional, levando a uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais e em diferentes regiões do vasto território brasileiro.

A descentralização política e administrativa que vigorou na República Velha muito contribuiu para a manutenção da diversidade cultural, das especificidades locais que dificultavam a construção de uma identidade nacional.

A centralização do Estado, implantada após 1930, no governo getulista, foi o primeiro passo para a sedimentação de uma “identidade cultural brasileira”. O Ministério da Educação, criado pelo novo governo, impôs um conteúdo nacional à educação, padronizou o sistema de ensino, proibiu o ensino em língua estrangeira e introduziu a disciplina de Moral e Cívica, considerada fundamental para o fortalecimento da “nação brasileira”.

As décadas seguintes foram marcadas por forte sentimento nacionalista, e a preocupação com a formação identitária, neste período, enfatizou a

homogeneização em termos de território nacional. A cultura nacional foi encarada como um modelo integrado de valores, padrões de comportamento e, principalmente, a língua falada, comum a todo país.

O governo forte de Getúlio Vargas tinha como objetivo manter a cultura integrada e os cidadãos unificados, dando pouco espaço para o reconhecimento de costumes, tradições e cerimônias étnicas locais. Além das medidas de padronização do ensino já mencionadas, inúmeras associações culturais e folclóricas e publicações em língua estrangeira foram proibidas.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek foram estabelecidas políticas, buscando marcar a identidade cultural brasileira, principalmente a musicalidade, a dança, a alegria e o carnaval reconhecidos como traços típicos da cultura brasileira.

Já no período do governo militar as questões relativas a cultura foram tratadas segundo os padrões da ideologia da Segurança Nacional, em que o Estado gere as questões culturais traçando políticas específicas de normatização da esfera cultural. O Estado investiu nas áreas de teatro criando o Serviço Nacional de Teatro, de cinema – EMBRAFILME – de livros didáticos, como Instituto Nacional do Livro, das artes e folclore, como a FUNARTE. Foram, ainda, criadas inúmeras leis, decretos-leis, portarias que disciplinaram e organizaram a produção, a distribuição e o incentivo financeiro às atividades culturais. Ainda neste período foi estabelecida a política de turismo, analisada a seguir, que norteará o processo de mercantilização da cultura popular nas décadas seguintes.

Segundo Ortiz (1994), o Estado se apropriou das práticas populares e passou a apresentá-las como expressões da identidade nacional como é o caso do carnaval que se tornou um produto a ser vendido para turistas nacionais e estrangeiros.

Nas duas últimas décadas do século XX, o encurtamento das distâncias e a expansão da cultura globalizada, como já examinado no capítulo anterior, provocaram a valorização do local e das manifestações das identidades culturais regionalizadas, abrindo espaço para a descentralização das políticas culturais. Estes fatos contribuíram para que os vários estados brasileiros buscassem marcar sua alteridade, cada um enfatizando aspectos considerados característicos de sua cultura: a Bahia, com o misticismo e a religiosidade; o Amazonas, com seus mitos e sua grandiosidade; Minas Gerais, com seu patrimônio histórico; o Rio Grande do Sul com a sua diversidade cultural, aspectos apresentados como atrativos para o crescente mercado turístico.

1.3.2 Identidade Cultural no Rio Grande do Sul

A história do Rio Grande Sul, o processo de integração à nação brasileira e a ocupação do território marcado pela afluência de colonos europeus levou à coexistência de tradições culturais muito diversas. Desde o século XVIII, as características culturais que identificavam o Rio Grande estiveram ligadas ao trabalho no campo, às atividades de pecuária e

a figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela é e se descortina nas vastas planícies da área pastoril (OLIVEN, p.69, 1992).

A identidade do gaúcho sempre foi identificada como um bravo, um tipo social livre, vinculado à terra, com raízes étnicas ligadas aos portugueses e espanhóis, que chegaram à região no século XVII, e a sua miscigenação com a população nativa, os índios guaranis.

A chegada dos imigrantes colonizadores europeus, no século XIX, alterou a composição populacional e, conseqüentemente, o reconhecimento da identidade dos habitantes do sul do País.

Cada núcleo colonizador cultuava as tradições de seu local de origem, sendo que, nas áreas de colonização germânica, até o início do século XX, a comunicação e o ensino eram ainda realizados na língua dos colonizadores. Os habitantes destas regiões eram identificados como “alemães” e mantinham a cultura, os hábitos e as tradições de seu país de origem.

Essa diversidade étnica e cultural determinou a coexistência de padrões identitários diferenciados no estado, como o gaúcho, o colono alemão, o colono italiano.

Especialmente na área de colonização alemã, a campanha de nacionalização foi intensa com o fechamento da imprensa bilíngüe e a proibição do uso cotidiano da língua alemã. De acordo com Seyferth (1994), a repressão governamental não atenuou as diferenças culturais:

A identidade étnica teuto-brasileira persistiu até o presente, atualizada por critérios tradicionais. Esses critérios são de natureza simbólica, reflexos de uma cultura específica, como elementos distintivos próprios derivados de uma situação histórica – a colonização europeia do sul Brasil (p.22-3).

Passado o período de repressão às manifestações da cultura alemã, a partir da década de 1950, houve um revigoramento das atividades culturais germânicas. As festividades comemorativas aos sesquicentenário da imigração alemã realizadas em 1974, na área onde chegaram os primeiros imigrantes, evidenciaram o quanto se mantiveram vivas, no sul do Brasil, a cultura e as tradições germânicas. A partir deste evento novos projetos em diferentes municípios do Rio Grande do Sul e,

especialmente os que fazem parte da chamada Rota Romântica, área onde se instalaram originalmente os alemães, foram implementados buscando reviver a cultura dos imigrantes.

Nas últimas décadas do século XX houve, também, um revigoramento da cultura dos colonizadores italianos, especialmente com as comemorações do centenário da chegada dos primeiros colonos provenientes da Itália, que provocaram uma redescoberta das tradições italianas. Os descendentes dos imigrantes empreenderam um trabalho de resgate do passado e da italianidade dos habitantes das regiões colonizadas. Vários projetos, buscando marcar os traços da identidade cultural, foram desenvolvidos, entre os quais a fundação de associações culturais específicas para resgatar a história e a cultura, salientando-se a Fundação Centro Cultural Ítalo-brasileira de Caxias do Sul.

Entre os projetos de valorização da identidade cultural italiana cabe destacar o criado na região que foi o berço da colonização, hoje municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, o chamado Vale dos Vinhedos, onde foram reconstruídos antigos prédios dos primeiros habitantes e criadas inúmeras atrações para o desenvolvimento do turismo com apresentação de músicas típicas e visitas a antigos moinhos e ferrarias que marcam os traços típicos da identidade italiana. Os descendentes dos primeiros colonizadores e os representantes das associações culturais revitalizadas, ou mesmo recriadas, investem em pesquisas que objetivam conhecer a roupa típica, o artesanato e a culinária, para fazer desses elementos características locais que marquem a italianidade, ou seja, a identidade local.

As modificações político-econômicas ocorridas na segunda metade do século XX, especialmente o crescente aumento da urbanização e da industrialização, com

o conseqüente deslocamento de grande massa de trabalhadores do campo para a cidade, provocaram uma revalorização da cultura gauchesca.

O primeiro Centro de Tradições Gaúchas – o “35 CTG”, foi criado, em Porto Alegre, em 1948 (OLIVEN, 1992). Nos anos seguintes, inúmeros outros centros de tradição foram fundados em várias cidades do estado, inclusive, em áreas de colonização alemã e italiana, onde a cultura e a identidade do gaúcho é cultivada paralelamente às tradições culturais vinculadas aos colonizadores.

As últimas duas décadas do século XX, marcadas pela globalização da cultura e pelo enfraquecimento da cultura nacional, assistiram a um movimento de valorização da cultura e da identidade local. Para Oliven, estava ocorrendo uma descoberta das diferenças.

Assim, a construção destas identidades passa pela elaboração de traços da cultura brasileira que são apropriados e usados como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção a estes grupos (OLIVEN, 1992, p.35).

A partir da década de 1980, as manifestações culturais vinculadas às tradições gaúchas tornam-se mais freqüentes. São inúmeros os festivais de música nativista envolvendo tanto participantes quanto concorrentes dos países vizinhos nos quais existe também o culto às tradições vinculadas às atividades do campo e do gaúcho.

A figura do gaúcho – um cavaleiro, habitante do território dos pampas – é mencionada na literatura desde o século XVIII, em relatos sobre a Colônia de Sacramento e a Banda Oriental do Uruguai. Em 1820, Auguste de Saint Hilaire retrata o gaúcho da campanha rio-grandense (BRUM, 1999). No entanto, a revitalização do movimento tradicionalista gaúcho, inserida em um processo de recriação da identidade cultural do Rio Grande do Sul, atribui, agora, distintas características a esse personagem.

O movimento tradicionalista é, hoje, um movimento urbano que se estende, inclusive para fora do Estado e mesmo do país. Inúmeros Centros de Tradições Gaúchas – “CTG”s foram criados visando a preservar, promover, divulgar a imagem e o tradicionalismo gaúcho em cidades de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Roraima. Esses centros mantêm grupos de dança, declamadores, intérpretes de música regionalista do Rio Grande do Sul, e divulgam os costumes e a cultura rio-grandense.

A identidade do gaúcho está baseada na identificação com a cultura originária dos primeiros habitantes do território que hoje é o estado do Rio Grande do Sul, está vinculada àqueles que cultivam as tradições do homem do campo, atividades de pecuária, aos usos e costumes da vida campeira. A cultura tem no cavalo, no chimarrão e na música, seus elementos essenciais. No entanto, a indumentária hoje usada pelos tradicionalistas nas manifestações artísticas, especialmente nas danças e nas coreografias mostradas em suas apresentações, muito difere das vestimentas utilizadas pelo homem do campo em seus trabalhos diários.

Oliven (1994), examinando as manifestações folclóricas e, em especial o fortalecimento das tradições gaúchas demonstra como esse processo foi resultado de um trabalho dos intelectuais do movimento.

Os tradicionalistas foram inventando e se apropriando de uma série de tradições, algumas das quais se tornam tão populares que, freqüentemente, são consideradas de origem folclórica, apesar de seus criadores sempre ressaltarem que elas são criações suas (OLIVEN, 1994, p.111).

Entre os principais incentivadores do movimento tradicionalista gaúcho destacam-se Glauco Saraiva, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes que, em pesquisas no Estado e nos países do Prata, buscaram e recriaram uma série de músicas, vestimentas e outras manifestações folclóricas que hoje são reconhecidas como

típicas da cultura e identidade gaúchas. Em grande parte, estes traços são produto de estudos sobre a cultura e o folclore realizados pelos estudiosos vinculados ao movimento tradicionalista, numa tentativa de formar uma representação da singularidade gaúcha.

A cultura e a identidade gaúcha são reconhecidas e como tal utilizadas como ícone do Estado. Apesar das divergências existentes entre os dois principais grupos vinculados ao cultivo das tradições gaúchas, os denominados “nativistas”⁶ e os “tradicionalistas”⁷, as manifestações são divulgadas pelas duas correntes, especialmente as vestimentas e o chimarrão.

Os festivais de música típica gaúcha se realizam em vários municípios do Estado e inclusive, em Lages, Santa Catarina, na “Sapecada da Canção Nativa” (BRUM, 1999). As músicas e a temática da maioria das letras, mesmo sendo apresentadas em um estilo mais contemporâneo, continuam lembrando o meio rural.

O cultivo da tradição e da identidade cultural gaúcha busca o reconhecimento e também marcar a diferença no que tange às características do povo rio-grandense, pois, como afirma Hall (1999), a identidade é definida historicamente e não biologicamente, assumindo diferentes direções, significados e representações culturais de acordo com o propósito a que se destinam. Mesmo a “tradição inventada”, como diz Hobsbawm (1997), busca, através da repetição, impor valores e normas de comportamento que se impõem porque constituem uma reação às

⁶ O “nativismo” surgiu na década de 1970, como um movimento cultural que se desvincula do antigo “tradicionalista”, por julgá-lo muito rígido e radical. Busca dar espaço para todas as tendências musicais expressas pelo povo. Vincula-se principalmente aos festivais de música (Brum, 1999, p.156).

⁷ O “tradicionalismo” é um movimento mais antigo, abriga os grupos vinculados ao MTG e ao CTG's. Tem suas raízes no meio urbano e busca manifestar o que considera verdadeiras tradições do povo gaúcho, reconhecidas em trabalhos de pesquisa e reconstituição desenvolvidos nas últimas décadas pesquisadas (Brum, 1999, p.156-7).

mudanças do mundo moderno. Uma forma de dar significados às singularidades do grupo.

O culto às tradições gaúchas tem se tornado crescente no Estado. Estudos sobre “a identidade gaúcha” vêm sendo desenvolvidos e até patrocinados pelas instâncias governamentais, como o recentemente realizado pela Assembléia Legislativa do Estado⁸, evidenciando que este é considerado um tema de grande relevância para o povo do Rio Grande do Sul.

As comemorações da Revolução Farroupilha têm mobilizado a cada ano um maior número de participantes. São realizadas em todo o Estado, não ficando restritas aos movimentos tradicionalistas. São comemoradas nas escolas, quando os alunos, de maneira geral, são incentivados a comparecer “pilchados”⁹, como uma forma de resgatar o significado da data para o Rio Grande do Sul.

⁸ Projeto de pesquisa sobre a identidade gaúcha realizado pela Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS e pela Fundação Irmão José Otão da PUCRS, apoiado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 1999 e 2000.

⁹ Usando a indumentária típica do gaúcho.

2 IDENTIDADE CULTURAL COMO UM ELEMENTO DE DIFERENCIAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO TURÍSTICA

No presente capítulo será examinado o processo de transformação das identidades culturais em elementos apropriados para se constituírem ícones passíveis de serem mercantizados no crescente mercado turístico. Para tanto, é necessário que se estude o desenvolvimento do turismo na sociedade moderna e, particularmente, o seu crescimento na realidade brasileira, especificamente no Rio Grande do Sul.

2.1 IDENTIDADE CULTURAL COMO IMAGEM PARA O TURISMO

Examinando as conseqüências da globalização sobre as identidades sociais, Hall (1999) afirma que vem ocorrendo um reforço ou fortalecimento das identidades locais ou particularistas, tornando-as mais importantes do que as identificações com a cultura nacional. Nesse contexto, as identidades socioculturais se reforçam e se particularizam, as tradições e os costumes adquirem novos significados, passando a ser vistos como elementos valiosos na construção de uma imagem diferenciada passível de tornar-se um ícone turístico.

O turismo, como fenômeno social moderno, acompanha as transformações do desenvolvimento capitalista. Nas últimas décadas, a busca pela qualidade de vida,

pelo prazer, pela sensação de liberdade, pela valorização das diferenças culturais que caracterizam o “estilo de vida” da sociedade vem desencadeando profundas mudanças nas práticas tradicionais do turismo. Às clássicas alternativas – turismo de sol e praia, turismo de montanha, turismo de compras – estão sendo acrescentadas novas modalidades e produtos turísticos, destacando-se, entre essas, o turismo ecológico e o turismo cultural.

A crescente preocupação com o meio ambiente e com os valores ecológicos e com uma vida saudável tem motivado o crescimento do chamado turismo ecológico tornado-o um dos segmentos de lazer que mais vem atraindo turistas. A Organização Mundial de Turismo (OMT)¹⁰ estima que cerca de 10% das pessoas que viajam pelo mundo o fazem motivadas a observar a natureza, a visitar ambientes naturais e a praticar o ecoturismo, atividade que envolve o conhecimento da natureza e constitui-se uma experiência educacional interpretativa, além de promover o desenvolvimento sustentável (DIAS, 2002, p.97).

O turismo cultural pode ser considerado uma forma de exploração turística que privilegia os aspectos culturais, com a exploração e divulgação da cultura, do patrimônio histórico e das diversidades locais. No atual contexto econômico social, examinado no capítulo anterior, em que há um fortalecimento dos vínculos e das identidades locais, as diversidades culturais passam a ser consideradas patrimônio cultural, passíveis de transformação em atrativo turístico.

A sociedade de consumo, segundo Baudrillard (1995), se caracteriza pela busca do diferente e pela curiosidade. Assim, o turismo cultural vem se consolidando, apoiado em três vetores: o entretenimento, a emoção e a educação (TRIGO, 1993). As particularidades locais, o artesanato e as festas populares

¹⁰ <http://www.world-tourism.org/espanol>

passam a ser considerados elementos para o consumo, pois, facilmente, podem ser adaptados para atender a demanda por novas atrações e novos cenários típicos do crescente mercado do turismo na contemporaneidade.

A análise da trajetória do turismo e de seu significado social e econômico na sociedade contemporânea, a seguir desenvolvida, tem o objetivo de identificar de que modo ocorreu a emergência e consolidação dessa nova modalidade turística – o turismo cultural – e de que forma este tem contribuído para a valorização e o fortalecimento das identidades locais.

2.2 TURISMO – OBJETO DE CONSUMO

Os estudos, entre os quais os de Urry (2001); Trigo (2001); Bauman (1999); Santana (1997); Ianni (1996), acerca do papel social do turismo na sociedade globalizada discutem desde seu papel social e econômico até a forma como este vem provocando efeitos sobre as culturas e identidades locais. Nesse tópico, busca-se examinar as transformações econômicas e sociais do turismo, através de um exame das mudanças ocorridas nos últimos séculos, que o transformaram de um fenômeno de ócio e lazer de minorias privilegiadas em uma das atividades econômicas de consumo de massas que mais se desenvolve no mundo contemporâneo.

O turismo, como hoje é entendido, é um fenômeno social característico da modernidade, definido como o conjunto das relações e fenômenos resultantes de uma viagem e permanência, em determinada localidade, de pessoas que lhe são estranhas, desde que tal permanência não estabeleça nenhum vínculo permanente e, em geral, não esteja ligada a nenhuma atividade lucrativa (AIEST, 2002 –

Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo)¹¹.

Para examinar o turismo moderno, com todas as suas complexidades, é necessário examinar, ainda que em largos traços, os antecedentes históricos desse fenômeno social. As origens do turismo podem ser situadas na antiguidade grega. Os jogos olímpicos realizados antes da era cristã atraíam para Atenas milhares de pessoas (DIAS, 2002). Em relação à Roma Antiga, há relatos de viagens descrevendo deslocamentos da elite romana, por exemplo, viagens de lazer até o Eufrates, em busca de novas distrações e prazeres, e também das rotas de comércio que ligavam o Império Romano ao Oriente e ao norte da África (URRY, 2001; DIAS, 2002).

Novos relatos sobre deslocamentos são encontrados na Idade Média, dentro de um contexto marcado pelo cristianismo, momento em que as viagens de cunho religioso e peregrinações se intensificam. É uma atividade desenvolvida apenas pela aristocracia que viaja movida pelas devoções religiosas. Nesse período, as hospedarias se multiplicam, são mantidas por instituições religiosas e se encarregam de acolher os peregrinos. Surgem as primeiras excursões organizadas e os primeiros manuais com informações sobre as viagens (URRY, 2001).

Os estudos e publicações sobre viagens multiplicam-se no final do século XVII, resultantes do chamado “grand tour”, roteiro que se estende pela interior da França e culmina em Paris. Essas viagens são realizadas pela elite política européia, com o intuito de formar politicamente novos quadros administrativos. Tendo uma finalidade política e sendo misto de diversão e cultura, nelas os jovens deveriam aprender as “regras de trato social” (SOUZA, 1994, p. 28).

¹¹ <http://www.aiest.org/org/idt>

Somente no século XVIII as viagens adquirem as características que se assemelham ao turismo moderno, quando um novo segmento social – a burguesia nascente – começa a viajar com o intuito de observar não só a cultura e as artes, mas, também, a paisagem. As viagens passam a ser vistas como importante elemento educativo da classe alta inglesa (URRY, 2001).

Outro fator importante a ser considerado na origem do turismo moderno é o surgimento dos “Balneários Marítimos” (URRY, 2001). Instalados, originalmente, a partir do século XVII, com objetivos terapêuticos, onde a aristocracia buscava as águas minerais para beber e banhar-se, pretendendo a cura de inúmeras doenças, popularizam-se ao longo do século XVIII, atraindo o novo segmento social emergente – a burguesia. A afluência de novos contingentes exige o desenvolvimento de uma infra-estrutura capaz de acolher os viajantes. São criados espaços para o convívio social – os salões de baile, as bibliotecas – e organizam-se passeios para distrair o grande número de freqüentadores desses centros de cura.

Ainda no século XVIII, as feiras anuais de negócios que ocorriam desde a Idade Média, por exemplo, Leipzig, passam a ser realizadas nos centros urbanos e se tornam espaços turísticos. A afluência de comerciantes, vindos das áreas rurais para as feiras nas cidades, propiciam a criação de espaços de atividades para negócios e lazer. Essa nova atividade exige a criação de uma infra-estrutura adequada para acolher o novo público.

Se as origens do turismo moderno podem ser situadas no século XVIII, é no século XIX que as mudanças políticas e técnicas vão se tornar decisivas para o desenvolvimento acelerado desta prática social.

O progresso técnico, especialmente o desenvolvimento das ferrovias, é fator decisivo para a difusão do hábito de viajar. A expansão da malha ferroviária, na Europa, torna possíveis as viagens a outros segmentos sociais até então impossibilitados de viajar em função dos altos custos dos deslocamentos. A burguesia, fortalecida política e economicamente, incorpora as viagens ao seu cotidiano. O incremento da urbanização também motiva o turismo. O aumento das cidades e a deterioração das condições de vida urbana impulsionam a burguesia ascendente a viajar para os balneários e para os nascentes centros de lazer.

A viagem turística adquire poder simbólico e cultural, dando origem ao turismo moderno, como a viagem coletiva organizada em meados do século XIX. O aspecto elitista e individual da prática turística é quebrado em 1841 quando Thomas Cook inicia a organização de viagens em grupo, organizando sua primeira viagem coletiva em 1844. No ano seguinte, distribui a seus clientes o primeiro roteiro de viagens impresso. Na década de 1850, organiza várias viagens de trem pela Inglaterra, divulgando-as amplamente e incluindo um guia para acompanhar o grupo e orientá-lo a locais de interesse histórico e lojas recomendadas (URRY, 2001, p.43). Pode-se considerar essa atividade como paradigmática da prática turística moderna: uma viagem com a mentalidade coletiva e que implica atividade de consumo. Nos anos seguintes, Cook estende seus roteiros, inicialmente com viagens a Paris e, posteriormente, a outros pontos do continente europeu. Em 1865, leva, pela primeira vez, um grupo de trinta e cinco pessoas aos Estados Unidos. Os serviços turísticos oferecidos por Cook prevêm o pagamento de passagens de ida e volta e os gastos com hospedagem.

Na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, associações de trabalhadores e instituições vinculadas a igrejas, seguindo a prática iniciada por

Cook, passam a organizar excursões de férias com facilidades de pagamento. Essas atividades, dirigidas às famílias de trabalhadores da indústria têxtil, dão início ao turismo popular. Esses grupos, segundo Urry (2001), são formados, fundamentalmente, por mulheres e se dirigem aos balneários de Scarborough, Bath, Harrogate, entre outros.

Em meados do século XX, os avanços tecnológicos dos meios de transporte, especialmente a popularização do uso do carro e do ônibus, vão atuar como agentes impulsionadores das atividades turísticas, especialmente ao término da II Guerra, e contribuem enormemente para a extensão numérica da prática turística e para a ampliação das áreas visitadas na Europa e nos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, os avanços sociais dos trabalhadores, como o direito às férias pagas, possibilitam que a atividade de lazer deixe de ser prática exclusiva da elite. A extensão da prática turística se torna real com os serviços do estado do Bem-Estar-Social. As políticas redistributivas, com a ampliação do emprego e dos salários, permitem que o segmento trabalhador incorpore as viagens à sua rotina de férias, incrementando, assim, a prática do turismo. A viagem de prazer passa a ser considerada uma necessidade básica, uma atividade que deve ser realizada por todo o cidadão. É o turismo social que, segundo a lógica de Keynes, cumprirá um duplo papel: assistência social e revitalização da economia (HARVEY, 1999).

Na segunda metade do século XX, o turismo, até então atividade de elite, se transforma, plenamente, em fenômeno de massas que, ao estender-se a amplas camadas da população, passa a ser considerado importante fator econômico, sendo visto como mais um produto no sistema de relações de produção.

Ao longo das últimas décadas do século XX, o turismo vem sendo trabalhado e moldado de acordo com interesses de desenvolvimento da sociedade capitalista,

passando a ser considerado mais uma mercadoria de consumo da sociedade global e, como tal, assume as características que lhe são próprias.

Urry (2001), examinando as transformações do turismo como um produto para o mercado, afirma que este, nas duas últimas décadas, passa de produto de consumo de massas – mercadorias que pouco se diferenciam umas das outras, em que as escolhas são relativamente limitadas –, para produto de consumo pós-fordista, tendo uma vida mais curta e sendo substituído por novas mercadorias, cada vez mais especializadas e não-massivas. Ocorre uma

diferenciação muito maior dos padrões de compra por parte de diferentes segmentos do mercado; maior volatilidade das preferências do consumidor: crescimento de um movimento do consumidor e a ‘politização’ do consumo; reação dos consumidores ao fato de serem parte da ‘massa’... (URRY, 2001, p.31).

Para esse autor, as formas de consumo do pós-modernismo têm reflexos sobre o turismo, tornando-o mais flexível, mercantilizado e voltado para segmentos específicos que exigem o abandono da padronização de décadas anteriores. O turismo passa a ser visto como prática cultural e adquire nova característica que Urry denomina de “estetização do consumo” (2001, p. 32).

A análise do turismo como um bem de consumo deve ser realizada, entendendo-o, também, como um bem cultural e, para tal, é preciso examinar a lógica de comercialização dos bens culturais na sociedade atual. Harvey (1999), discorrendo sobre essa temática, afirma que há, contemporaneamente, uma passagem do consumo de bens para o consumo de serviços, entre os quais pode ser incluído o turismo.

O ‘tempo de vida’ desses serviços (uma visita a um museu, ir a um concerto de rock ou a um cinema, assistir a palestras ou freqüentar um clube), embora difícil de estimar é bem menor do que o

de um automóvel ou de uma máquina de lavar. Como há limites para a acumulação e giro dos bens físicos, [...] faz sentido que os capitalistas se voltem para o fornecimento de serviços bastante efêmeros em termos de consumo (HARVEY, 1999, p. 258).

O mercado desses bens tem características diferenciadas em relação ao das mercadorias tradicionais, pois, resulta de uma transformação dos hábitos e atitudes que acompanha as modificações do capitalismo nas últimas décadas, que tem, por premissa, a busca constante de inovação e distinção.

Simultaneamente, ocorre um processo de segmentação do consumo, como uma das características marcantes da cultura contemporânea, sendo o consumo caracterizado, segundo Baudrillard – pela universalidade do diverso. Esse autor afirma:

As diferenças ‘personalizantes’ deixam de opor os indivíduos uns aos outros, hierarquizam-se todas numa escala indefinida e convergem para modelos, a partir dos quais se produzem e reproduzem com subtileza. De tal maneira que diferenciar-se consiste precisamente em adotar determinado modelo, em qualificar-se pela referência a um modelo abstrato, [...] Desta maneira todo o processo de consumo é comandado pela produção de modelos artificialmente desmultiplicados, em que a tendência monopolista é idêntica à dos restantes setores da produção (BAUDRILLARD, 1995, p. 88-9).

Nesse contexto, pode-se compreender a proposição de Bauman (1999) de que os consumidores na sociedade globalizada são acumuladores de sensações em uma busca incessante de atrações; são caçadores de emoções e colecionadores de experiências.

O turismo, analisado sob essa ótica – como um bem de consumo –, é mais um bem a ser comercializado, que, para manter seu mercado, deve ser capaz de produzir desejos e estimular sensibilidades e individualidades que constituem o cerne da lógica mercantil do capitalismo avançado. Sob essa perspectiva, o turismo,

deve ser visto como uma necessidade de consumo que constitui uma extensão organizada das forças produtivas (BAUDRILLARD, 1995, p76).

Ao mesmo tempo, o turismo não é mais percebido como atividade somente de descanso ou contemplativa, mas passou a ser visto como uma atividade que pode acrescentar novas experiências educativas e culturais ao indivíduo (SANTANA, 1997). Tanto os bens culturais quanto os naturais – a natureza – são atrativos que passam a ser trabalhados como motivações que possam mobilizar o interesse e se constituírem em produtos mercantilizáveis. Sob essa lógica mercantil, o turismo cultural tem se destacado como uma modalidade de turismo que recupera, redefine e utiliza antigas tradições culturais como o artesanato, a culinária. As manifestações culturais de um local, região ou país, identificados ou qualificados como de valor e interesse, são trabalhadas para uso turístico. As atividades do cotidiano, como os costumes culturais, a gastronomia e as práticas da atividade rural – a ordenha, o manejo de gado, as cavalgadas – passam a ser vistos como recursos disponíveis para caracterizar a variação de produtos turísticos buscada pelos consumidores de hoje.

Nessa direção, Urry (2001) afirma que o histórico e a tradição são, na atualidade, muito significativos no consumo turístico, pois, são elementos que podem ser trabalhados para se constituir no “diferencial” buscado pelo consumidor de hoje.

O que acontece no momento é que, à medida que o turismo se transforma em uma grande indústria, de alcance mundial, muitos, ou a maioria dos países serão invadidos por uma onda turística. É uma onda que não se confina a determinados lugares, mas na qual quase todos os espaços, histórias e atividades sociais podem ser material e simbolicamente refeitas para o olhar que não cessa de devorar... (URRY, 2001,p.208).

Para adaptar-se a essas premissas, a atividade turística busca se tornar diferencial, reinventando atrações, mediante a recuperação de antigas práticas culturais, como a recuperação de atividades folclóricas e vinculadas à tradição para se constituir no elemento distintivo, apontado anteriormente como um fator primordial para o consumo de bens não materiais.

2.2.1 O Turismo no Brasil

A extensão territorial, a diversidade cultural e a riqueza de atrativos naturais fazem do Brasil um lugar ideal para o turismo. As belezas físicas do país são descritas, já no século XIX, por Rugendas, Debret, Saint-Hilaire, pintores e intelectuais europeus, como características de um paraíso natural e exótico, um "éden" a ser visitado (BIGNAMI, 2002). No entanto, somente na segunda metade do século XX essas características foram exploradas e as atividades de turismo se tornaram sistemáticas, adquirindo importância econômica e cultural para o país.

O turismo é reconhecido oficialmente como atividade econômico-social, na década de 1950, na gestão presidencial de Juscelino Kubitschek. Pela primeira vez, um dirigente do país menciona, em pronunciamento oficial, a palavra – turismo – e se refere à exploração econômica dessa atividade. Em 1956, a Câmara de Deputados cria uma Comissão Parlamentar de Turismo. Nessa mesma gestão são efetuados vários estudos sobre a viabilidade do turismo e, em 1958, cria-se a Comissão Brasileira de Turismo – COMBRATUR. A nova instituição não recebe apoio administrativo, o que a torna frágil e ineficiente, sendo extinta em 1962 (MOESCH, 1997).

Em 1963, apesar da falta de um organismo de administração nacional, ocorre o 1º Simpósio Nacional de Turismo, em Brasília, no qual se discute e se reivindica a criação de um organismo nacional para o incentivo e regulação das atividades de turismo, propostas que não logram êxito. Em 1966, realiza-se, em Porto Alegre, o 2º Simpósio Nacional de Turismo e, novamente é reivindicada a proposta da criação de um órgão nacional de turismo.

Em novembro de 1966, finalmente, as reivindicações são ouvidas e o então presidente Castelo Branco edita o Decreto-Lei nº 55, que define as bases de uma política nacional de turismo com a criação do Conselho Nacional de Turismo que passa a regulamentar o setor (GOIDANICH, 1993).

Foram criados o Sistema Nacional de Turismo (CNTur) e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), organismos vinculados ao Ministério de Indústria e Comércio, visando ao desenvolvimento do turismo no Brasil, estabelecendo políticas de incentivos fiscais e financeiros. Como uma de suas primeiras atividades, a nova empresa organiza, em 1967, o 1º Encontro Nacional de Turismo. Nesse mesmo ano, através do Decreto Nº 58.743, é regulamentado, o funcionamento das agências de viagens, medida de grande importância para a ordenação do turismo no país.

A EMBRATUR, com o intuito de regionalizar o planejamento do turismo promove convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul – SUDESUL, com a finalidade de realização de estudos na região sul. Firmado o convênio, os estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul constroem o Plano Regional de Turismo, cuja elaboração é assessorada por especialista da Espanha, país onde o turismo alcançava, à época, alto estágio de desenvolvimento (MOESCH, 1997; PAIVA, 2000).

Em 1968, a EMBRATUR inicia a divulgação do trabalho de seu departamento de economia e turismo, publicando as primeiras estatísticas sobre o fluxo internacional de turistas no país: 290.074 visitantes entraram no Brasil nesse ano (GOIDANICH, 1993, p. 83).

Ao se examinar o desenvolvimento do turismo no Brasil é necessário que se distinga o turismo internacional do turismo interno. O grande crescimento do turismo mundial, nas últimas décadas, não apresenta a mesma ressonância no Brasil, pois, mesmo chegando a cinco milhões e trezentos mil no ano de 2000¹², esse volume corresponde a apenas 1% no movimento turístico internacional e a somente cerca de 4% dos turistas internacionais que se dirigem à América. A participação relativa do turismo internacional na receita de turismo no país corresponde a aproximadamente 10% da receita que o setor turístico arrecada (PELLEGRINI FILHO, 1999).

Os atrativos naturais que o Brasil oferece – o extenso litoral de águas claras com areias brancas, áreas florestais, o cerrado e as serras – colocaram o país na área de interesse dos grandes grupos internacionais de turismo como o francês “ACCOR Hotels SOFITEL”, o espanhol “Sol Meliá Hotels & Resorts”, o português “Pestana Hotels & Resorts” que passaram, na última década, a investir maciçamente em empreendimentos turísticos e hoteleiros principalmente no nordeste, como parte da lógica de globalização do turismo.

Na década de 1990, o turismo interno obtém grande impulso. As modificações político-econômicas – a estabilização da moeda e a queda da inflação – possibilitam que novos segmentos sociais passem a incorporar o turismo em suas atividades.

¹² Ver Anexo 3 – Estatísticas OMT/ EMBRATUR .

O turismo nacional vem tendo um crescimento comparável às médias internacionais. Nos últimos dez anos cresce, em média, 3,5%, e passa a empregar 7,4% da população economicamente ativa (Embratur)¹³.

Ainda que os esforços realizados desde o final dos anos sessenta a organização e sistematização de uma política nacional de turismo são recentes no país. Em 1995, traçam-se metas para o estabelecimento do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), desenvolvido de acordo com as recomendações da Organização Mundial do Turismo - OMT, adaptada à realidade brasileira¹⁴. O programa tem por meta implementar um novo modelo de gestão da atividade turística, com a descentralização das decisões, repassando responsabilidades aos Estados e Municípios, para que estes alcancem maior eficiência no planejamento e administração da atividade turística, pois, reconhece que o desenvolvimento das atividades na área tem dependência direta das localidades onde ocorre. O poder público municipal, juntamente com os representantes da comunidade e das instituições privadas locais, são os agentes que podem definir e controlar as ações permitindo, desta forma, um desenvolvimento turístico sustentável nos municípios.

O PNMT evidencia uma preocupação com a sustentabilidade e o estabelecimento de parcerias público-privadas para a efetivação do turismo local (BAHL, 2003, p.55). A adoção dessa política descentralizada tem possibilitado a criação e o desenvolvimento de estratégias diferenciadas entre os estados

¹³ Ver Anexo 3.

¹⁴ Em 1985, a 6ª Assembléia Geral da OMT, realizada em Sófia, Bulgária a OMT adota a Carta do Turismo e o Código do Turista que propugna que os Estados devem formular e aplicar políticas que levem ao desenvolvimento harmonioso do turismo. Seu artigo III recomenda que as políticas sejam realizadas em nível local, regional, nacional e internacional buscando ampliar a cooperação turística num marco bilateral, como multilateral assim como nos marcos da Organização Mundial do Turismo (Dias, 2002, p. 213).

brasileiros, municípios e regiões em cada estado. Entre estas estratégias está o incentivo ao desenvolvimento do turismo cultural.

O vínculo turismo e cultura é histórico, pois, desde o século XVII a elite europeia viaja em busca de cultura. Hoje, se reconhece como turismo cultural a atividade turística que prioriza a busca de informações, de novos conhecimentos que se estabelecem a partir da interação com outras pessoas, lugares, costumes, tradições. Essa modalidade de turismo estabelece um elo entre o passado e o presente, possibilitando o convívio com o legado cultural de diferentes comunidades.

O extremo dinamismo das mudanças sociais, a aceleração do espaço-tempo resultante das condições de vida e trabalho na sociedade globalizada, vem desencadeando uma revalorização do patrimônio e das tradições (IANNI, 1996) que se tornam importantes para o olhar do turista (URRY, 2001) e para o desenvolvimento do turismo cultural. A cultura e o patrimônio histórico passam a ter um valor e interesse sem precedentes. São elementos importantes, no novo mercado de consumo do turismo, e passam a ser apresentados aos visitantes como elementos diferenciais e peculiares de cada sítio turístico.

A preocupação com a preservação e conservação dos monumentos históricos tem sido alvo de políticas sistemáticas desde 1964 com a promulgada Carta de Veneza¹⁵, definindo os conceitos de monumentos e sítios históricos. Em 1972, a ONU¹⁶ (Organização das Nações Unidas), ciente das ameaças de degradação e destruição, adota novas disposições visando ao estabelecimento de um sistema eficaz de proteção do patrimônio cultural da humanidade (DIAS, 2002, p.192). No

¹⁵ Promulgada por ocasião do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos em Veneza, maio de 1964 (Dias, 2002, p.188).

¹⁶ Durante a Conferência Geral para a Educação, Ciência e Cultura, realizada em Paris adota novas disposições.

entanto, só a partir de 1976 quando o ICOMOS - International Council on Monuments and Sites, fundamentado em ações anteriores que examinavam a questão do patrimônio cultural, edita a “Carta do Turismo Cultural”,¹⁷ documento que tem por objetivo promover e assegurar a conservação dos monumentos e sítios considerados patrimônio da humanidade, é que as atividades de turismo cultural passam a ser sistematicamente reguladas e incentivadas (DIAS, 2002).

O documento do ICOMOS, em seu parágrafo terceiro, apresenta a definição da atividade como:

Turismo cultural é aquela forma de turismo cujo objetivo é, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui – para satisfazer seus próprios fins – a sua manutenção e proteção. Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comporta para toda a população implicada.¹⁸

A implementação das atividades de turismo cultural no Brasil foi incentivada pela EMBRATUR, desde sua criação, principalmente nas áreas reconhecidas como Patrimônio Mundial¹⁹. Somente após 1995, com a implantação do PNMT as atividades na área do turismo cultural foram descentralizadas, dando espaço a uma série de ações em nível estadual e municipal.

Na atualidade, projetos específicos de valorização da identidade e da cultural local, estão apresentados como novos roteiros para o turismo nacional, por exemplo, as ‘Festas Alemãs’ no vale do Itajaí, em Santa Catarina, o “Vale dos

¹⁷ A carta promulgada pelo ICOMOS foi subscrita pela OMT (Dias, 2002).

¹⁸ Integra do Documento em : [http:// www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais/cartadeturismocultura.htm](http://www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais/cartadeturismocultura.htm)

¹⁹ Em 2000 o Brasil tinha quatorze itens reconhecidos pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – os conjuntos arquitetônicos urbanísticos de Ouro Preto (MG); Olinda (PE); Salvador (BA); Brasília (DF); São Luiz (MA); Diamantina (MG); Ruínas de São Miguel das Missões (RS); Santuário de Bom Jesus de Matosinho – Congonhas (MG); Costa do descobrimento (BA); Parque Nacional do Iguaçu (PR); Parque nacional da Serra da Capivara (PI); Pantanal Matogrossense (MT); Parque Nacional do Jaú (AM) e Mata Atlântica do Sudeste (BA) .

Vinhedos” e os “Caminhos de Pedra” na área de colonização italiana no Rio Grande do Sul, entre outros. Isso evidencia que a cultura, o passado e o patrimônio histórico são promissores agentes de atração de novos fluxos turísticos, permitindo uma revitalização das economias locais.

Entre os benefícios do turismo cultural distingue-se o aumento do conhecimento e do resgate das culturas locais, de suas tradições, especialmente, às vinculadas à história, música e gastronomia, que serão revitalizadas para se constituírem em um produto turístico (DIAS, 2002).

O turismo rural é outra modalidade de turismo incentivada pelo PNMT, pois, vem crescendo em todo o mundo, principalmente após a década de 1980. As experiências européias, especialmente na França e Espanha, mostraram que a implementação dessa modalidade turística permitiu o desenvolvimento do meio rural sem alterar as características do meio ambiente. Foram criadas novas alternativas de geração de renda para a população sem exigir transformação significativa nos hábitos locais. Entre os inúmeros benefícios que o turismo rural propicia, destaca-se a valorização da cultura local, pois, uma das principais características dessa modalidade é justamente a preservação da vocação original da área e a manutenção dos traços típicos do local.

No Brasil, essa modalidade de prática turística cresceu significativamente após a década de 1990. Em 1994, os empreendedores da área fundaram em Lages, Santa Catarina a ABRATURR – Associação Brasileira de Turismo Rural²⁰, visando a incentivar e regular as atividades no setor. Segundo essa associação, o turismo rural consiste no conjunto de atividades turísticas praticadas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços

²⁰ Dados retirados de <http://www.mma.gov.Br/port/squa/pantanal/site/esptur2.html>

e buscando resgatar e promover o patrimônio cultural e natural da comunidade. Busca distinguir o turismo rural do turismo de massa praticado em praias ou grandes cidades. O diferencial deve estar na forma de atendimento que, no meio rural, é personalizado, realizado de forma familiar, diferente do atendimento massivo no turismo tradicional.

A forma de implementação do turismo rural preconizada é a de um atendimento familiar que ofereça conforto em ambiente calmo, típico da vida fora dos grandes centros urbanos, utilizando as acomodações existentes nas propriedades, com apenas pequenas adaptações que não causem prejuízos à paisagem natural e ao ecossistema.

Essa modalidade tem crescido significativamente nos últimos anos. A ABRATURR conta, atualmente, com cerca de cinco mil propriedades rurais cadastradas para oferecimento de serviços de turismo rural. Vem desenvolvendo projetos que visam à profissionalização do turismo rural e sua transformação em atividade empresarial dinâmica, com a implementação de regulamentação específica. Enfatiza que o turismo rural deve ser uma atividade econômica complementar às atividades já desenvolvidas, não se constituindo em empresa própria de exploração turística. A associação vem buscando, junto à EMBRATUR, a regulamentação para a área que se diferencie da existente para a hotelaria convencional.

Outra modalidade de turismo que vem crescendo nas áreas não urbanas é o turismo ecológico ou ecoturismo. Constitui-se em uma forma alternativa de turismo vinculada à natureza que promove o conhecimento do meio ambiente natural, uma experiência educacional interpretativa e a valorização das culturas locais juntamente com a promoção do desenvolvimento sustentável. É uma modalidade

não apenas lúdica porque pressupõe elementos educacionais e de interpretação. Essa modalidade também se distingue do turismo de massa porque é sempre praticado em pequenos grupos.

As diretrizes para uma política nacional de ecoturismo foram traçadas no Brasil, em 1994, através de uma ação conjunta entre o Ministério de Indústria e Comércio e do Turismo e o Ministério do Meio Ambiente, definindo o ecoturismo como:

Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas (DIAS, 2002, p.280).

A existência de diferentes ecossistemas no Brasil contemplados desde a região equatorial – Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal, a Caatinga, o Manguezal até a Floresta de Araucária no sul, conferem ao Brasil um dos mais altos potenciais para a exploração desta modalidade de turismo.

2.2.2 Turismo no Rio Grande do Sul

As atividades de turismo não são recentes no Rio Grande do Sul. Viagens de lazer de membros da elite para a região da serra e estâncias hidrominerais são rotineiras nas primeiras décadas do século XX, o que origina a construção de vários hotéis nessas regiões.

A proximidade geográfica com a região do Prata, especialmente Buenos Aires e Montevideu, torna possível, a partir da década de 1920, um intercâmbio entre rio-grandenses e platinos. As viagens da elite gaúcha, nessa época, são mais freqüentes à Argentina e ao Uruguai do que à capital ou ao centro do país.

A comemoração do Centenário Farroupilha, em 1935, traz a Porto Alegre um grande contingente de turistas argentinos e uruguaios, o que obriga ao setor receptivo – hotéis e alimentação – a se desenvolverem para receber os visitantes. Nesse mesmo ano, um grupo de empresários de Porto Alegre, funda o Touring Club do Rio Grande do Sul. A nova instituição pretende dotar a cidade de um órgão capaz de recepcionar e prestar informações aos esperados turistas.

Até 1950, o Touring Club é a única entidade a preocupar-se com o desenvolvimento do turismo no Estado. Assina convênios com o Touring Club Uruguayo e o Touring Club Argentino, facilitando o intercâmbio de visitantes entre os três países. Edita e publica inúmeros folhetos sobre as atividades de cunho turístico: o Guia Turístico de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, da Festa da Uva e mapas rodoviários do Rio Grande do Sul. Ainda em 1950, através da Lei N° 997, o Governo Estadual cria o Conselho Estadual de Turismo – CET e o Serviço Estadual de Turismo – SETUR, órgãos oficiais pioneiros no país, que nos anos seguintes servem de modelo para a criação de outras entidades turísticas em outros estados do Brasil (GOIDANICH, 1993, p.45). A nova Lei objetiva a regulamentação dos serviços prestados na área, ao mesmo tempo em que estabelece mecanismos capazes de fomentar e difundir o turismo no Estado, fazendo menção, já em seu artigo 1º, “às estações balneárias, hidrominerais, climatérias e de repouso”²¹, consideradas áreas de reconhecida atividade turística nessa época.

A década de 1950 pode ser considerada o início do turismo moderno, no Rio Grande do Sul, com a inauguração do Aeroporto Salgado Filho, a criação do Parque Estadual da Guarita em Torres e o Parque Estadual de Turismo do Caracol, em

²¹ Anexo 4 - Lei 997 – cria e regulamenta o CET e o SETUR.

Canela (1954). Em Canela, também se constrói a residência oficial de verão do Governo do Estado.

Os anos sessenta consolidam o Serviço Estadual de Turismo, marcados pelo aumento do intercâmbio com os países platinos, e também com os Estados Unidos, quando o Rio Grande do Sul se faz presente na Feira Mundial de Seattle.

Em todos os estados é feita uma extensa divulgação dos atrativos turísticos do Rio Grande do Sul junto às churrascarias existentes em diversas cidades. A carne e o churrasco passam a ser identificados como os ícones do Estado. Ainda na década de 1960, o SETUR inicia a organização do calendário turístico divulgando os eventos realizados no Estado, como A Festa da Uva, Festa das Hortênsias, Festa do Mar, Festa das Rosas, Festa do Milho. Publica o Guia de Hotéis de Praia e Serra do Rio Grande do Sul. Nesse período, o órgão realiza os primeiros estudos sobre o impacto social e econômico do turismo no Estado através de um censo econômico realizado no litoral gaúcho.

O SETUR, com dotação orçamentária específica e uma estrutura administrativa eficaz, passa a divulgar o Rio Grande do Sul em eventos nacionais como FENIT²², o Salão do Automóvel realizados em São Paulo, e, em feiras internacionais como a Feira Mundial de Seattle, Estados Unidos, em 1962.

Em nível estadual, o SETUR incentiva, em todos os municípios onde o turismo é reconhecido como atividade em desenvolvimento, a organização de Conselhos Municipais de Turismo – COMTUR. Entre os primeiros municípios que, à época, constituem os seus respectivos COMTUR estão Gramado e Canela. Em Gramado, o novo órgão encarrega-se da organização de festividades da “Festa das Hortênsias”, e em Canela é organizado o “Festival da Serra”, atividades que podem

²² FENIT – Feira Nacional da Indústria de Tecidos realizada anualmente em São Paulo.

ser consideradas o germe do desenvolvimento da chamada, hoje, Região das Hortênsias, que inclui também os municípios de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, e constitui-se em um dos mais importantes pólos turísticos do país.

Nos anos seguintes, a atividade dos Conselhos Municipais estende-se a outras regiões, sendo esses órgãos responsáveis pela organização de comemorações, como a “Festa do Pêssego”, em Pelotas, e a “Festa Nacional do Calçado” – FENAC, em Novo Hamburgo, eventos, hoje, de grande projeção nacional.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento do turismo na década de 1960 é a expansão da malha rodoviária no Estado, especialmente nas regiões do litoral e da serra gaúcha, assim como a ligação com o Uruguai e a Argentina, facilitando a entrada de turistas desses países. A partir dessa década, intensificase o fluxo de visitantes platinos atraídos ao país, entre outros fatores, pelas vantagens de câmbio.

Na década de 1970, sistematiza-se uma política estadual para a área de turismo, com a criação, em 1971, da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR) e da Companhia Rio-grandense de Turismo (CRTUR). No ano seguinte, o Plano Regional de Turismo traça as diretrizes para o desenvolvimento, enfatizando a necessidade de fortalecer uma estrutura institucional para a organização do turismo no Estado. Entre as metas está explicitada a importância de uma integração da política estadual com a política da União, e ainda do Poder Público com o setor privado para efetivar o desenvolvimento do turismo como um agente de crescimento da economia estadual. O documento refere-se, também, à necessidade de ordenação do setor mediante o estabelecimento de um marco jurídico-administrativo para as empresas turísticas.

Paralelamente, ainda em 1971, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul implanta o primeiro curso superior de turismo, o qual forma os primeiros planejadores e organizadores do turismo, em bases científicas, no Estado. Em 1978, a Universidade de Caxias do Sul funda a Escola Superior de Hotelaria, instalada em Atlântida, litoral gaúcho, onde se formam profissionais que passam a gerenciar os estabelecimentos hoteleiros, criados nesse período, voltados à expansão das atividades turísticas. Essa década é marcada também pela implantação dos primeiros hotéis de categoria superior no Estado, o primeiro em Porto Alegre – Plaza São Rafael, seguido de outros três na serra gaúcha – Laje de Pedra, em Canela, e os hotéis Serra Azul e Serrano em Gramado.

As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, em 1974 o Sesquicentenário da Imigração Alemã e, em 1975, o Centenário da Imigração Italiana exigem grande mobilização dos organismos responsáveis pela atividade turística do Estado.

Em 1974, o Sesquicentenário da Imigração Alemã é comemorado em São Leopoldo com a reconstituição do desembarque dos primeiros colonos. As festividades contam com turistas vindos da Alemanha e dos estados vizinhos.

Em 1975, o Centenário da Imigração Italiana é festejado em Nova Milano, distrito de Farroupilha e em Caxias do Sul, com a participação de representantes do Vêneto, região de origem dos primeiros colonos italianos que chegaram ao sul. Na ocasião, o Papa Paulo VI oferta uma réplica da “Pietà” de Miguel Ângelo ao povo gaúcho.

A década de 1980 é marcada pela expansão da atividade turística em inúmeros novos municípios que passam a reconhecer o turismo como atividade

econômica capaz de promover o desenvolvimento, estando entre estes Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, municípios selecionados para esse estudo.

O turismo no Rio Grande do Sul difere, em atrações, da maior parte do turismo brasileiro, apresentando alternativas como: a Serra Gaúcha; a região de fronteiras com a Argentina e o Uruguai; e as cidades históricas como Rio Pardo e São Miguel, esta última tombada pela UNESCO como patrimônio histórico da humanidade em 1983. Também possui municípios como Erechim e Ijuí onde há a convivência e a integração de múltiplas culturas, trazidas por imigrantes de origens diversas como a polonesa, russa e lituana, por exemplo.

O Estado conta, hoje, com uma variedade de opções segmentadas de lazer e turismo – rural, ecológico, náutico, de pesca, cultural e religioso – sendo reconhecido, nacionalmente, pela qualidade de sua estrutura hoteleira e pela receptividade.

A Secretaria Estadual do Turismo coordena as diversas comissões formadas para planejar e desenvolver ações específicas voltadas para o desenvolvimento destas modalidades de turismo:

- turismo rural - desenvolve projetos em empreendimentos rurais produtivos abertos à visitação e participação de turistas em atividades organizadas, de acordo com particularidades do local onde está sendo implementado, como “um dia na fazenda” ou “um dia na colônia”;
- turismo ecológico com projetos específicos no Banhado Taim, Lagoa do Peixe, Cascata do Caracol, Itaimbézinho que priorizam passeios orientados visando o conhecimento e a preservação do ambiente natural;
- turismo náutico conta com pólo esportivo náutico no lago Guaíba e na Lagoa dos Patos;
- turismo de pesca desenvolve um projeto para pesca esportiva na região de Campos de Cima da Serra;
- turismo cultural coordenando o calendário de eventos e as ações vinculadas à cultura e produtos que potencializam o turismo regional, retratando a diversidade da gastronomia típica gaúcha, como o “Projeto dos Caminhos de Pedra” implantado em Bento Gonçalves;

- turismo religioso coordenando a divulgação dos diversos eventos de cunho religioso como as festas de padroeiros realizadas em diferentes municípios do Estado com a Festa de Nossa senhora de Caravagio realizada em Farroupilha e a Festa de nossa Senhora da Medianeira em Santa Maria.

A implantação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, em 1995, foi fundamental para a descentralização do planejamento dessa atividade econômica, associada à estruturação de uma Política Estadual de Turismo.

A partir de similitudes geográficas e culturais, o Estado é dividido em nove regiões: Região Central, Região Metropolitana; Região dos Vales; Região Sul, Região da Serra, Região do Pampa, Região das Missões, Região das Estâncias Hidrominerais e Litoral Norte que oferecem alternativas para as diversas modalidades turísticas.



Figura 1: **Regiões turísticas no Rio Grande do Sul**

Fonte: [http:// www.setur.rs.gov.br/frames-setur.html](http://www.setur.rs.gov.br/frames-setur.html)

Assim, desde 1995 a Secretaria de Estado do Turismo busca o fortalecimento de uma política de eventos diferenciada. O grande número de festas e feiras dedicadas às diversas culturas das regiões turísticas, apresenta produtos que potencializam o turismo regional, retratando a diversidade da cultura gaúcha.

Verifica-se que o desenvolvimento do turismo é uma preocupação que se manifesta em nível regional e municipal. Vários municípios vêm se organizando e criado associações ou consórcios que objetivam desenvolver o turismo regional através da construção de roteiros específicos, as chamadas “rotas” – a “Rota das Missões”, “Rota das Terras”, “Rota Romântica”, “Rota do rio Uruguai” que constituem projetos turísticos peculiares nas diversas regiões do Estado.

A Rota das Missões integra municípios-sede de antigos Povos missioneiros²³, buscando a revitalização da região com projetos de arquitetura, arqueologia, ambiental e de educação patrimonial. Apresenta um roteiro pelas antigas trilhas guaranis, passando pelos caminhos missioneiros e as estradas dos tropeiros como o objetivo de oferecer pontos de interesse que servem como referenciais históricos, místicos e de lazer para o visitante.

A Rota das Terras situa-se na região central do Estado e agrega em um consórcio vinte e cinco municípios²⁴. Apresenta como objetivos desenvolver projetos e medidas destinadas a promover o desenvolvimento de programas de turismo ecológico, rural, cultural. Apresenta também um projeto para a recuperação de áreas degradadas e das florestas nativas, integradas ao fortalecimento da agricultura ecológica juntamente com projetos para a educação ambiental.

²³ Fazem parte do programa os municípios de Santo Ângelo, Entre-Ijuis, São Miguel das Missões, São Luiz Gonzaga e São Nicolau.

²⁴ Envolve os municípios de Alto Alegre, Boa Vista do Incra, Campos Borges, Carazinho, Colorado, Cruz Alta, Ernestina, Espumoso, Fortaleza dos Valos, Ibirubá, Ijuí, Júlio de Castilhos, Jacuizinho, Lagoa dos Três Cantos, Não-Me-Toque, Panambi, Pejuçara, Santo Antonio do Planalto, Quinze de Novembro, Salto do Jacuí, Santa Bárbara do Sul, Selbach, Tapera, Tio Hugo, Victor Graeff.

A Rota do Rio Uruguai é um projeto turístico integrado por vinte e um²⁵ municípios localizados na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul, entre as ruínas de São Miguel e o Salto de Yucumã. Apresenta grande diversidade cultural, com muitos traços da colonização européia vinculados a diversas etnias como alemães, russos, italianos, poloneses e portugueses e várias atrações naturais para o desenvolvimento do turismo ecológico.

A Rota Romântica agrega treze municípios situados entre a planície do Vale dos Sinos até o planalto da Serra Gaúcha. O projeto busca redescobrir os caminhos da colonização alemã e os rastros de uma cultura que contribuiu para a formação da sociedade gaúcha. Apresenta um roteiro diversificado com atividades variadas: ecoturismo, prática de esportes radicais e festas típicas. A arquitetura e a cultura refletem a predominante colonização alemã e o comércio é repleto de produtos locais: malhas, vestuário de couro, chocolates. Apresenta, como diferencial, uma culinária típica da região colonial. Os municípios objeto de estudo do presente trabalho – São Francisco de Paula e Nova Petrópolis estão situados nesta rota.

²⁵ Fazem parte do projeto os municípios de Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Campina das Missões, Cândido Godói, Doutor Maurício Cardoso, Giruá, Horizontina, Independência, Nova candelária, Nova Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, São José do Inhacorá, Senador Salgado Filho, Santo cristo, Três de maio, Tucunduva e Tuparendi.



Figura 2: Roteiro da Rota Romântica

Fonte: [http:// www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm](http://www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm)

Deve ser mencionado, ainda, o projeto desenvolvido conjuntamente com o estado de Santa Catarina – Caminhos da Neve, roteiro turístico que abrange dezoito municípios das Serras Gaúcha e Catarinense. Estende-se pela área que formava o caminho dos tropeiros no século XVIII para o deslocamento do gado do sul ao centro do país. Por estar localizado na área mais alta dos dois estados sulinos, a incidência de neve no inverno é freqüente e constitui o grande atrativo para os turistas. A proposta do roteiro é oferecer o verdadeiro turismo rural, com acolhimento em hotéis-fazendas e pousadas rurais, para desfrute da gastronomia típica serrana. Fazem parte do roteiro vários municípios catarinenses, entre eles Lages, considerado o berço do turismo rural no Brasil.²⁶

Apresentado, em linhas gerais, o desenvolvimento do turismo como atividade econômico-social que mais cresce na sociedade contemporânea, serão examinadas a seguir, duas diferentes estratégias de implementação do turismo. Nos próximos

²⁶ Fazem parte do Roteiro Caminhos das Neves os municípios da serra catarinense de Alfredo Wagner, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Lages, Lauro Muller, Rio Rufino, São Joaquim, Urubici, Urupema e no Rio Grande do Sul – Bom Jesus, Cambará do Sul, Canela, Caxias do Sul, Gramado, Jaquirana, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes (Teixeira, 2002).

capítulos, a história do povoamento e o desenvolvimento econômico, político e sociocultural de cada um dos dois municípios selecionados para o presente estudo, serão examinados, em profundidade, visando servir de base para a análise comparativa a ser desenvolvida no último capítulo acerca das semelhanças e diferenças dos processos de “reinvenção das tradições e de promoção do turismo nos mesmos.

3 NOVA PETRÓPOLIS: TRADIÇÕES EM UMA COLÔNIA GERMÂNICA NO SUL DO BRASIL

Partindo-se da temática central deste estudo de que o processo de globalização, paradoxalmente, vem sendo acompanhado do fortalecimento de identidades culturais locais e regionais, examina-se, nesse e no próximo capítulo, o município de Nova Petrópolis, localizado, na região de maior afluxo turístico do Rio Grande do Sul, para verificar como está sendo trabalhada a identidade cultural local enquanto objeto mercantilizável no mercado turístico.

Inicialmente, será examinado o contexto, objetivando oferecer um panorama das características fisio-geográficas, da formação histórica e dos aspectos econômicos e educacionais no município. Num segundo momento, serão analisadas as questões referentes à tradição e à cultura, a partir do exame dos grupos étnicos que contribuíram para a formação da cultura no município, identificando as suas principais manifestações.

3.1 O CONTEXTO

3.1.1 Aspectos Físicos e Geográficos

O município de Nova Petrópolis está localizado na Encosta do Nordeste, na Serra Gaúcha, entre os rios Cadeia e Caí, tem uma área de 293 km², da qual

90% é rural. Nova Petrópolis situa-se a 100km de Porto Alegre e a 60 km de São Leopoldo, berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Encontra-se localizado em uma região bem servida de rodovias, em especial pela BR 116, uma das mais antigas e importantes rodovias nacionais, que se constitui, hoje, em um dos elos com o Mercosul. O município é também cortado pela RS 235, rodovia estadual que serve a serra e a Região das Hortênsias.

O território municipal de Nova Petrópolis apresenta uma constituição física bastante diversificada, com altitudes variando entre 32 m a 820 m em relação ao nível do mar, sendo a altitude média 597 m. O clima é ameno, com temperaturas bastante diversificadas em função das grandes diferenças de altitude. O inverno é bastante rigoroso, com freqüentes geadas que deixam a paisagem semelhante às áreas cobertas de neve dos Alpes Bávaros, berço de grande parte de seus primeiros habitantes.

Nova Petrópolis integra a área turística gaúcha denominada “Rota Romântica”, formada por treze municípios²⁷, dos quais doze possuem forte influência de colonizadores alemães, que estão associados em um projeto comum de desenvolvimento turístico para a região, já examinado no capítulo anterior.

3.1.2 Formação Histórica de Nova Petrópolis

A colonização alemã no Rio Grande do Sul teve início em 1824, com a fundação da Colônia de São Leopoldo, na região da antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo.

²⁷ Fazem parte da Rota Romântica os municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Ivoti, Dois Irmãos, Morro Reuter, Santa Maria do Herval, Presidente Lucena, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula.

A primeira fase do processo imigratório, tutelada pelo Governo Imperial, visava a garantir a posse e a exploração das áreas menos povoadas do país e o desenvolvimento agrícola da Província, com a plantação de alimentos de subsistência, pois, essa atividade era pouco praticada pelos descendentes de portugueses que haviam chegado ao território gaúcho e, preferencialmente, se dedicavam às atividades de pecuária em grandes estâncias.

Em 25 de junho de 1824, os primeiros colonos alemães chegaram à Real Feitoria do Linho Cânhamo, posteriormente chamada de Colônia de São Leopoldo e se instalaram em lotes doados pelo Presidente da Província. Nos anos subseqüentes, até 1830, vários grupos de origem germânica chegaram ao Estado, totalizando 4.856 imigrantes. Essa primeira etapa da colonização alemã foi subsidiada pelo Governo Imperial, com o pagamento da passagem, concessão gratuita de um lote de terra e, no primeiro ano de trabalho, de certa quantidade de dinheiro. Em 1830, nova Lei Imperial modifica o orçamento e desautoriza as despesas com a imigração, levando a Província a interromper o processo imigratório

O período correspondente à Guerra Farroupilha (1835-1845) foi marcado por apenas uma pequena afluência de estrangeiros ao Estado.

A segunda fase da colonização teve início em 1847 e estendeu-se a 1854, quando entraram na Província 2.635 imigrantes de origem germânica. Essa etapa não contou com o mesmo incentivo governamental do primeiro momento. Em 1854, a Lei Provincial nº 304 estabeleceu que as terras não fossem mais doadas, mas passassem a serem vendidas aos colonos. A venda poderia ser feita a prazo, desde que esse não fosse superior a cinco anos. A mesma lei autorizava o Presidente da Província a realizar adiantamento em dinheiro aos colonos para que pudessem se

estabelecer nas novas terras e iniciar o cultivo. O cultivo deveria ser realizado pelo colono, seus familiares e mesmo por mão-de-obra assalariada, no entanto era vetado o uso de trabalho escravo nas propriedades das colônias (BARROS, 1976).

O número de imigrantes voltou a crescer, sendo que no período de 1855 a 1859 entraram no Rio Grande do Sul 5.024 novos colonos de origem germânica. Nesse período, na data de 7 de setembro de 1858, foi criada a Colônia Provincial de Nova Petrópolis, em área pertencente a São Leopoldo (PICOLLO, 1989).

O governo provincial, pretendendo ligar, como parte de um amplo projeto colonizador, as áreas já povoadas próximas da capital à “Vacaria de Cima da Serra”, estabelecendo uma rota que permitisse chegar o gado e o charque do sul ao centro do país, passou a incentivar a vinda de colonos para a região da Encosta Nordeste da Serra.

Segundo o projeto governamental, para cada colono que se estabelecesse no novo povoamento, caberia um lote de aproximadamente 50 hectares para a exploração agrícola. A nova colônia foi planejada e distribuída em “Linhas” e “Picadas”. Em cada área deveria ser estabelecido um núcleo colonial homogêneo, com a construção de escola e igreja (DEPPE, 1988).

Para a administração da colônia foi nomeado um diretor vinculado ao Governo Provincial. Vários e de diversas nacionalidades foram os diretores nos primeiros anos, sendo o primeiro de nacionalidade argentina – José Maria Vidal. Foi seguido por alemães, Henrique von Reichenbach, Frederico Bartholomay e um francês, Lothar de la Rue. Em 1877, quando a Colônia de Nova Petrópolis foi desmembrada de São Leopoldo e anexada ao então recém-criado município de São Sebastião do Caí, a administração estava sendo realizada pelo imigrante alemão Guilherme Alberto Sellin (PICCOLO, 1989, p.61).

O diretor da Colônia constituía a autoridade máxima na região. A ele cabia a distribuição dos lotes e dos colonos pelos diversos núcleos estabelecidos. Os núcleos coloniais foram planejados procurando manter uma homogeneidade em relação à origem e à religião professada pelos colonos. Cabia ao diretor a resolução dos problemas que surgissem entre os imigrantes, resultante da diversidade de origem e culturas, do dialeto falado, e a solução dos problemas de infra-estrutura, especialmente a abertura de estradas e os melhoramentos nas Linhas e Picadas. Em várias localidades foram cedidos lotes para a construção de igrejas e escolas.

Apesar do empenho dos diretores, a maioria das reivindicações não era atendida pelo Governo Provincial. Grandes eram os problemas de comunicação, dificultando o escoamento das primeiras safras. Apenas em 1870 foi estabelecida comunicação regular, através da abertura de estrada ligando a sede, Nova Petrópolis, ao porto de Guimarães que estava situado à margem do rio Caí.

Os primeiros imigrantes, provenientes da Pomerânia, província da Prússia, eram, em sua maioria, lavradores. Esse primeiro grupo era formado exclusivamente por protestantes. Vários outros grupos chegaram à região nos anos seguintes. Provinham de distintas regiões e culturas, com diferentes confissões religiosas. Em função dessa diversidade, cada grupo de imigrantes foi assentado em local distinto, nas chamadas “Picadas” ou “Linhas” .

Em 1859, juntaram-se aos colonos alemães de Nova Petrópolis, um grupo de agricultores holandeses católicos que foram assentados na Linha Sebastopol. Nesse mesmo ano, chegaram à Linha Olinda novos imigrantes, de religião protestante, provenientes da Baviera. Este grupo era formado não só por agricultores, havendo alfaiates, carpinteiros, marceneiros e negociantes. A diversidade de profissões causou apreensão entre os governantes provinciais que

esperavam o estabelecimento de uma colônia agrícola. Esses primeiros colonos levaram alguns anos até adaptar-se ao trabalho na terra, sendo que vários abandonaram seus lotes (PICOLLO, 1989).

Em 1860, imigrantes lavradores provenientes da Prússia, a maioria protestantes, ocuparam a Linha Pirajá.

Em 1862, nova leva de colonos, de diversas procedências – Pomerânia, Saxônia, Luxemburgo – e, inclusive, “colonos nacionais”, Manuel Pereira Fagundes, João Pereira Fagundes e Manoel d’Oliveira Flores receberam lotes na Linha Imperial (PICCOLO, 1989, p75). Nesse mesmo ano, colonos de diversas procedências ocuparam a Linha Povoação, também chamada “Statdplatz” (praça central), no local onde hoje está situada a sede do município.

Colonos de outras regiões da Europa como Áustria, França, Holanda, Dinamarca, Rússia, Polônia e, inclusive, irlandeses provenientes dos Estados Unidos, fugindo da Guerra Civil, chegaram à Colônia de Nova Petrópolis, ainda nos primeiros anos de ocupação. Apesar da diversidade, a maioria era constituída de alemães, mas com diferentes origens regionais, culturas e tradições, como ilustra o depoimento de um entrevistado:

Nós temos aí um ponto bem colorido, sendo que alemães eram a grande maioria, mas não alemães de tradições iguais. Basta pensar que muitas vezes esses estados alemães tinham guerra um com o outro, porque a Prússia já esteve em guerra com a Saxônia por muitas vezes, a Prússia e a Baviera. Até hoje os prussianos e os de Munique hoje não se amam assim. Eu sei que havia essas coisas, essas rivalidades, e ainda pensando-se nas guerras religiosas. Esse é o traço deles comum, de origem alemã. Claro, cada um falava o seu dialeto. (Entrevista Nº 7 – historiador)

Pode-se distinguir claramente quatro grupos majoritários, procedentes da

A entrada de imigrantes foi contínua até 1880. Após essa data, poucos colonos chegaram à Nova Petrópolis.

Em todos os assentamentos formaram-se pequenas comunidades rurais, com igreja correspondente à religião da maior parte dos imigrantes locais, escola, sociedade de canto ou esportiva e um núcleo de profissionais diversos. A língua falada e ensinada nas escolas era o dialeto da região de origem da maioria dos habitantes da comunidade local.

A comunicação era muito difícil em função das poucas e péssimas estradas e, também, da dificuldade existente para chegar ao porto do rio Caí, considerado a via natural para que fosse escoada a produção. As condições de acesso ao porto e a difícil navegabilidade do rio, devido à existência de inúmeras cachoeiras, fizeram com que os colonos passassem em grande isolamento seus primeiros anos na nova colônia, fato que em muito contribuiu para a manutenção da cultura e do uso, quase que exclusivo da língua alemã, em seus diversos dialetos, característicos da região de origem, e das tradições culturais.

O isolamento dos imigrantes em relação aos demais habitantes do estado e do país foi, na opinião de estudiosos da história e cultura do município, o principal fator para a construção de uma cultura com características próprias, cooperativa e participativa. Um dos entrevistados assim se manifestou:

O denominador comum eram os problemas básicos, entre os quais a sobrevivência é o primeiro, que o ser humano tem que cumprir. O único jeito de sobreviver é o pessoal se unir. Então, uniram-se muito nisso, mesmo tendo idéias diferentes, então, eles uniram-se e faziam em comum as coisas. Eu acho uma característica que foi, que se criou por causa das dificuldades, forçada pelas dificuldades. Não digo que todos fossem assim. Aí, então, veio o Padre Amstad, que conseguiu, digamos assim, fechar aquilo nas doutrinas cooperativistas, que ele cultivou durante anos, até que em 1902 conseguiu fundar a Caixa.... Uma coisa muito interesse. (Entrevista N° 7 – historiador)

Em 1875, ocorre a emancipação de São Sebastião do Caí, desvinculando-se de São Leopoldo e a colônia de Nova Petrópolis passa a se vincular administrativamente ao recém-criado município.

Nas décadas seguintes, divergências políticas se instauram entre a nova sede municipal e o distrito de Nova Petrópolis. No início da década de 1930, grupo de jovens colonos, simpatizantes das idéias integralistas, mobilizam-se para ato político contra o prefeito de Caí e se dirigem à sede do município em ato de protesto. A ação tem repercussão em todo o Estado e contribui para a instalação de um clima de desconfiança em relação aos habitantes de Nova Petrópolis.

O integralismo teve um núcleo forte no município, organizado por professor vindo da Alemanha para atuar em Linha Imperial. O professor Stratmann chegou a Nova Petrópolis em 1935 e, num trabalho de casa em casa, arregimentou inúmeros colonos para o novo partido. A agremiação cresceu amparada no ideário de Plínio Salgado e em seu lema, “Deus, Pátria e Família”. O uniforme do partido, camisa verde com insígnia e calça preta, era usado pelos colonos nas reuniões partidárias, realizadas normalmente à noite e nos atos políticos como a mobilização contra o prefeito. O insucesso do ato político em São Sebastião do Caí, somado às manifestações dos grupos contrários aos integralistas, levaram à mobilização dos opositores ao partido que obtiveram a expulsão de Stratmann do município.

No período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o isolamento cultural das regiões de imigração alemã e italiana foi fortemente combatido pelo Estado Novo, com intensa campanha de nacionalização. Os integralistas eram confundidos com os nazistas, e todo o cidadão de origem alemã, praticamente toda a população, era considerado cidadão sob suspeita. O uso da língua estrangeira foi proibido em atos públicos em decreto de novembro de 1939. Inconformado com a impossibilidade de

pregar na língua dos colonos, o padre Alfonso Theobald, vigário da paróquia de Linha Imperial, lidera movimento e encaminha documento, com mais de trezentas assinaturas ao presidente Vargas, solicitando licença para pregar utilizando o idioma da comunidade.²⁸ Não obstante as manifestações, o uso da língua alemã foi terminantemente proibido, instalando-se entre os colonos um clima de medo e desconfiança em relação ao Governo. Várias escolas, clubes, sociedades recreativas e culturais foram fechados nos anos seguintes. Somente após 1946, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do Estado Novo, houve a retomada das atividades culturais no município.

Por mais de um século, as atividades agrícolas e artesanais foram predominantes entre os colonos de Nova Petrópolis, fato que em muito contribuiu para que seus habitantes continuassem a manter, em função do isolamento em que se encontravam, as tradições e traços culturais de seus ancestrais.

A situação de isolamento do município só diminuiu, na década de 1950, quando foi inaugurada a Rodovia Porto Alegre – Caxias do Sul, atual BR 116, que corta a região da serra e facilitou a comunicação.

Nova Petrópolis foi emancipada de São Sebastião do Caí em 15 de dezembro de 1954, e em 28 de fevereiro do ano seguinte, Lino Grings foi eleito primeiro prefeito municipal, candidato pelo Partido de Representação Popular (PRP), que agregava antigos simpatizantes do movimento integralista. Sua administração deu nova dinâmica ao município, organizando festas comemorativas ao centenário da colonização, realizadas em 1958.

²⁸ Cópia do documento – Deppe, 1988, p265.

3.1.3 Desenvolvimento Econômico: Nova Petrópolis, Hoje

Como a grande maioria das regiões colonizadas por imigrantes europeus, Nova Petrópolis teve sua formação fundada no trabalho agrícola e no cultivo das tradições, mas, ao longo de seu processo de desenvolvimento, redirecionou o modelo para outras atividades como a indústria coureiro-calçadista, confecção de malhas, indústria de móveis e metalurgia como será examinado a seguir.

A colônia de Nova Petrópolis, como visto anteriormente, foi criada a partir da distribuição de pequenos lotes de terra, medindo de 24 a 48 hectares, sendo que 90% das propriedades possuem área, hoje, inferior a 25 ha. Essa distribuição de terra visava ao estabelecimento de agricultura de subsistência, desenvolvida pelo trabalho familiar.

A sucessiva divisão dos lotes originais por herança levou a uma diminuição maior da área das propriedades, sendo a área média atual de 15 hectares²⁹, determinando a caracterização das mesmas como minifúndio, por possuírem área inferior ao módulo rural.

Os principais produtos cultivados, hoje, são o trigo, o feijão, o arroz, a batata e frutas. Também são criados alguns animais para o consumo e trabalho na lavoura. Atualmente, existem cadastradas, no município, 2.520 propriedades rurais³⁰, sendo 2.120 dessas consideradas minifúndios, 397 pequenas propriedades com área entre um e quatro módulos rurais e apenas três propriedades são consideradas de tamanho médio, possuindo área superior a 72 hectares.

²⁹ Segundo a Lei Federal nº 8629, datada de 25/02/1993, de regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos a Reforma Agrária, o módulo é a unidade de medida expressa em hectares, para cada município, considerando o tipo de exploração e a renda obtida com a exploração predominante. Para Nova Petrópolis o módulo foi estabelecido em 18 hectares. Minifúndio refere-se a propriedade com área inferior a um módulo.

³⁰ Dados obtidos em "Estatísticas Cadastrais – Municipais – volume I – situação 03/04/1998 referentes a distribuição dos imóveis com exploração agropecuária . INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

O trabalho agrícola, em pequenas propriedades, favoreceu a criação da primeira cooperativa de crédito do Brasil e da América Latina, fundada em 1902, a “Sparkasse Amstad” (Caixa de Crédito Amstad) sob a liderança do padre imigrante suíço, Theodor Amstad (SICREDI, 2002). Este fato deu a Nova Petrópolis o título de “berço do cooperativismo de crédito no Brasil”.

O jesuíta Amstad conhecia profundamente o cooperativismo de crédito europeu e, numa tentativa de melhorar as condições de vida dos colonos, reuniu, em Linha Imperial, um grupo de 20 agricultores e, em 28 de dezembro de 1902, lançou os estatutos da Caixa de Economia e Empréstimos que passou a financiar as atividades agrícolas na região.

O cooperativismo foi de fundamental importância para o desenvolvimento econômico do município, tornando produtivos os minifúndios, mediante o incentivo à criação de gado leiteiro, aves e suínos.

Até a emancipação, em 1954, a agricultura e a exploração da pecuária de pequeno porte foram praticamente as únicas fontes de renda da região. A administração do novo município estabeleceu novas bases para o desenvolvimento econômico, com o fortalecimento da agricultura praticada nos minifúndios, mediante o incentivo à utilização de técnicas modernas e do crescimento do cooperativismo. Desempenhou importante papel neste processo de modernização a Cooperativa Agro-pecuária Nova Petrópolis – PIÁ, na década de 1970. Essa cooperativa foi implantada a partir de um projeto binacional entre os governos do Brasil e da República Federal Alemã. O maquinário para instalação foi doado pelo Governo alemão e técnicos alemães instalaram-se na cidade para assessorar a implementação da cooperativa, acompanhando o projeto até 1976, quando retornaram à Alemanha. Atualmente, a Cooperativa PIÁ conta com mais de oito mil

associados e atua numa área de 56 municípios da região, sendo a agricultura, hoje, praticada em moldes modernos, com destaque para a produção de hortifrutigranjeiros, milho, batata e feijão³¹.

Na década de 1960, implantaram-se as primeiras indústrias em Nova Petrópolis, pequenos estabelecimentos na área coureiro-calçadista, de malhas e moveleira que hoje têm importante papel na economia do município.

Nas duas últimas décadas do século XX, houve uma alteração significativa na imagem do município. A antiga tradição agrícola, com a exploração de pequenas propriedades, foi mantida, mas, paralelamente novas atividades fabris e de turismo começam a ser desenvolvidas e estimuladas.

Nova Petrópolis não pode mais ser caracterizado como um município agrícola, pois, apenas 17,9% da renda municipal é originária do setor primário. A atividade industrial é a mais importante fonte de renda, responsável por 42,3% da arrecadação, seguida do setor de serviços com 39,8%.³²

Atualmente, como será visto no próximo capítulo, o setor de turismo está bastante desenvolvido. Conta com oito hotéis, quinze pousadas e cerca de cinquenta estabelecimentos registrados no setor de alimentação – restaurantes e “cafés coloniais”, onde são servidos os produtos coloniais típicos do município.

As entrevistas realizadas durante o trabalho de pesquisa evidenciaram que há preocupação das lideranças para o incremento das atividades vinculadas à exploração do turismo, especialmente voltada para a expansão do turismo cultural, com ações planejadas de incentivo à cultura e ao folclore.

³¹ No ano de 2002 a colheita de milho foi de 9.000 toneladas, batata de 672 toneladas e feijão de 131 toneladas (IBGE @cidades –estatísticas referentes a lavoura temporária por município).

³² Dados obtidos no site FEE – Produto Interno Bruto, a preço de mercado, dos municípios do RS para o ano de 2001.

O município, em 2000³³, tinha 847 empresas registradas no CNPJ, sendo 29,5% na área de indústria de transformação, 32,8% no comércio e 11,1% em empresas dedicadas a alojamento e alimentação. Também estão registradas, no cadastro de contribuintes, 85 associações.

A forma como se estabeleceu a organização econômica do município lhe conferiu aspecto particular, isto é, distribuição de renda bastante igualitária, sem os extremos de riqueza e pobreza característicos do panorama econômico brasileiro. Em 2001, o PIB municipal *per capita* atingiu a R\$10.261³⁴, enquanto o PIB médio no Brasil era de R\$6.954 e, no Rio Grande do Sul, R\$9.144.³⁵ Na classificação do IDESE (Índice de Desenvolvimento Socioeconômico) realizado pela FEE alcançou a classificação 156 – com índice global de 0,7143,³⁶ entre os quatrocentos e noventa e seis municípios gaúchos.

3.1.4 Educação: uma prioridade ao longo da história

Desde o início da colonização houve, na região de Nova Petrópolis, forte e sistemática preocupação com a questão educacional e cultural.

Frente ao descaso da administração provincial com esses aspectos, os imigrantes tomaram para si a organização e administração escolar. As primeiras escolas foram organizadas pelos próprios imigrantes. A comunidade construía os prédios e pagava os professores. Até o princípio do século XX, todas as escolas da região eram particulares, mantidas, na maioria das vezes, pela própria comunidade.

³³ Dados retirados de IBGE – Cidades @ Rio Grande do Sul – municípios - síntese

³⁴ Dados obtidos no site FEE – Produto Interno Bruto, a preço de mercado, dos municípios do RS para o ano de 2001.

³⁵ Dados obtidos no site FEE – Tabela 21 – Valor adicionado Bruto a preço básico, por setor de atividade e total, Produto Interno Bruto a preço de mercado (PIB) e PIB per capita no Brasil, Rio Grande do Sul, Região metropolitana de Porto Alegre e Porto Alegre – 2001.

³⁶ Dados obtidos no site FEE – Índice de Desenvolvimento Socioeconômico – IDESE – Classificação dos 496 municípios gaúchos.

O ensino ministrado visava à aprendizagem de coisas práticas, voltadas para a problemática do dia-a-dia. Na maioria das escolas, o ensino era ministrado no dialeto dos imigrantes com o objetivo de ensinar aos jovens a ler e a escrever, fornecer conhecimentos de matemática que permitissem “fazer contas de cabeça” e realizar cálculos básicos para a vivência diária, como calcular o conteúdo de um recipiente ou, ainda, medir terras. Eram ensinados conteúdos de geografia e história, com especial atenção para as aulas de canto, música e religião. Os primeiros professores estavam ligados à comunidade religiosa, sendo o ensino ministrado pelo pastor ou padre na escola geralmente construída junto à igreja.



Figura 5: **Escola Tradicional de Nova Petrópolis**

Fonte: Schmitz, Arsênio – Uma nova imagem para Nova Petrópolis

A expansão da colonização e o aumento populacional obrigaram a formação de novas escolas onde, muitas vezes, o mestre era um colono imigrante com um pouco mais de conhecimento que os demais. Depoimentos de antigos colonos, nascidos na região de Nova Petrópolis, ilustram:

Na escola nós não falamos nenhuma sílaba em português. O professor também só tinha o 4º ou 5º ano (...). Quando um aluno estava mais adiantado (...) tinha que ensinar aos outros a ler e escrever, guiar a mão ...³⁷

Antigamente era muito difícil porque não tinha nenhum professor que soubesse ensinar português ...³⁸

O ensino foi exclusivamente ministrado nas escolas particulares e comunitárias até o final da década de 1930. Todas as disciplinas eram ministradas em alemão, pois, os professores “colonos” pouco conheciam português, transmitindo os ensinamentos na língua ou mesmo dialeto que era praticado no núcleo colonial. Essa situação gerou problemas políticos, tendo as autoridades governamentais, no período da segunda guerra mundial, considerado o uso da língua germânica um descaso ou mesmo afronta ao país que havia incentivado a vinda e acolhido os imigrantes.

As primeiras escolas públicas foram criadas na região somente com a política de nacionalização implementada por Getúlio Vargas, em 1939. O Estado Novo, visando a melhor integração dos imigrantes à vida nacional, implantou escolas gratuitas em localidades onde já existiam comunitárias ou particulares, isto é, pagas. Essas escolas tornaram-se atraentes, pois ofereciam os livros e o material didático num meio econômico onde o gasto com a educação de muitos filhos era bastante significativo, considerando-se a renda dos pequenos agricultores.

³⁷ Depoimento de Carlos Werle IN: Contribuição para a história de Nova Petrópolis – depoimentos. Deppe, 1988, p. 139.

³⁸ Depoimento de Carlos Müller. Idem, ibidem, p. 141.

No entender da comunidade local a implantação do ensino público contribuiu para uma queda na qualidade do ensino, como explicita o depoimento de um entrevistado, referindo-se às limitações impostas pelo Governo:

E veio aquela proibição (do uso da língua estrangeira). Aí, então, eles foram, e as leis cada vez mais complicadas, eles tentavam mudar para agradar o Governo. Aí foram lá com o Secretário de Educação: escuta, mas não poderíamos trabalhar em conjunto, temos as nossas escolas, tudo bem organizado, por que agora mudar? Aí o secretário disse: “nós sabemos que as escolas de vocês são melhores que as nossas, por isso mesmo vocês têm que baixar o nível para se igualarem as nossas”. Isso disse o Secretário de Educação. Ao invés de, então: vamos trabalhar para levantar o nível de todas. Baixar o nível para se igualarem, isso é uma asneira, é um crime contra o próprio futuro da pátria. Se eles se oferecem a fazer tudo e mudar o que tem que mudar. (Entrevista N° 7 – historiador)

Com a emancipação do município, em 1954, foi estruturado o sistema municipal de ensino e a Secretaria Municipal de Educação passou a gerenciar a educação em Nova Petrópolis. A nova secretaria buscou, ao longo dos anos, manter a tradição educacional fundamentada na preservação dos valores da cultura alemã, principalmente com ênfase no ensino da música.

A preocupação com a escolarização iniciada com os primeiros colonos em suas escolas comunitárias deixou marcas características no sistema escolar de Nova Petrópolis. Os índices de escolaridade sempre foram significativamente mais elevados que os das demais regiões do Estado. O município conta com apenas 2,8% de analfabetos, enquanto este índice é de 10,9% no Brasil e de 5,8% no Rio Grande do Sul³⁹, o que o classifica entre os vinte municípios com maior índice de alfabetização do Rio Grande do Sul.⁴⁰

³⁹ IBGE- Taxa de analfabetismo – PNAD, 2002.

⁴⁰ Dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), publicados pelo Correio do Povo em 5/06/2003.

A área educacional recebe 25% do orçamento municipal, havendo, hoje, no município, trinta e cinco estabelecimentos escolares, sendo onze pré-escolas, vinte e um de ensino fundamental e três de nível médio – uma estadual e duas da rede privada, distribuídas conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Distribuição do Ensino em Nova Petrópolis

Dependência Administrativa/ Nível de Ensino	Estadual	Municipal	Particular ⁴¹	Total
Pré-escolar	6	4	1	11
Fundamental	7	13	1	21
Médio	1	-	2	3

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura - 2003

A Secretaria Municipal de Educação tem sob sua coordenação uma escola de educação infantil, quatro pré-escolas, sete escolas de 1ª a 4ª séries, uma de 1ª a 5ª séries e três de ensino fundamental completo, contando com sessenta e sete professores e atendendo cerca de mil alunos.

O exame do “Plano Estratégico 2001/2004” da Secretaria Municipal de Educação e Cultura evidencia, já na introdução, a preocupação com a manutenção da tradição, como demonstram os parágrafos que apresentam a filosofia e a visão da instituição. Neste, há ênfase para a valorização do educando, considerando suas raízes históricas e a geração de uma cultura de solidariedade, visando uma contínua melhoria da educação no município.

⁴¹ Entre as escolas particulares está uma cenicista, isto é, conveniada a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade que funciona junto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Pastor sediada na linha Brasil.

Na explicitação dos objetivos estratégicos propostos, num total de dez, merecem destaque dois que dizem respeito, especificamente, às questões da cultura e identidade local:

Objetivo 2 – Participação e organização de todos os eventos comemorativos do município⁴²

Como operacionalização desta meta está previsto o apoio às atividades desenvolvidas, entre as quais:

- Feira de Verão;
- Magia da Páscoa;
- Festival do Folclore;
- Bauer und Ocktoberfest,
- Exposições Culturais, teatro, dança, artes plásticas;
- Natal;
- Resgate histórico-cultural.

Objetivo 9 – Desenvolvimento de atividades culturais com as crianças da Rede Municipal⁴³

A implementação deste objetivo prevê o incentivo às modalidades de:

- Flauta;
- Coral;
- Banda Marcial Municipal;
- Poesia;
- Dança;
- Teatro;
- Projeto Arte na Escola – artesões;
- Educação e Turismo rumo ao Progresso;
- Associação dos Professores de Língua Alemã.

Essas metas confirmam a importância atribuída ao ensino da música, reconhecida pela população como um dos ícones da cultura germânica, ao mesmo tempo que, no entender dos entrevistados, mantém uma relação sentimental com o

⁴² Plano Estratégico 2001/2004, SEMEC, Nova Petrópolis, página 12.

⁴³ Plano Estratégico 2001/2004, SEMEC, Nova Petrópolis, página 14.

país de origem, pois, a maioria das manifestações musicais ocorre através da língua alemã.

Os projetos pedagógicos das escolas municipais integram o Plano Estratégico. Cada projeto foi construído pela equipe da escola, obedecendo aos critérios estabelecidos pela Secretaria Municipal, apresentando suas metas e objetivos específicos.

Entre as escolas da rede destaca-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Pastor, que tem sua origem em uma “*Schulgemeinde*” (comunidade escolar), criada em 1898. Seu projeto destaca:

A escola é vista como mediadora das relações entre a educação a sociedade. Constitui um espaço social e cultural de sistematização do conhecimento em seus diferentes níveis de educação como produto histórico, ligado à totalidade social onde se realiza.⁴⁴

O Plano da escola enfatiza, ainda, sua preocupação com o ensino cristão.

As sete escolas unidocentes, multisseriadas, situadas fora da cidade, construíram o projeto político-pedagógico conjuntamente, destacando as peculiaridades de cada uma. Na caracterização individual, cinco escolas fazem referência às parcerias locais com as sociedades religiosas e com os grupos de corais existentes nas localidades onde estão instaladas, sendo que três mencionam a possibilidade de desenvolvimento do turismo.

Outra escola, situada fora da sede, Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Loeser, apresenta, entre suas metas e objetivos:

*“Incentivar a preservação das riquezas naturais impulsionadoras do turismo em nosso município.”*⁴⁵

⁴⁴ Plano Estratégico 2001/2004, SEMEC, Nova Petrópolis, página 31.

⁴⁵ Plano Estratégico 2001/2004, SEMEC, Nova Petrópolis, página 59.

Como já visto, os índices educacionais são favoráveis no município, especialmente se comparados às médias do Estado. Os projetos pedagógicos explicitam os dados referentes ao aproveitamento, em que é praticamente nulo o índice de evasão das escolas do município e bastante baixo o de reprovação, cerca de 7,9% em 2000. Observando as disciplinas em que ocorre a reprovação, verifica-se que é significativo o insucesso em Língua Portuguesa, fato que pode estar relacionado à manutenção da língua alemã nas relações familiares e na comunidade local. As escolas municipais de ensino fundamental ministram alemão como segunda língua, a partir da 5ª série e, em alguns casos, já a partir da 4ª série.

Nas escolas da rede estadual e particular, o idioma alemão é colocado como segunda língua de maneira opcional, sendo ministrado na maioria dos estabelecimentos.

A rede municipal de ensino introduziu, em 2001, como atividade curricular, a dança folclórica, ministrada por professoras especializadas em todas as escolas da rede, inclusive nas rurais, para os alunos de todos os níveis, do pré-escolar à 8ª série. Segundo uma das professoras, a prática propicia às crianças uma atividade sadia, positiva, pois, além de reforçar o aspecto pedagógico de ritmo e relacionamento, permite que se preserve a herança cultural. O objetivo da aula de dança é a preservação das tradições do folclore alemão, tanto que a maioria das danças e músicas trabalhadas são em língua alemã, mas o folclore gaúcho e as danças juninas também têm espaço, segundo uma das professoras de dança.



Figura 6: **Grupo de Danças Infantil ‘Fraldinhas’**

Fonte: <http://www.novapetropolis.com.br/>

3.2 AS TRADIÇÕES E A CULTURA

Para examinar como a população de Nova Petrópolis convive e reconhece a tradição e a cultura local, em primeiro lugar será identificada a composição étnico-cultural da população para, a seguir, analisar quais são as manifestações usuais da cultura reconhecidas como características dos habitantes do município e como se realizam as manifestações vinculadas aos costumes e tradições.

3.2.1 Formação Étnico-cultural

Ainda hoje 90% da população residente em Nova Petrópolis tem origem germânica⁴⁶, sendo outros 10% de várias etnias, destacando-se os descendentes de italianos procedentes dos municípios vizinhos que foram colonizados por essa etnia no fim do século XIX.

⁴⁶ De acordo com dados obtidos junto a Prefeitura Municipal em 2003.

A maioria dos imigrantes alemães que se estabeleceram na região de Nova Petrópolis provinha de regiões onde os costumes e as tradições estavam profundamente arraigados (SEYFERT, 1990). Na nova pátria, em função da localização geográfica dos assentamentos, esses imigrantes tiveram, inicialmente, pouco contato com os habitantes e a cultura local. Estabelecidos em áreas isoladas, nas colônias e picadas, os colonos mantiveram, quase que intactos, a língua, os valores e os hábitos de sua terra de origem.

3.2.2 Tradições Culturais Alemãs em Nova Petrópolis

Neste item serão examinadas as manifestações culturais e as formas como estas e as tradições foram preservadas pelos antigos colonizadores e como são cultivadas pelos atuais munícipes de Nova Petrópolis.

A preocupação com a cultura está presente em Nova Petrópolis desde o início da colonização. Os primeiros colonos já demonstraram a importância que davam à cultura e à educação quando, em função do descaso da estrutura governamental constituída na Província, tomaram para si a iniciativa de criar e manter um sistema de escolarização. Esse sistema tinha como premissa básica ensinar as coisas práticas e úteis para a vida, além de estimular a prática do canto, da música e da religião, aspectos considerados fundamentais para a formação e manutenção da cultura e da língua alemã.

Como mencionado anteriormente, ainda hoje, cerca de 90% da população do município de Nova Petrópolis é de origem germânica. No grupo de entrevistados, selecionados entre lideranças e representantes da comunidade, três não nasceram no município, mas referiram seus vínculos com a cultura germânica. A identificação

com essa origem é um traço que está muito presente na identidade dos habitantes do município, que se consideram “petropolitanos” , como diz um dos entrevistados:

Petropolitano, mas mais é acima de origem alemã. Então, como a maioria hoje são de origem alemã, então, já se conhece mais pela língua, essas coisas, e, propriamente, pelo folclore também. É um povo bastante divertido, bastante musical, porque hoje a música é folclore em cima disso também. (Entrevistado N° 5)

Outro entrevistado afirmou:

Tipo da origem alemã, que trouxeram muito aquelas tradições. Sou Nova Petropolitano, não tem dúvida, sou de terceira geração, mas isso não muda nada. A maioria é descendente de alemães. (Entrevistado N° 6)

Referindo-se a essa origem e a sua importância, outro depoente declarou:

Aqui somos tipicamente alemães. A cultura germânica, tanto na arquitetura, como por parte folclórica ela é muito cultivada na parte germânica mesmo. Somos tipicamente alemães. Somos considerados a cidade mais alemã do Brasil. (Entrevistado N° 8)

Nesse mesmo sentido, outro depoimento enfatizou:

Acho que o habitante de Nova Petrópolis é petropolitano, só que ele mantém muito viva a tradição alemã. Claro que temos italianos, tem os gaúchos, mas é muito forte a questão do folclore do alemão em si. (Entrevistado N° 10)

Pode-se afirmar que as manifestações culturais ocorrem geralmente de forma integrada, pois, os eventos, historicamente, vêm sendo organizados, na maioria das vezes, pela comunidade religiosa como os “Kerb” que se constituem em espaços onde ocorrem apresentações de música – bandinhas, de corais e dos grupos de dança. Nesses eventos, as várias expressões da cultura – música, dança e culinária – aparecem juntas no mesmo acontecimento.

A língua

A língua, conforme Castells, deve ser considerada a expressão direta da cultura e pode ser usada como uma “trincheira de resistência cultural” (p.70, 1999). Como já se mencionou, o idioma dos primeiros colonos era utilizado em todas as formas de comunicação, inclusive no ensino até a década de 1930, quando a política nacionalista de Vargas proibiu o uso da língua estrangeira nas escolas, cultos, repartições públicas, reuniões sociais, vias públicas e, em algumas localidades, até mesmo nos domicílios (BARROS, 1976, DEPPE, 1988).

O ensino da língua de origem dos colonizadores é considerado, ainda hoje, por todos os segmentos sociais do município, um elemento-chave para a manutenção da cultura, pois, a fluência do idioma alemão permite melhor compreensão das manifestações folclóricas – as danças e as canções – que fazem parte das atividades desenvolvidas pela comunidade.

A atual Secretária Municipal de Educação, ao discorrer sobre a importância do ensino da língua alemã, afirmou que o município recebe todo o apoio do Instituto Goethe nas questões metodológicas⁴⁷. No município, existem vários professores habilitados para lecionar a língua alemã e, também, professores dos municípios de São Leopoldo e de Ivoti atuam na cidade. Sobre esta questão, a secretária afirmou:

Então, nunca faltou professor de língua alemã e em todas as escolas é dado. Nós sempre falamos que uma pessoa vale muito mais sabendo mais do que uma língua, é com esse intuito que todo mundo abraçou a causa, não vejo ninguém contra e sabe-se também que se alguém tem dificuldade a gente procura ajudar. No mais eu acredito que todos estejam se sentindo bem, porque o próprio Instituto Goethe tem uma metodologia muito fácil e interessante para

⁴⁷ O Instituto Goethe, em sua sede de Porto Alegre, mantém um programa de cooperação pedagógica visando à promoção e manutenção de uma atitude positiva em relação ao aprendizado do alemão e à cultura alemã, nos quais estão incluídos assessoria nos campos metodológico, didático, e assessoria através do fornecimento de novos materiais pedagógicos referentes ao ensino da língua alemã.

se trabalhar com os alunos a língua alemã.(Entrevista N°1 – Secretaria Municipal de Educação e Cultura)

Vários dos entrevistados referiram-se à importância da manutenção da língua como um elemento-chave para a manutenção da identidade e das tradições. Reconhecem que, muitas vezes, os habitantes da região acabam mantendo um sotaque característico “alemão” que os distingue como próprio dos habitantes do município. Entre suas falas, merecem destaque a de um empresário e participante de um grupo de dança:

Porque nós já nascemos falando alemão. Vamos dizer assim, os nossos pais falavam alemão. Então, para nós era um castigo até falar o português. Propriamente hoje diferenciou um pouco, porque há muitas crianças que não aprendem mais, que os pais são de outras origens. Então, eles não ensinam mais em casa o alemão.... Por causa disso que já tem hoje as aulas em alemão.Há alguns que não tem contato com alemão, que às vezes os pais vieram de fora. Então, eles vão aprendendo, mas eu sempre digo o seguinte: é melhor você saber falar duas línguas do que uma, falar mal duas do que uma mais ou menos. ... Quem sabe falar o alemão fica fácil falar o inglês também, ou entendem até algumas palavras em inglês. (Entrevistado N° 5)

Um professor estudioso de folclore que reside no município afirmou:

A Secretária de Educação conseguiu colocar na cabeça de todos que como temos a língua alemã, então, vamos preservar. E esse projeto foi lançado inicialmente em Nova Petrópolis todas as escolas municipais, particulares e estaduais têm a língua alemã como opção. Isso é muito importante partindo da língua que se conhece. E temos que pensar o seguinte: no interior, se saímos para conversar com pessoas, as crianças estão brincando, elas estão falando o dialeto, estão falando. Então, esse vínculo com a língua alemã, com o dialeto e com o português é muito importante porque é o primeiro passo. (Entrevistado N° 9)

A professora de dança, que ministra aulas em escolas rurais, afirmou:

Eles falam bastante alemão, só que na escola pedimos para eles não falarem somente alemão porque tem coleguinhas que não entendem. Mas, eles falam muito alemão, eles entendem tudo, aqui no interior eles entendem tudo e falam tudo. São poucas as crianças,

aqui em sala de aula, tenho três crianças, das 25, que não falam alemão. Mas, todo o restante fala alemão e os pais também. Escola estadual tem língua alemã. São duas aulas semanais e lá eles aprendem a gramática. (Entrevistada N°10 – professora municipal em uma escola rural)

A diferente origem dos primeiros colonizadores fez com que diversos dialetos fossem mantidos nas localidades onde se instalaram os imigrantes, criando, assim, uma diversidade na língua que, ao longo dos anos, foi se modificando, criando um modo de falar característico da região. Novos termos foram incorporados ao idioma alemão original para designar elementos da realidade da colônia, expressões para indicar elementos da nova realidade, hoje habituais no linguajar, como “*potrea*”, usado para designar potreiro, ou “*punche*” usado para poncho, palavras que fazem parte da fala do dia-a-dia do gaúcho. Houve muitas adaptações, tanto para o português como também de palavras ou expressões gaúchas.

O ensino do idioma alemão é visto como uma característica diferencial, elemento que deve ser preservado, pois, oferece à população, especialmente aos estudantes, uma posição de distinção no competitivo mercado de trabalho, além de oportunidades para novas experiências fora do país, especialmente na Alemanha. O vínculo com as tradições e com a cultura germânica que a manutenção da língua propicia, é salientado pelos entrevistados, como ilustra a fala de uma professora:

Mas também tem muitas pessoas que moram aqui e que tem intenção de um dia estudar na Alemanha, conhecer Alemanha, trabalhar na Alemanha, as firmas alemãs procuram pessoas daqui que saibam bem o alemão, até soubemos de alguns que foram bons alunos em alemão, foram para São Paulo, tem um esquema que através da UNISINOS que alunos que saibam o alemão, jovens que queiram fazer carreira vão a São Paulo e tem um trabalho bem remunerado. Então, existem expectativas de também saber bem a língua alemã. (Entrevista N°13)

Um bem-sucedido empresário da região disse:

A língua foi uma das coisas muito importante que permaneceu. Aliás foi por causa disso que aconteceu o antes e o depois de Nova Petrópolis que é o Projeto Piá. Em 67, quando vieram os técnicos alemães, para essa região, com a intenção de implantar um projeto que como todos os países desenvolvidos tem intenção de implantar em países subdesenvolvidos. O que aconteceu? Eles vieram, mas quando viram a situação desastrosa, o caos econômico, o caos social, disseram que não era possível implantar nenhum projeto. Aqui em Nova Petrópolis, porque a realidade era muito caótica. O que aconteceu? Pelo fato de onde eles foram visitar falavam alemão. Nas primeiras vezes percebi que esses técnicos alemães, ou técnicos de outros países desenvolvidos deixaram-se convencer pelo coração e não pela razão, porque entenderam que o pessoal tinha vindo da Alemanha, os descendentes, e que estavam abandonados e pretenderam um projeto, isso em 67. Se o nosso pessoal não tivesse recebido os técnicos alemães falando alemão, com certeza absoluta hoje a Piá não estaria em Nova Petrópolis e a Piá foi uma revolução no município. (Entrevista nº 15 – Presidente da Cooperativa PIA)

Para os habitantes de Nova Petrópolis, a fluência na língua alemã é aspecto fundamental para manter o vínculo com a cultura germânica, considerada por eles como sua cultura. Um exemplo dessa valoração é a elaboração de revista “*Stt. Paulusblatt*”, editada totalmente no idioma alemão, desde 1912,⁴⁸ e distribuída para todo o Rio Grande do Sul.

A religiosidade

A religiosidade é um traço marcante da comunidade de Nova Petrópolis. Cada núcleo de colonização organizou uma comunidade religiosa de acordo com sua origem européia, originando, desta forma, várias comunidades religiosas luteranas e católicas que perduram até nossos dias, por exemplo, a Comunidade Evangélica,

⁴⁸ A publicação foi interrompida, por ocasião da proibição do uso da língua alemã, no período getulista, tendo sua elaboração retomada no final da década de 1950, alcança hoje uma tiragem de aproximadamente 6.000 exemplares. (ver Anexo 7).

na Sede, a Comunidade Católica, em Linha Imperial e a Comunidade Luterana, em Linha Brasil.

As associações religiosas foram criadas na comunidade com estatutos redigidos pelo grupo, com um sistema de arrecadação para fundos, manutenção e mesmo a construção do templo em terreno doado pelos próprios colonos. Todas as comunidades organizaram o ensino religioso, cemitério e atividades de assistência aos mais necessitados do grupo. Muitas comunidades religiosas se responsabilizaram pelo ensino, sendo o pastor o professor pago pela associação para ministrar também as aulas de conhecimento geral às crianças. As mulheres da comunidade encarregavam-se da assistência aos membros da paróquia. Para tal, realizavam trabalhos manuais e organizavam festas para arrecadar fundos.

Entre as muitas festas organizadas pela comunidade a que mais se destaca é o “*Kerb*” ou “*Kircheweihsfest*” (Festa da Padroeira), originalmente a festa da paróquia (ROCHE, 1969, DEPPE, 1988).

Os bailes “*Kerb*”, como hoje são conhecidos, eram originariamente realizados junto à igreja. Iniciavam com quermesse à tarde, depois ocorriam as danças, sempre animadas pelos músicos e cantores locais. O jantar também fazia parte da festividade. O “*Kerb*” é acontecimento que envolve toda a comunidade, com participação da família, como o demonstram os depoimentos:

Antigamente era assim o *Kerb*. *Kerb*, então os músicos tinham que ficar na frente da igreja, terminava o culto, os músicos tinham que tocar (...). Então tocavam e depois havia o almoço (...). De tarde às 13h30min começava o baile (...)⁴⁹

Se tu moravas perto do salão de baile, quando tinha *Kerb*, então pagavas alguma coisa aos músicos (...) então eles iam na tua casa te buscar com música (...). No terceiro dia de *Kerb* havia cortejo (...).

⁴⁹ Depoimento de Carlos Werle IN: Contribuição para a história de Nova Petrópolis – depoimentos. Deppe, 1988, p. 139.

Então na picada onde tinha o Kerb, iam de um extremo ao outro tocando músicas (...)⁵⁰

Com o passar do tempo, o “Kerb” popularizou-se na região, deixando de ser uma festa exclusivamente organizada na paróquia e passou a ser sinônimo de baile realizado em todas as associações recreativas. É, ainda hoje, um dos principais eventos populares, tradicionalmente realizado por ocasião do aniversário da igreja. Hoje, os “Kerb” fazem parte do calendário oficial de festividades do município, que buscou distribuí-los em diferentes datas para que não houvesse coincidência de eventos em localidades próximas⁵¹.

A música

A música sempre foi valorizada e considerada como cultura a ser cultivada. A expressão de um antigo morador é emblemática de como essa é valorizada – *“onde se canta podes ficar, pessoas más não sabem cantar ”*⁵². As sociedades de cantores, além de reunir os cantores, se faziam presentes na vida da comunidade, atuando em todas as ocasiões especiais. Nas cerimônias fúnebres, os corais sempre se faziam presentes e quando o enterro era de um dos membros do grupo, a solenidade tinha caráter diferenciado, com homenagem particular. Periodicamente, eram organizados eventos competitivos entre várias sociedades, as chamadas Festas de Cantores – *“Sängertreffen”*.

A musicalidade, presente já entre os primeiros imigrantes, é considerada um elemento também típico da identidade do povo germânico que se expressa nas

⁵⁰ Depoimento de Albino Kopper. Idem, *ibidem*, p. 173-4.

⁵¹ Ver Anexo 6 - Calendário de eventos relativo aos meses de janeiro e fevereiro de 2004.

⁵² Depoimento de antigo morador Arlindo Michaelsen . IN Idem, *ibidem*, p. 153.

bandinhas, nos corais que existem em todo o município e nas diversas sociedades de canto.

Um entrevistado, Presidente da Fundação Cultural e locutor de uma rádio local que transmite musica típica alemã, comentando a questão da música e da tradição alemã em Nova Petrópolis disse:

Desde o início a música sempre teve muita influência em Nova Petrópolis. Temos várias bandinhas típicas, temos dezenas de corais no município. Então acho que a música, hoje, é um dos pontos de cultura de Nova Petrópolis. (Entrevistada N° 14)

Referindo-se especificamente sobre o reconhecimento do papel música e, especialmente da rádio, afirmou:

A Rádio Imperial hoje é muito diferente de outras emissoras do estado e, até do país. ...Estamos numa emissora que roda 24 horas, FM, 104.5. Abrangemos dois terços do Rio Grande do Sul. Trabalhamos quase que única e exclusivamente em cima da cultura alemã. Porque em primeiro lugar nosso diretor é de origem alemã, gosta muito de cultura alemã. Ele fez várias viagens a Alemanha, gosta muito de bandinha. Então inseriu isso na rádio. A rádio no início era bem popular, tocava até pagode, só que depois foi passando para o lado da cultura alemã e, podemos dizer que deu certo. recebemos em 2002 e 2003 vários prêmios de audiência em primeiro lugar, não só aqui, mas em outras regiões como Vale do Caí, Vale dos Sinos. Então temos uma audiência muito boa. Rodamos muita música alemã da Alemanha. Rodamos a "*folksmusic*", "*folks*" é música do povo, tem identificação com as bandinhas de Nova Petrópolis.o jovem escuta a Imperial, ... nós locutores fizemos bailes no interior, então vemos que o jovem está lá, está dançando, está gostando da música, está cantando, está vindo para a nossa promoção, para o nosso baile. (Entrevistada N° 14)

O relato do radialista é indicativo do valor atribuído à música por todos os habitantes do município, inclusive os jovens, mesmo convivendo, através dos meios de comunicação, com a moderna música pop internacional, não deixam de cultivar as bandinhas e as músicas folclóricas alemãs.

A culinária

O ambiente e o clima diverso que os imigrantes encontraram no Rio Grande do Sul forçou-os a criar novos hábitos alimentares. Alguns pratos da culinária típica germânica foram abandonados ou reformulados face à indisponibilidade dos ingredientes básicos.

A situação de isolamento a que foram sujeitos nos primeiros anos de colonização obrigou os colonos a produzirem os ingredientes necessários para sua alimentação. Nos pequenos lotes que receberam passaram a cultivar, junto com os tradicionais produtos da alimentação tradicional germânica, novos produtos originários da América, como o milho e o aipim que rapidamente foram incorporados a culinária.

O milho passou a substituir o trigo e o centeio na fabricação do pão, um alimento que faz parte de todas as refeições dos alemães. O aipim foi incorporado na alimentação como substituto da tradicional batata-inglesa um dos principais alimentos nas mesas na Alemanha (SEYFERT, 1990).

A criação de animais domésticos como aves, vacas e porcos permitia que cada família produzisse seus suprimentos como ovos, leite, manteiga, nata e a fabricação do queijo caseiro, da “käschnier” (ricota). A carne mais consumida era a de porco. O abate deste animal se constituía em um evento do qual participava toda a família e, muitas vezes, os vizinhos próximos. Eram feitas lingüiças, banha e outros derivados. Ao término da produção era servida uma grande refeição a todos os participantes. Hoje, a produção de derivados de suínos deixou de ser uma tarefa exclusivamente doméstica e esses produtos produzidos em Nova Petrópolis são reconhecidos na região da Serra pela sua qualidade.

Os produtos coloniais, como são chamados os derivados de leite e os embutidos de porco, passaram a ser reconhecidos como produtos típicos das regiões de colonização alemã e essa identificação passou a ser utilizada como marca de Nova Petrópolis. Esses produtos acrescidos dos pães típicos, da cuca e das tortas alemãs são servidos no chamado *café colonial*.

O *café colonial* é atualmente uma marca da cidade, um dos principais produtos do marketing turístico. A atual Secretária de Turismo do município afirmou:

Há 30 anos Nova Petrópolis não era muito conhecido, nasceu muito por meio de nosso café colonial. O café colonial, praticamente surgiu aqui em Nova Petrópolis. Então ali que ele começou a nascer e foi se desenvolvendo. Foi o foco principal, o nosso café colonial. Havia aqui o Recanto Suíço, foi um dos primeiros; havia a Floricultura Úrsula, a firma deles, e ali se criou muito em cima do café colonial. E foram se criando alguns hotéis, e aquilo foi crescendo praticamente em conjunto. (Entrevistada Nº 4 – Secretária de Turismo)

Referindo-se às peculiaridades da culinária local, sempre associadas ao que chamam de *estilo alemão*, outra entrevistada, professora de alemão, que trabalha no projeto de reconstrução da história e da tradição no município, afirmou:

Temos tantas coisas peculiares em Nova Petrópolis, que não existem em outras cidades, acho deveríamos até procurar manter mais tudo dentro do estilo alemão, porque o estilo brasileiro, em si, é encontrado em todos os lugares, um bom hotel, um bom restaurante, ... por exemplo, um restaurante que sirva pratos bem alemães. o Colina Verde é o mais próximo, mas isso é colonial alemão. (Entrevistada Nº 13)

A declaração da entrevistada deixa claro que a culinária, hoje, do município é o resultado de adaptação da antiga culinária tradicional alemã.⁵³ O que hoje é servido nos restaurantes e reconhecido como colonial alemão, uma culinária que

⁵³ O Restaurante Colina Verde, situado na Linha Olinda, está classificado pelo Guia 4 Rodas de Restaurantes, publicação da Editora Abril para o ano de 2004, entre os 257 Restaurantes Estrelados do Brasil. Recebeu o Prêmio Refeição Colonial nas últimas edições do referido Guia.

funde as antigas tradições da culinária alemã trazida pelos imigrantes com os alimentos que estiveram disponíveis aos colonos no ambiente brasileiro.

Em resumo, pode-se afirmar que a população de Nova Petrópolis cultua as tradições germânicas de seus ancestrais, especialmente mantendo a língua, a musicalidade e traços da culinária germânica presentes nas diversas atividades do dia-a-dia da população, constituindo-se em diferencial marcante da comunidade.

4 “IDENTIDADE DE PROJETO”: A REINVENÇÃO DA CULTURA ALEMÃ EM NOVA PETRÓPOLIS

A cultura e a identidade, entendidas como uma construção em processo, têm elementos dinâmicos que se configuram ao longo do processo histórico, não podendo ser examinadas como um produto acabado. Segundo Castells (1999), esses elementos reorganizam seu significado em função das tendências sociais e projetos culturais enraizados na estrutura social e em uma visão de tempo/espaço.

A maneira como esse processo está se desenvolvendo em Nova Petrópolis permite supor que esteja, na conceituação de Castells (1999), a construção de uma identidade de projeto, enquanto, um movimento coletivo que busca a transformação, de forma planejada do modelo de desenvolvimento econômico e social do município nas últimas três décadas.

Partindo-se da hipótese central deste estudo, de que as mudanças econômico-sociais da sociedade globalizada e a adoção de um novo padrão de desenvolvimento econômico desencadeiam a formação de um projeto de identidade cultural local passível de mercantilização no mercado turístico, e de que a formação do processo identitário tem por base o processo de socialização, o exame da política educacional é de fundamental importância, destacando-se, desde já, que a preservação das tradições culturais é meta prioritária no município conforme será

visto no próximo capítulo. Posteriormente, examinar-se-á a forma como ocorre a participação da comunidade neste processo. Por fim, será realizado um estudo das atividades específicas de turismo no município de Nova Petrópolis, enfocando, principalmente, como a “reinvenção das tradições” alemãs tem buscado oferecer um produto turístico diferenciado no mercado.

4.1 AS POLÍTICAS MUNICIPAIS E A CULTURA

Nas duas últimas décadas, as tradições culturais passaram a ser alvo de políticas municipais específicas em Nova Petrópolis, com a formulação de um projeto de resgate cultural histórico. Desde meados da década de 1980, um grupo de estudiosos locais, coordenados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura e pela Secretaria Municipal de Turismo, vem desenvolvendo um trabalho de recuperação da história e da memória dos colonos, procurando recuperar as tradições a partir do estudo da origem dos diversos grupos que habitam as distintas localidades, linhas ou picadas. Ao mesmo tempo, foi iniciada, junto ao setor educacional, a reconstrução da história da colonização, tornando-se curiosidade e objetivo de toda a população, como se observa pelas falas dos entrevistados.

Uma entrevistada, que foi Secretária de Turismo do município nos anos de 1990, discorrendo sobre a redescoberta das tradições, em especial referindo-se ao processo de resgate da culinária original dos primeiros imigrantes, afirmou:

Nós coordenávamos isso muito com os grupos, porque tínhamos um trabalho muito com a comunidade de reuniões, para podermos apresentar alguma coisa de Nova Petrópolis tínhamos primeiro que saber as nossas origens. Por isso que fomos atrás desse potencial todo e queríamos saber, enfim, de onde provínhamos e de porque tínhamos tipos de falas em alemão de dialetos

diferentes. E eu percebia isso conversando com as pessoas, eu tinha curiosidade de saber o porquê disso. Foi em cima disso que fomos descobrindo uma série de outras coisas, parecia um novelo de lã que fomos desenrolando, desenrolando e foi encontrando mais coisas. Inclusive tivemos resgate na parte da culinária também de algumas coisas que não tínhamos o porquê deles estarem fazendo algumas atividades em alguns lugares e outros eram totalmente desconhecidos. (Entrevista Nº 12)

Outra professora, que trabalhou na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, coordenando o processo de reconstrução da memória do município, comentou:

Notávamos que havia um interesse de saber um pouco mais dos antepassados, essa nossa caminhada pelo interior, falando com pessoas idosas e perguntando coisas que ninguém tinha perguntado para eles, porque a preocupação dos imigrantes não era de criar as coisas materiais, eram para a sobrevivência. Então, como essas coisas todas de resgate, questionários sobre antepassados, de como eles cozinhavam, sobre o que eles vestiam, de que jeito se vestiam, como eram as festas, tudo isso fazia parte do nosso questionário. (Entrevista Nº 13)

O interesse na pesquisa sobre os antepassados, buscando conhecer as origens lingüísticas e culturais, é sentimento que tomou conta dos munícipes, influenciando, inclusive, o comportamento de moradores que provêm de outras regiões. Um dos entrevistados de origem alemã, proveniente de outra região do Rio Grande do Sul, no relato de sua experiência na cidade, evidencia esse interesse:

Então, vejo que o pessoal cultiva muito essa questão da cultura alemã, os traços inclusive, aqui se trabalha, vai atrás da sua descendência, como veio o teu bisavô. Nunca pensei em fazer isso aí, de como foi o primeiro Guth, quando que veio o primeiro Guth para o Brasil. Aqui em Nova Petrópolis vendo que as pessoas vão atrás disso eu também fui. De onde vieram os ascendentes da minha mãe? De que região da Alemanha? Então, o pessoal faz muito isso e eu vendo que eles fazem isso e que é bonito isso aí também fui atrás. Então, o pessoal cultiva muito. (Entrevista Nº 14)

O projeto de recuperação da cultura e da tradição se estendeu também para a arquitetura, com a reconstrução e preservação de casas e prédios históricos, e a recuperação de mobiliários coloniais. Uma das responsáveis pelo trabalho de recuperação do patrimônio arquitetônico do município, em seu depoimento, descreve a tarefa e suas repercussões:

A mesma coisa aconteceu com as casas, com os prédios, só que aí chegamos um pouco tarde no que se refere aos móveis, já tinham comprado os móveis antigos de todo mundo em troca de um móvel um pouco moderno. Então, o pessoal deixava-se convencer pelas pessoas de fora que percorriam o interior e iam levando baús. Sim, levavam tudo. Então, chegamos um pouco tarde para conscientizar que isso era pena, mas ainda salvamos alguma coisa e na época também foi construído o parque, ajudamos no acabamento do parque, aquelas casas todos trazidas do interior com a sua história e quando essas pessoas do interior que ainda tinham casas enxaimel viram a reconstituição, a reconstrução, como ficava bonito, eles mesmos dedicaram-se a restaurar uma casa dessas enxaimel que possuíam. Então, felizmente algumas foram salvas, não digo que foi só mérito nosso, mas aquilo foi visto com outros olhos quando vemos que uma coisa antiga fica bonita e tem valor. (Entrevistado N° 13)

A construção, na década de 1980, do Parque Aldeia do Imigrante, em área de nove hectares no centro da cidade, ilustra a forma como o processo de valorização da cultura se materializou no município. O parque abriga a reconstrução de antigos prédios históricos, de estilo enxaimel, recriando uma aldeia imigrante do período de 1875 a 1910. A Aldeia incluía uma capela que tinha em anexo uma casa paroquial e um cemitério, a “venda”, com um salão de baile, a “Bauernkasse”⁵⁴ (Caixa de Crédito Agrícola), uma residência, uma ferraria, e uma escola comunitária, com a casa do professor. Todas as edificações foram trazidas de diversas localidades do interior do município e reconstruídas da maneira mais fidedigna possível na área do atual Parque.

⁵⁴ Foi reconstruído o prédio e instalações da primeira cooperativa, fundada em 1902 na Linha Imperial, pelo Padre Amstad.

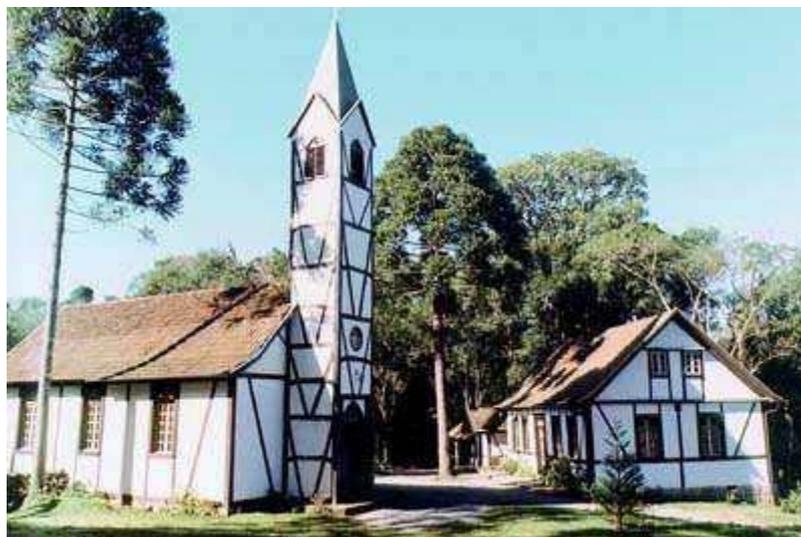


Figura 7: **Parque Aldeia do Imigrante**

Fonte: <http://www.riogrande.com.br/np-historia.htm>

A Secretaria de Educação e Cultura, além das tarefas específicas da área de educação, é muito atuante na área cultural. Os aspectos relativos à cultura são de responsabilidade da Subsecretaria da Cultura, que coordena todas as atividades específicas do setor. A preservação das tradições culturais é a principal preocupação da subsecretaria, que exerce efetivo trabalho de incentivo aos vários grupos locais que mantêm atividades culturais.

Entre esses órgãos merece destaque a Fundação Cultural de Nova Petrópolis, entidade autônoma, sem fins lucrativos, que coordena várias atividades culturais do município. É mantida por doações feitas pelas empresas locais, por meio de convênios realizados com a Prefeitura Municipal e por verbas de projetos de incentivo à cultura, em nível estadual e federal. A fundação é gerida por um

membro indicado pela comunidade – presidente – que desenvolve as atividades de coordenação por meio de trabalho voluntário.

A Fundação Cultural tem como finalidade incentivar as atividades artístico-culturais, o cultivo das tradições e do folclore local. Realiza trabalho especial em relação à música, organizando vários eventos de cunho musical, entre os quais o Festival de Música Estudantil, o Festival de Coros Infanto-juvenis, o Encontro Regional de Flautas, o Dia do Músico e o Concerto Natalino. A instituição mantém os seguintes grupos de trabalho:

- Orquestra de Sopros - composta por instrumentos como saxofone, trompete e clarinete, que se apresenta em eventos e oferece gratuitamente aulas para jovens nessas modalidades;
- Grupo de Meninas Cantoras - composto por trinta jovens, entre oito e dezenove anos, que se reúnem em ensaios semanais. O grupo tem realizado, nos últimos anos, apresentações em âmbito estadual e, inclusive, em outros estados;
- Hora do Canto - tem o objetivo de despertar o interesse pela música, reúne crianças de dois a doze anos que, além de cantar, se iniciam nos princípios de teoria musical. Muitas dessas crianças passam, depois, a fazer parte do Grupo de Meninas Cantoras;
- Grupo de Artesões - formado por trinta artesões que expõem e comercializam seus trabalhos no Parque Aldeia do Imigrante. Desenvolvem, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o Projeto Arte-Escola, junto às escolas municipais com o objetivo de incentivar os trabalhos artesanais.

Outra entidade que exerce papel fundamental na manutenção da tradição é a Associação dos Grupos de Dança. A Associação recebe verba municipal para auxiliar na manutenção de suas atividades.

Existem, atualmente, no município, sete grupos que representam as diferentes regiões e etnias formadoras da população, representando as diversas localidades do município. Os grupos são formados, em sua maioria, por jovens, pois são subdivididos em categorias por faixa etária, desde os “fraldinhas”, mirim, infantil e

adulto, categoria que reúne os grupos de casados. Cada grupo busca resgatar as origens e tradições de seus ancestrais, pesquisando músicas e trajes utilizados na área de origem dos colonizadores. Essa atividade é desenvolvida de forma profissional, científica, como ilustram as falas de duas professoras incentivadoras da busca das origens culturais:

Nós buscamos subsídios em livros, procuramos no Instituto Goethe, e algumas coisas nos ajudaram da Alemanha para tentarmos fazer essa reconstrução, mas tivemos muitas dificuldades nessa reconstituição dos trajes. (Entrevista N 12- Ex-secretaria de Turismo)

Aqui chegaram quatro grandes grupos de imigrantes e conservaram-se mais ou menos agrupados por causa da nossa geografia que é um pouco difícil ainda hoje, com altos e baixos, com montanhas e vales, mas na época era mais difícil ainda pela ausência de estradas. Então, ali onde eles se localizavam praticamente tinha que ficar. Então, se concentravam os quatro grupos, um grupo que era da Bohêmia que fica mais na Linha Imperial, Linha Brasil, Linha Araripe, o grupo do Hunsrück ficou mais no Pinhal....Então, aos poucos cada grupo queria saber de onde eles procediam, qual era a região da Alemanha que era a origem daquela localidade, por exemplo, a Linha Imperial. (Entrevista Nº 13 – Professora de alemão)

Hoje, os estudos sobre folclore, músicas e trajes originais dos colonizadores são orientados pelo Centro de Estudos em Folclore da Casa da Juventude, em Gramado, entidade reconhecida nacionalmente pela sua competência na área.

A Associação dos Grupos de Dança atua em eventos recreativos e culturais no município, tendo importante papel na organização do Festival de Folclore, realizado anualmente, e tem representado o folclore regional em outros estados brasileiros, inclusive em eventos internacionais, já tendo se apresentado na Argentina, Estados Unidos, Portugal e Japão. Neste último país, a associação realizou convênio com duração de dois anos para a permanência de um grupo folclórico em parque temático, com a alternância de grupo a cada seis meses.

A preocupação com a tradição e a manutenção da cultura não é uma atividade restrita aos organismos oficiais e associações especializadas, estando presente no dia-a-dia da população. Todos os entrevistados do município fizeram menção à importância da preservação da cultura, salientando que devem valorizar o passado, conhecer a história de seus antepassados. Reconhecem o valor da cultura para o município, especialmente como elemento de atração para o visitante, no entanto, pelo que foi manifesto pelos entrevistados - “o produto cultura” – existe, mas estão cientes de que muito mais deve ser realizado em termos de divulgação. “*Falta, para Nova Petrópolis, o marketing*”, como afirmaram, de forma diferenciada, vários entrevistados.

Uma das entrevistadas, especialista em turismo, referiu-se a necessidade de reforçar as políticas públicas para que haja continuidade do projeto até agora desenvolvido, ao dizer:

Cultura, esse é o produto e não é preciso fazer grande esforço nesse sentido, é manter o que foi criado, o que já existe, não deixar desfigurar, não deixar corromper, prostituir. ... Entendo, por trabalhar com políticas públicas, que se houver a retomada das políticas públicas que alavancaram esse processo. (Entrevista N° 11)

Outro entrevistado, também com experiência em administração na área de turismo, fez declarações semelhantes, referindo-se à necessidade de motivar a população para o desenvolvimento do turismo cultural, dizendo:

Devia-se fazer alguns empreendimentos, devia haver uma motivação maior em relação ao turismo. A tradição, o folclore, a cultura de Nova Petrópolis pode ser um elemento de marketing para o turismo. ... a cultura é o cerne do desenvolvimento turístico, porque a cultura permanece, as outras coisas como cascatas, belezas naturais podem até desaparecer de um momento para outro, mas a questão cultural, a tradição, o linguajar, até praças devidamente ornamentadas, ou colocados monumentos como aqui em Nova Petrópolis, hoje um dos monumentos mais visitados é do centenário do SICREDI na praça. (Entrevista N° 15)

Esses depoimentos indicam que a população tem consciência do papel da cultura no município – patrimônio a ser preservado – e que deve ser utilizado para o desenvolvimento do turismo, mas, para tanto, deve haver maior mobilização através de políticas municipais específicas que divulguem, em toda a comunidade, as ações empreendidas.

Paralelamente ao incentivo às questões da cultura, a Secretaria de Educação está dando respaldo a iniciativas específicas na área da educação para o turismo como a iniciada na Escola Bom Pastor. Essa escola, situada a 14 km da sede, reconhecendo o grande potencial turístico da região, introduziu, entre as metas e objetivos propostos em seu Plano Pedagógico para o ensino regular, uma nova disciplina. Nessa escola, foi construído o projeto “Educação e turismo rumo ao progresso”⁵⁵. Considerado projeto pioneiro no município, começou a ser implementado em 2001, e tem por objetivo incentivar a investigação na escola e proporcionar conhecimento básico na área de turismo.

A experiência reconhecida pela Secretaria Municipal, foi implementada em 2003, em uma segunda escola localizada na cidade. O projeto foi operacionalizado mediante de aulas de turismo para os alunos da 5ª à 8ª séries. Na Escola Bom Pastor, as atividades realizadas são⁵⁶:

- na 5ª série, é dado aos alunos noção de turismo e de preservação;
- na 6ª série, quando é estudada a comunidade, são desenvolvidos estudos sobre os atrativos e potencialidade da localidade e realizados trabalhos práticos como plantio de flores, sinalização dos pontos turísticos e limpeza da Rodovia RS235;
- na 7ª série, os alunos conhecem todos os atrativos turísticos do município e entram em contato com a Secretaria de Turismo;
- na 8ª série, são estudados a “Rota Romântica” e o Estado. São visitados os municípios que fazem parte da rota. Para tal atividade, a Secretaria de Educação disponibiliza transporte.

⁵⁵ Ver Anexo 5.

⁵⁶ Informações obtidas em contato com a Profa. Magdalena B. Hillebrandt autora do Projeto (ver Anexo 7).

A disciplina está inserida no currículo regular da escola e, como tal, obedece aos parâmetros de método e avaliação previstos no projeto político pedagógico. A Secretaria de Educação tem como meta, nos próximos anos, implementar o projeto “Educação para o Turismo” em outras escolas da rede municipal.

4.2 PARTICIPAÇÃO: UM TRAÇO DA COMUNIDADE DE NOVA PETRÓPOLIS

O associativismo é outro traço reconhecido da identidade do habitante de Nova Petrópolis, identificado como aspecto que se desenvolveu já entre os primeiros colonizadores e se fortificou como resultado das condições de isolamento a que foram submetidos os primeiros colonos. Isolados em uma região de difícil acesso, foram obrigados a agir em grupo para poderem resolver os problemas que se impunham. Apesar das diferentes origens geográficas e religiosas, a união foi necessária para o estabelecimento de padrões de convivência já nos primeiros anos na nova colônia.

Um dos entrevistados, discorrendo sobre essa característica da identidade dos habitantes, afirmou que a interação entre os colonos foi um elemento fundamental para a sobrevivência do grupo.

Então esses colonos vivendo isolados, é lógico que eles desenvolveram aqui uma cultura ... justamente de interação. O denominador comum eram os problemas básicos, entre os quais a sobrevivência é o primeiro, que o ser humano tem que cumprir. (Entrevistado Nº 7 – historiador)

As diferenças existentes, especialmente religiosas e de origem geográfica, foram superadas frente os problemas comuns a serem solucionados. A união foi

fundamental para a resolução dos problemas que se impuseram aos novos habitantes.

Após os primeiros anos de relativo isolamento começaram a ser fundadas, em cada comunidade, as sociedades de canto, de ginástica e tiro ao alvo – “Schützenvereine” – que reuniam os moradores nos momentos de lazer.

As sociedades de cantores foram organizadas em todas as comunidades, inclusive em localidades onde não havia igreja ou escola. A comunidade masculina, com mais de 18 anos, reunia-se, organizava os estatutos e elegia uma diretoria para a associação, que tinha por objetivo alegrar e participar da vida na comunidade, pois, se faziam presentes em todas as comemorações, inclusive nos atos fúnebres. Somente após a segunda década do século XX essas sociedades aceitaram a participação feminina. Cada sociedade cultivava os costumes e a música de sua região de proveniência e tinha bandeira própria que a identificava.

As sociedades de ginástica e os clubes de tiro ao alvo eram também recreativos, organizados de forma semelhante às sociedades de cantores, com estatutos e diretoria eleita democraticamente entre todos os membros. Cada membro do clube de tiro ao alvo possuía suas próprias armas e uniforme que caracterizava os sócios para as festividades. As competições e torneios reuniam, além dos sócios, suas famílias, esposas, filhos e outros membros da comunidade, ocasião em que era realizada uma festa. Essas sociedades eram também de participação exclusivamente masculina, em que as mulheres participavam apenas das festas e dos bailes “*Königschiessen e Königsball*” (*Competição Real de Tiro e Baile Real*).

O associativismo – traço cultural desenvolvido pelos descendentes dos imigrantes alemães, ao longo dos cento e cinquenta anos que marcam a história do

município, se expressa, ainda hoje, na existência e atividades de múltiplas entidades e associações tradicionais como as sociedades recreativas, grupos de danças e os corais. A comunidade, de maneira geral, é muito participativa, sempre que convocada se mobiliza, buscando soluções conjuntas para os problemas que surgem, como evidenciam os depoimentos recolhidos ao longo da pesquisa.

É algo espontâneo, as festas na comunidade, a limpeza da nossa cidade, a questão da hospitalidade, a limpeza da nossa cidade, as flores... , não arrancam as flores dos canteiros, nós damos muito auto-estima, valorizamos, cada um faz sua parte para manter isso. (Entrevistado N° 1 – Secretária de Educação)

A atual Secretária de Turismo, relatando a participação da comunidade na organização dos eventos turísticos, diz:

Temos uma participação bem legal. Se tu não tem parceria com os outros tu não fazes nada. Sozinho ninguém faz nada. Então, procuramos colocar bastante a nossa comunidade em conjunto conosco em trabalhos. Por exemplo, agora vai ter a “Bauerfest” que é o festival da colônia, então estamos buscando bastante a comunidade para nos ajudar, para se entrosar conosco. Temos boa parceria ... as mulheres também participam. (Entrevistado N° 4)

A maior parte dos entrevistados reconhece e descreve as formas de participação da comunidade, relatando a mobilização dos novos segmentos, especialmente dos jovens e das crianças que participam das atividades da comunidade que cultuam a tradição, como ilustra o depoimento.

Os jovens também participam. ... o meu filho também participa, a minha filha também participa. A minha filha canta nas Meninas Cantoras e o meu filho dança. Então, às vezes, o que acontece? Ela já estava dançando também, mas agora ficou mais com as meninas, porque elas têm ensaios de quatro horas, às vezes até cinco horas no sábado, então, é bastante puxado. ... agora está fazendo faculdade, está fazendo cursinho, então, ela vai ter que parar, porque vai ter aulas aos sábados à tarde. Então, ela já estava chorando, um troço que já faz anos, é uma das mais antigas que há dentro das Meninas Cantoras. Então, ela fica triste quando se diz que ela ou vai para um lado, ou vai para outro; mas ela diz que assim que se formar vai participar do grupo de dança. (Entrevistado N° 5 – empresário)

Percebe-se, então, quanto à participação nas atividades folclóricas, que os depoimentos indicam que há uma passagem natural de um grupo ao outro: as “meninas cantoras”, quando ultrapassam a idade do grupo, dezoito anos, integram-se nos grupos de danças. As crianças iniciam a participação no “grupo mirim” e à medida que avançam em idade vão se integrando a outras atividades. O atual presidente da Associação dos Grupos de Dança, também membro do Conselho Municipal de Turismo, profissional da área de comunicação, com trinta e cinco anos de idade, relatou que desde menino participa das atividades culturais, enfatizando que a juventude local é muito participante.

O processo participativo de mobilização, especialmente no que diz respeito ao cultivo das tradições é resultante de um trabalho persistente e contínuo das lideranças políticas e educacionais do município. Segundo as palavras de um dos entrevistados:

Se as lideranças da época não quisessem, não tivessem despertado para sair do invólucro que estavam escondidas as tradições, evidentemente elas não teriam acontecido. E foram as lideranças da época que fizeram com que as pessoas despertassem para isso e começaram a explorar. A questão de participação do planejamento vejo de duas formas: uma são aquelas pessoas que têm interesse direto que estas tradições lhes tragam algum benefício, principalmente financeiro, participam, mas é uma participação que podemos dizer de um pouco interessada. O outro segmento da população que não tem esse interesse incluído, poderia ser de forma mais, engajadamente, participar, por vezes são olvidadas, não tem uma participação direta. Existe muita riqueza, não só em Nova Petrópolis, mas, em muitos municípios, nas comunidades que basta dar um alô que essa comunidade desperta e participa. (Entrevistado N° 15 – empresário)

Praticamente, toda a população entrevistada enfatizou a necessidade de se fazer um trabalho de maior incentivo à participação da comunidade, seja no aspecto da tradição, do cultural ou do ensino.

Entretanto, essa participação, em alguns momentos, é obstaculizada por rivalidades políticas bastante presentes na municipalidade de Nova Petrópolis e são reconhecidas como um obstáculo ao desenvolvimento do turismo. Observa-se uma falta de continuidade administrativa ao longo do projeto de desenvolvimento turístico instaurado na década de 1970. Embora a Secretaria de Turismo tenha sido gerida por cerca de vinte anos pela mesma pessoa, uma técnica da área educacional, o apoio, especialmente financeiro às entidades culturais, não foi contínuo. Seu depoimento sobre sua função é bastante ilustrativo.

Iniciei na Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, as minhas atividades, no dia primeiro de agosto de 1975 e assumi a Secretaria de Turismo em 1978. Eu fiquei praticamente vinte anos na Secretaria Municipal de Turismo como Secretária Municipal. Eu não tinha filiação política, sempre fui cargo de confiança e houve diversas mudanças de Prefeitos, inclusive com partidos diferentes. Graças a Deus sempre com respeito pelo meu trabalho e não pelo que eu pudesse significar politicamente. Acho que a gente tinha um trabalho muito forte junto com a educação, porque usamos o suporte da educação para o turismo, que era o que tínhamos sempre de muito expressivo em Nova Petrópolis. Eu vi que faltava um novo impulso, de mostrarmos o que sabíamos fazer para outras pessoas. Esse era o diferencial que eu via que tínhamos que divulgar como Nova Petrópolis. Essa riqueza cultural que nós tínhamos que os outros municípios não tinham, eu via isso como o nosso diferencial. (Entrevistado N° 12)

Desavenças partidárias entravaram, em algumas ocasiões, a continuidade e o desenvolvimento dos projetos elaborados para área. No entanto, percebeu-se, nas entrevistas, que são situações esporádicas, por exemplo, a relatada por um entrevistado.

O poder público aqui em Nova Petrópolis está integrado, mas houve falha, inclusive eu andei criticando muito, parece que eles se flagraram. Aqui que têm uma Fundação Cultural. Então, houve uma rivalidade política entre o Prefeito e um vereador do PMDB. Então, o Prefeito acabou tirando o apoio à Fundação Cultural, a orquestra da Fundação Cultural não pode retomar os ensaios por falta de recursos. E eu voltei de lá e falei na rádio: nós temos cultura em Nova

Petrópolis de boca para fora, isso é uma pouca vergonha. Aí se flagraram, agora se entenderam.(Entrevistado N° 7 - historiador)

Outro entrevistado, referindo-se à falta de apoio político para as atividades culturais, afirmou:

Politicamente eles não têm essa força. Quem faz essa comunidade são as pessoas que fazem, a música, o canto coral, uma grande parte, são pessoas que fazem por conta, é um trabalho que vive da boa vontade da maioria das pessoas. Então, isso é muito importante, porque politicamente tem que haver uma cultura política, e ela não é tão boa assim. (Entrevistado N° 9 – estudioso de folclore)

As entidades civis, isoladamente, contam com grande participação da comunidade. São exemplos desse envolvimento as já examinadas Fundação Cultural e Associação dos Grupos Folclóricos. No entanto, as divergências políticas impedem, muitas vezes, um trabalho conjunto, como evidencia o depoimento de um entrevistado:

Existem projetos, já participei do projeto, só que existe o seguinte: tu só poderás produzir quando você abraça uma causa e não interrompe. Nós temos muitas interrupção das coisas: eu quero assim; não é, não existe, você tem que pegar aquilo que é bom, preservar e melhorar, não mudar aquilo que é bom para fazer como você quer. mas a continuidade política não existe, existe uma interrupção. O que acontece em Nova Petrópolis é que o poder cultural é manipulado demais, há mudanças. (Entrevista N° 9)

A comunidade, especialmente os líderes das associações, ressentem-se do pequeno apoio financeiro por parte do poder municipal. No ano de 2003, o poder municipal investiu cerca de 6,5% do orçamento em despesas com equipamentos e atividades vinculadas ao turismo. Esse percentual pode ser considerado significativo se comparado com os gastos do outro município em estudo com relação aos investimentos na área turística. Porém, a população, na voz dos

entrevistados, faz ressalvas à forma como esse montante é gerido. As lideranças que atuam na política são questionadas.

Os empresários do município também criticaram a elite política. Na visão destes entrevistados, a participação existe, mas, é mérito das iniciativas privadas como a organização de um núcleo de gastronomia e de um núcleo de hotéis. São os empresários que encabeçam iniciativas próprias para chamar turistas para a cidade. As campanhas são criadas pelas entidades, pouca coisa é resultado de ação política. Explicando o funcionamento e mobilização da comunidade um entrevistado afirmou:

Na verdade, só tem um representante do Poder Público e um do Poder Legislativo, o resto, são todas associações individuais: a ACI, que é a Associação da Indústria e Comércio, Associação do Grupo de Danças e várias ONGs. (Entrevistado N° 8)

O depoimento de um líder empresarial é bastante significativo e sintetiza o pensamento expresso por vários outros entrevistados.

O povo de Nova Petrópolis é maravilhoso no aspecto de participação, de colaboração, de interação, de integrar-se com os outros e de buscar soluções conjuntas e não isoladas. Basta líderes bons e que seja ao lado dessas pessoas de Nova Petrópolis que com certeza consegue ótimos resultados. (Entrevista N°15)

Um entrevistado, empresário, participante de um grupo de dança, comentando a participação da comunidade disse:

Os jovens também participam. Hoje o bolão é um troço bastante diversificado, têm os jovens, têm as mulheres também que jogam, antigamente eram só os homens. Hoje são as mulheres também que participam. Há gurias novas, há rapazes novos que participam, como há pessoas de idade também que estão participando ... eles gostam, senão nem iam. (Entrevistado N° 5)

O atual presidente da Fundação Cultural, comentando a questão, afirmou que a entidade sobrevive de padrinhos, de madrinhas, de empresas que patrocinam e de convênios com a Prefeitura, com o Governo do Estado e, também, a nível federal. Enfatiza que sempre é muito difícil manter uma Fundação Cultural, mas há uma participação efetiva da população, num trabalho que estão procurando aumentar porque há possibilidades, a população gosta. Sobre esse envolvimento, relatou:

Tivemos, em dezembro, um concerto que fazemos todos os anos, o concerto natalino, e o público gostou demais. Então, se você promove coisas relacionadas à cultura o povo participa e vê que aquilo que eles estão doando, aquilo que estão ajudando realmente está valendo a pena. (Entrevistado Nº 8)

As lideranças políticas são questionadas por não manterem, ao longo dos últimos trinta anos, em que o turismo passou a ser uma atividade significativa para a economia do município, uma continuidade nos incentivos para as atividades culturais. Essas reivindicações se fizeram presentes, principalmente, nas declarações feitas pela elite intelectual, professores e estudiosos da história e cultura do município. Para esses entrevistados existem peculiaridades, no que se refere ao incentivo à participação, pois falta continuidade, há mudanças na política cultural, gerando certo desinteresse da população.

Uma entrevistada, professora de outra região do Rio Grande do Sul, que está residindo no município, ao analisar esse processo fez menção à descontinuidade, afirmando que os grupos folclóricos vêm perdendo espaço.

Parece que houve um esvaziamento desse significado maior que era de fato fazer com que o turismo estivesse a serviço dessa valorização cultural e não a valorização cultural a serviço do turismo. No meu entendimento o perigo é essa inversão que está se dando agora. Com o desestímulo que foi registrado, que esteve presente nesses oito anos, nessas duas gestões que eu mencionava [as duas últimas administrações], grupos folclóricos foram perdendo espaço,

não havia mais aquele interesse da Secretaria de Turismo em abrir frentes para colocar a cultura de Nova Petrópolis no palco e, com isso, perdeu-se muito espaço e os grupos de dança ensaiam, as famílias, os pais levam os filhos, investem, gastam para criar os trajes, enfim, mas só que tem que ter espaço para revelação dessa cultura e esses espaços foram diluindo-se, foram encolhendo cada vez mais. (Entrevista N°11)

Outra entrevistada, professora envolvida no projeto de reconstrução da história e da cultura do município, comentou que, para alguns políticos, há outras prioridades que exclusivamente o turismo. Este, nos últimos anos foi considerado fator importante, no entanto, a situação financeira sempre se constitui em um problema. Na sua percepção, se deixou de fazer algumas coisas, algo mais pelo turismo, no entanto, não é possível identificar os reais motivos que determinaram a mudança de prioridades.

Uma das entrevistadas, vinculada à elite político-administrativa do município, examinando o desenvolvimento do turismo, refere-se ao estabelecimento de um trabalho mediante parcerias. Os dois maiores projetos de incentivo à atividade são resultado de parcerias com outros municípios da região, os já examinados Rota Romântica e Veraneio na Serra Gaúcha, este último realizado conjuntamente com o SEBRAE, instituição que se responsabiliza pela divulgação. Há uma grande adesão dos setores envolvidos na atividade de turismo à ação. Essa modalidade implica um trabalho conjunto da comunidade de Nova Petrópolis com os outros municípios envolvidos no projeto.

Os relatos dos atores sociais pesquisados evidenciam que é inegável a mobilização da comunidade nas ações de preservação da cultura e de incentivo ao turismo. Há compreensão por parte da população da importância destas ações, no entanto, a prática política de apoio a essas atividades não tem se mantido constante ao longo dos anos. Os resultados, como o desenvolvimento das

atividades turísticas, a divulgação da imagem e da identidade de Nova Petrópolis, devem ser creditados, principalmente, à mobilização da própria comunidade e seu forte espírito associativo e participativo.

Pelas ações descritas de envolvimento de toda a comunidade de Nova Petrópolis na construção de um novo modelo econômico-social, fundado na exploração das atividades turísticas, planejado sempre coletivamente, se reconhece um processo de “identidade de projeto” que, conforme Catells (1999), resulta de uma responsabilidade coletiva e pressupõe uma transformação social. Os depoimentos evidenciaram que há uma mobilização clara em busca dessa transformação.

4.3 O TURISMO EM NOVA PETRÓPOLIS

O turismo é, hoje, uma das mais significativas atividades econômicas do município. A localização na serra gaúcha e o clima do município são dois elementos físicos que muito contribuem para o desenvolvimento dessa nova atividade econômica, a eles se somando a intensa programação cultural desenvolvida.

O antigo modelo agrícola, baseado na exploração das pequenas propriedades a cada ano mais subdivididas, passou a evidenciar fragilidade. A proximidade com os municípios de Gramado e Canela, onde a atividade turística, desde o final da década de 1960, vinha sendo fortemente praticada, despertou o interesse das elites políticas por este setor.

Nova Petrópolis, como visto anteriormente, emancipou-se de São Sebastião do Caí, em 1954, sendo que as quatro primeiras administrações municipais operaram uma estrutura administrativa pequena, na qual a Secretaria de

Administração era a encarregada de gerir o turismo, coordenando o COMTUR (Conselho Municipal de Turismo). Este conselho era composto por sete membros, escolhidos entre os líderes da comunidade e foi o organismo responsável pelo setor de turismo no município, tendo desde o início de suas atividades centrado o foco do desenvolvimento do setor nas especificidades culturais do município.

Em 1974, na gestão do Prefeito Alfonso Andrés Grings, foi criada a Secretaria Municipal de Turismo, órgão que passou a gerenciar as atividades vinculadas ao setor, tendo como principal preocupação a expansão das atividades turísticas em Nova Petrópolis.

Até a década de 1970, a rede hoteleira do município contava com apenas três pequenos hotéis, classificados como de categoria turística simples, sendo a cidade mero ponto de passagem, onde o turista não se detinha, como demonstra o depoimento da ex-Secretária de Turismo:

Nova Petrópolis ficava em um nicho geográfico muito bem localizado, mas éramos simplesmente ponto de passagem. Isso fez com que a gente olhasse esse aspecto e se indagasse: as pessoas passam por Nova Petrópolis e por que as pessoas não param, nem que seja por cinco, dez minutos. (Entrevista N° 12)

Nessa oportunidade, esse questionamento levou a elaboração pela Secretaria Municipal de Turismo e Secretaria Municipal de Educação e Cultura e com a assessoria do Curso de Turismo da PUCRS, de projetos visando a incentivar e implementar o turismo no município. O depoimento da secretária que ficou à frente do órgão gerenciador do turismo por cerca de vinte anos, permanecendo ao longo de administrações municipais de diferentes partidos políticos, é indicativo dessa mobilização:

Então, esse foi o nosso grande objetivo. Na época recorro que tínhamos no interior dezessete corais, treze bandas típicas, bandinhas que chamamos, tínhamos em torno de sete grupos de dança. Era esse o nosso tesouro mais expressivo, a nossa riqueza. E nós dançávamos, fazíamos as festas para nós mesmos. Eu vi que faltava um novo impulso, de mostrarmos o que sabíamos fazer para outras pessoas. Esse era o diferencial que eu via que tínhamos que divulgar como Nova Petrópolis. Essa riqueza cultural que nós tínhamos que os outros municípios não tinham, eu via isso como o nosso diferencial. Gramado e Canela tinha a Cascata do Caracol como atrativo natural muito forte, enfim, aqui se criou o chocolate, o Lago Negro. Todos eles tinham alguma coisa assim como carro-chefe. E nós usávamos os nossos grupos e a nossa música como carro-chefe, sempre procurando dentro do suporte da cultura, da origem alemã, todos os nossos traços que pudessem indicar os nossos diferenciais em relação aos outros municípios. Essa sempre foi a grande preocupação. Enquanto eu estava à frente da Secretaria, por isso dentro do possível a gente já tinha começado uma série de ações que fortalecesse esses traços para que houvesse uma continuidade, que a minha preocupação sempre foi essa continuidade de como prosseguir para não perdermos. Isso, ainda acho uma coisa bastante complicada e, por isso que a PUC foi uma grande parceira nesse trabalho do curso de Turismo, porque, enfim, lá eu tinha um suporte técnico-científico. (Entrevista Nº 12)

Como foi salientado pela entrevistada, a tradição cultural, e, especialmente a música com os corais e as “bandinhas” foram usados como elementos-chave para promover o município.

A municipalidade investiu na nova área econômica, edificando ou reconstruindo praças e monumentos que pudessem ser referências turísticas de Nova Petrópolis. Entre estes, destacam-se:

- Torre de Informações – é um pórtico na entrada da cidade, entroncamento das duas principais rodovias BR116 e RS 235. Foi construído em estilo medieval, com 25 metros de altura, com mirantes que permitem observar várias atrações da cidade.
- Praça da República – conhecida como a Praça das Flores, situa-se na praça central da cidade e faz parte da planta original da cidade, “Stadtplaz”, de 1858.
- Praça Theodoro Amstad – está situada em Linha Imperial, a 7 km da cidade, sendo homenagem ao iniciador do cooperativismo no Brasil.
- Labirinto Verde – situado na praça central, foi construído a partir de ciprestes cuidadosamente plantados e aparados para formarem um labirinto em formato de círculos, com passagens que conduzem ao ponto central.



Figura 8: **Labirinto Verde**

Fonte: <http://www.novapetropolis.com.br/pontostur.htm#labv>

- Parque Aldeia do Imigrante – localiza-se no centro da cidade. Apresenta a reconstrução de uma aldeia, do período da colonização até o princípio do século XX. Além dos prédios restaurados que compõem a aldeia existe um espaço para a venda de produtos típicos locais. No parque são realizados a maioria dos eventos oficiais do município.
- Centro de Eventos – inaugurado em 1999, está localizado próximo ao centro da cidade e ao Parque Aldeia do Imigrante. Conta com uma área de 4.200 m², subdividida em pavilhão para exposições, auditório, praça de alimentação e restaurante. Dispõe de infra-estrutura que permite a utilização de moderna tecnologia de sonorização e informática.

Vários pontos turísticos referentes a natureza e a paisagem do interior do município foram recobrados e adaptados para atrair visitantes. Entre estes, destacam-se:

- Pinheiro multissecular – está localizado na Linha Imperial, com 45 m de altura e circunferência correspondente a 7 pessoas de mãos dadas.
- Panelão de São Roque – situa-se a 18 km do centro da cidade. É uma formação rochosa com quedas d'água com uma saída subterrânea.
- Ninho das Águias – está a 702 m de altitude e forma uma rampa para o vôo livre, oferecendo uma bela vista do vale do Caí.

- Monte Mallakoff – é próprio para o montanhismo. Apresenta paredes verticais com mais de 100 m de altitude. Está localizado numa área de matas nativas com diversas trilhas para o ecoturismo.
- Cascata Johann Grings – localiza-se em Linha Imperial. Em sua base está o alicerce da primeira serraria do município, construída em 1862.
- Vale do Rio Caí – é uma bela vista do vale, onde podem ser observadas plantações de frutas e hortaliças.
- Morro da Árvore – “Property” – situa-se perto da cidade e oferece uma bela vista da paisagem local.

São vários os eventos organizados pela Secretaria de Turismo, destacando-se os que estão vinculados às tradições culturais dos antigos colonizadores e conservam o nome original na língua alemã:

- “Frühlingsfest” (Festa da Primavera) – Salão de paisagismo realizado no mês de setembro.
- “Bauern und Oktoberfest” (Festa de Outubro e do Colono) – Festa Colonial de Outubro, como o próprio nome indica, é realizada em outubro na Aldeia do Imigrante.
- “Deutsche Weihnachten” (Natal Alemão)– Festa de Natal realizada no mês de dezembro, também na Aldeia do Imigrante.

Fazem parte, ainda, do calendário turístico do município, eventos anuais como:

- Feira de Verão – realizada nos finais de semana dos meses de janeiro e fevereiro no Parque Aldeia do Imigrante. São realizadas apresentações de bandinhas e de grupos folclóricos num espaço onde são comercializadas comidas típicas, “chopp”, artesanato, produtos coloniais e malhas produzidas no município;
- Magia da Páscoa – ocorre no período da Páscoa, oferecendo programação com muitas atividades para crianças, como encenações teatrais, peças infantis, oficina de doces e chocolate;
- Festimalha – realizado nos finais de semana dos meses de maio e junho. É um evento que reúne as mais de setenta malharias do município que apresentam seus lançamentos em desfiles e colocam a venda, por preços promocionais, sua produção. Ocorre no Centro de Eventos da cidade;
- Festival de Folclore - é organizado pela associação dos folcloristas com a participação de grupos das diversas etnias colonizadoras.

O Festival de Folclore vem sendo realizado no mês de julho durante todos os finais de semana, no Centro de Eventos da cidade. Os sete grupos de danças existentes no município⁵⁷ fazem apresentações, incluindo as diversas modalidades de cada um, os fraldinhas, mirins, infantil e adulto. Contam, também, com a participação de grupos de outras regiões do país ou do estado, imbuídos em preservar as origens germânicas e seu apego às tradições. Durante o Festival de Folclore ocorre a apresentação de bandinhas e são realizadas competições germânicas típicas tais como tiro ao alvo e bolão. São servidos pratos da culinária local, e “chopp”, com espaço para a venda de produtos coloniais característicos.

O crescimento do turismo é visto pela maioria dos entrevistados como uma alternativa para o desenvolvimento econômico-social do município, enfatizando que é uma fonte geradora de recursos para áreas não diretamente envolvidas com atividade como vem sendo demonstrado pela confecção de materiais de artesanato. Os depoimentos dos entrevistados identificam o turismo como a atividade econômica que mais cresce no mundo, e se referem às vantagens da atividade turística como fonte de riqueza proveniente, nas suas palavras, “de uma atividade limpa”, que não ocasiona a poluição típica da indústria de transformação como bem ilustra a fala de um entrevistado:

Eu acho que o turismo é uma das melhores fontes limpas de desenvolvimento. O maior trabalho, a maior fonte de riqueza é o turismo e o Brasil detém 5% do turismo mundial, infelizmente, nós somos fracos nisso. Então, o que acontece? Nós estamos ainda como turismo de interior, um turismo do Brasil, não do exterior. Quem vem para cá? Em Gramado é a mesma coisa, uma porcentagem de uruguayos, argentinos talvez sejam maiores, para nós também, mas o

⁵⁷ Os grupos representam as diversas localidades do município como “Grupo de Danças Folclóricas Internacional de Nova Petrópolis” agrega participantes em sua maioria da sede; “Böhmerlandtanzgruppe” (Grupo de Dança Folclóricas da Boêmia) da Linha imperial; Grupo de Danças Folclóricas “Sonnenschein” da Linha Brasil; “Volkstanzgruppe Freundschaftskreis” (Grupo de danças Folclóricas Círculo da Amizade) de Vila Olinda; Grupo de Danças Folclóricas Internacional Casados representa Sociedade Cultural Recreativa Tiro ao Alvo da Sede; “Volkstanzgruppe Edelstein” de Fazenda Pirajá e o “Lustige Volstanzgruppe Bergtal” (Grupo Alegre de danças Folclóricas do Morro) de São José do Cai.

turismo internacional só temos em Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro.
(Entrevistado N° 9)

Os entrevistados reconhecem a potencialidade do município para o desenvolvimento de um tipo de turismo ainda pouco explorado na região, o turismo cultural, ao mesmo tempo que identificam a importância do trabalho que vem sendo realizado em relação à valorização das tradições e do folclore, como ilustra o seguinte depoimento:

Acho que a principal porta para o turismo é o folclore. Hoje, lógico, como Nova Petrópolis, um município limpo, bonito, com flores, que da própria origem alemã já vem isso, o cultivo do verde, das flores, as árvores, tudo, as casa mais ou menos arrumadas. Tudo isso influi e já vem no berço da própria criança isso. Então, o folclore para o turismo é algo diferente, que a maioria das pessoas que vêm para cá para o turismo vêm de outros Estados, e os outros Estados são diferentes. Eles têm costumes diferentes, e quando vêm aqui enxergam os nossos costumes, o que nós temos, então, o pessoal fica espantado e gosta daquilo ali. (Entrevistado N° 5)

Essa percepção é partilhada por vários entrevistados, as manifestações foram diferenciadas, mas sempre enfatizando o aspecto da cultura como se pode verificar a seguir:

Não somos tão formosos e famosos quanto Gramado, por outro lado, temos o que Gramado não tem que é uma história que pode ser representada em trajes típicos, bandas e danças a qualquer dia, a qualquer momento...(Entrevistada N° 11)

Uma das entrevistadas menciona, em sua fala, o estilo alemão, afirmando que este pode se constituir em um diferencial marcante na caracterização do município.

Temos tantas coisas peculiares em Nova Petrópolis, que não existem em outras cidades, acho que deveríamos até procurar manter mais tudo dentro do estilo alemão, porque o estilo brasileiro, em si, é encontrado em todos os lugares, um bom hotel, um bom restaurante, bons grupos folclóricos, tudo isso existe em outros lugares e nós teríamos outras coisas que poderiam ser usadas como atração justamente o alemão... (Entrevistada N° 13)

Há uma percepção clara do papel da cultura e do folclore como elementos de marketing para o turismo. A declaração de um entrevistado, comparando o valor dos elementos da natureza com os culturais, é enfática e ilustra a importância atribuída a esses aspectos no município:

A tradição, o folclore, a cultura de Nova Petrópolis pode ser um elemento de marketing para o turismo. Com certeza. O futuro do turismo não é aquele de visitar recantos bonitos, cascatas, isso é um acessório, um complemento . . . a cultura, é o cerne, a cultura é o cerne do desenvolvimento turístico, porque a cultura permanece, as outras coisas como cascatas, belezas naturais podem até desaparecer de um momento para outro, mas a questão cultural, a tradição, o linguajar, até praças devidamente ornamentadas... o aspecto cultural é fundamental. (Entrevistado Nº 15)

Essas manifestações mostram o quanto está presente a importância do turismo para o município e, em especial, da valorização da tradição, do folclore e da cultura trazida pelos colonizadores para o estabelecimento de uma atividade turística que diferencie Nova Petrópolis dos demais centros de turismo da região.

O turismo em Nova Petrópolis tem características próprias que o distingue do praticado nos municípios vizinhos. A rede hoteleira conta com oito hotéis de categoria turística ou três estrelas:

- Hotel Pousada da Neve;
- Hotel Petrópolis;
- Hotel Recanto Suíço;
- Berghaus Hotel;
- Hotel Villa Del Fiore;
- Hotel Pousada Serrana;
- Hotel Veraneio Schoeler;
- Hotel Vila Verde.

A rede hoteleira não conta com nenhum grande estabelecimento, nem de quatro estrelas ou luxo como os demais municípios da região, onde estão instalados

grandes hotéis de redes nacionais e até mesmo internacionais como o ACCOR, Mercure, no vizinho município de Gramado.

Os empreendedores da área turística são empresários locais. Nos últimos anos foram construídas inúmeras pousadas por profissionais de outras áreas que buscam formas complementares de rendimento, como professores ou pequenos comerciantes. Estão, em funcionamento quinze pousadas:

- Pousada Mika's;
- Pousada Hospedaria Austríaca;
- Pousada Via Gramado;
- Pousado dos Girassóis;
- Pousada Recanto Azul;
- Pousada Felícia;
- Pousada Nanaco;
- Pousada Porthal do Vale;
- Pousada Pinhais;
- Pousada Veraneio dos Pinheiros;
- Pousada Bienenfreud;
- Pousada Reviver;
- Pousada Recanto do Sossego;
- Pousada Recanto das Palmeiras;
- Albergue da Juventude.

A rede hoteleira local oferece acomodações para até 1244 pessoas⁵⁸. Grande parte desses leitos está nas pequenas pousadas que se encontram espalhadas pelo município, sendo que algumas oferecem somente acomodações para até dez pessoas.

Segundo um dos entrevistados, esses estabelecimentos podem ser caracterizados como “domicílios pousadas” e são montados como uma forma de investimento para o futuro, quando ocorrer a aposentadoria. Várias dessas pousadas só funcionam em fins de semana.

⁵⁸ Dados obtidos junto a ACINP – Associação Industrial de Nova Petrópolis

Conforme informações obtidas do subsecretário de Turismo, há um projeto para construção de um grande empreendimento hoteleiro na cidade nos próximos anos, buscando aumentar e qualificar a oferta de leitos na cidade. Esse empreendimento será realizado pelo proprietário de uma grande indústria da área coureiro-calçadista instalada no município.

Segundo a Secretária de Turismo, o movimento de turistas na cidade comporta mais investimentos. Nos fins de semana, especialmente na chamada “alta temporada da serra”⁵⁹, os leitos são todos ocupados por visitantes que se dirigem especificamente à cidade e por aqueles que não conseguem acomodação em Gramado e Canela. O depoimento de uma entrevistada ilustra essa situação:

Como estamos perto de pólos grandes e de grandes eventos, e que há um transbordo de pessoas que não conseguem se acomodar em Gramado e Canela, e nós ainda temos um tarifário com preços um pouco mais acessíveis, nós passamos a ser um ponto de referência também de hospedagem. Por ficarmos perto de Gramado e Canela a pessoa tem condições de ficar hospedada, praticamente, tendo o mesmo conforto, um bom café da manhã, há 35km de Gramado e Canela, e com preços mais acessíveis. Isso nos sábados e domingos nós praticamente tínhamos 100% de ocupação e as pessoas começaram a verificar isso, com isso começaram a abrir as pousadas, mas com um número reduzido de quartos. (Entrevista N°12)

A atual administração, especialmente através da Secretaria Municipal de Turismo, está buscando incrementar projetos turísticos que envolvam a área rural. Estão sendo desenvolvidos estudos para a organização dos “Caminhos do Enxaimel”, uma rota turística criada a partir da recuperação de casas da área rural do município construídas neste estilo. Para tanto, já há uma linha de financiamento

⁵⁹ São considerados períodos de alta temporada na serra gaúcha a semana da Páscoa, os meses de inverno – junho a setembro e o período de realização dos festejos natalinos que estende-se até o princípio de janeiro.

estabelecida junto ao SICREDI⁶⁰, tendo o novo projeto o objetivo de interiorizar o turismo. A restauração das residências permitiria que os colonos abrigassem turistas e os levassem para acompanhar suas atividades diárias na roça e no cuidado com os animais. Seria, pois, a introdução de uma nova modalidade de turismo no município, o turismo rural.

Cabe destacar que, nesse projeto, o turismo rural tem um enfoque também fundamentado no aspecto cultural, na reconstrução do patrimônio histórico, em que se constituem essas antigas residências. Para tanto, há assessoria da Universidade de Caxias do Sul que está inventariando e registrando as antigas construções em estilo enxaimel existentes no interior do município.

O estilo enxaimel foi trazido pelos imigrantes alemães que vieram para o sul do Brasil, adaptando as condições e materiais locais à arquitetura da região de onde provinham. As construções tinham um formato regular, retangular ou quadrada, erguidas sobre pedra. A estrutura era feita com barrotes de madeira local e as paredes com tijolos de argila, geralmente aparente ou caiadas de branco. As portas e janelas também eram feitas em madeira com duas folhas normalmente pintadas de vermelho ou marrom. Em muitas dessas construções foram usados, no lugar de pregos de metal, pregos maiores de madeira.

⁶⁰ SICREDI- Sistema de Crédito Cooperativo que teve origem na “Bauernkasse” organizada em 1902 por Padre Amstad com 20 associados. A atual SICREDI – Pioneira mantém sua sede em Nova Petrópolis e conta com agências em 13 municípios da região.



Figura 9: **Casa em estilo enxaimel – reconstruída**

Fonte:[http:// www.paisagensgauchas.hpg.ig.com.br](http://www.paisagensgauchas.hpg.ig.com.br)

Na área rural de Nova Petrópolis se destaca, também, o “Projeto AgrosHOW”, estabelecido mediante parceria entre a Prefeitura e a Cooperativa PIÁ, o qual visa mostrar as tecnologias implantadas na área rural para toda a população e para os visitantes, demonstrando a forma como a pequena propriedade se desenvolve.

Em trabalho conjunto com os municípios da Região das Hortênsias, o município também vem desenvolvendo o projeto chamado “Veraneio na Serra Gaúcha”, com o apoio do SEBRAE para orientação e treinamento dos recursos humanos das instituições que aderirem. Esse projeto oferece uma série de descontos em hospedagem e em compras aos turistas no período de 15 de janeiro a 31 de março. O SEBRAE se encarrega da divulgação, em todo o Brasil, deste projeto, o qual tem por objetivo manter o fluxo de visitantes na serra durante o verão, período em que, habitualmente, o movimento turístico no Rio Grande do Sul tem como foco principal o litoral.

Em resumo, verifica-se que tem ocorrido, em Nova Petrópolis, um processo de “reinvenção da tradição” alemã sob a forma de uma identidade de projeto, a qual tem permitido oferecer ao mercado turístico um conjunto de atrativos diferenciados que estão sendo construídos de forma participativa, envolvendo toda a comunidade local.

5 SÃO FRANCISCO DE PAULA: A TRADIÇÃO SERRANO-CAMPEIRA

No presente capítulo examina-se o município de São Francisco de Paula, analisando-se, inicialmente, os principais aspectos físico-geográficos e a formação histórico-econômica do município que veio a dar origem a este tipo social particular – serrano-campeiro, para, num segundo momento, examinar as manifestações da tradição e da cultura neste município.

5.1 O CONTEXTO

5.1.1 Aspectos Físicos e Geográficos de São Francisco de Paula

O município de São Francisco de Paula localiza-se ao norte do Estado do Rio Grande do Sul, na área da Serra do Mar, região fisiográfica denominada “Campos de Cima da Serra”, onde se encontra o Planalto das Araucárias (Figura 10). Ocupa uma área de cerca de 3.300 km². Situa-se a 112 km de Porto Alegre e à cerca de 40 km de Canela e Gramado, municípios da Região das Hortênsias. O chamado “Planalto das Araucárias” é a zona onde estão situados os pontos de maior altitude do Estado, chegando, em algumas localidades, a superar os 1.000 metros. A sede do município está a 912m em relação ao nível do mar. A localização geográfica do

município propicia clima ameno, com temperatura média anual de 18°C. A variação de temperatura, ao longo do ano, é muito significativa, aproximando-se dos 30°C no verão e chegando a 3°C negativos no inverno, quando é comum a ocorrência de geadas e até, eventualmente, de neve.

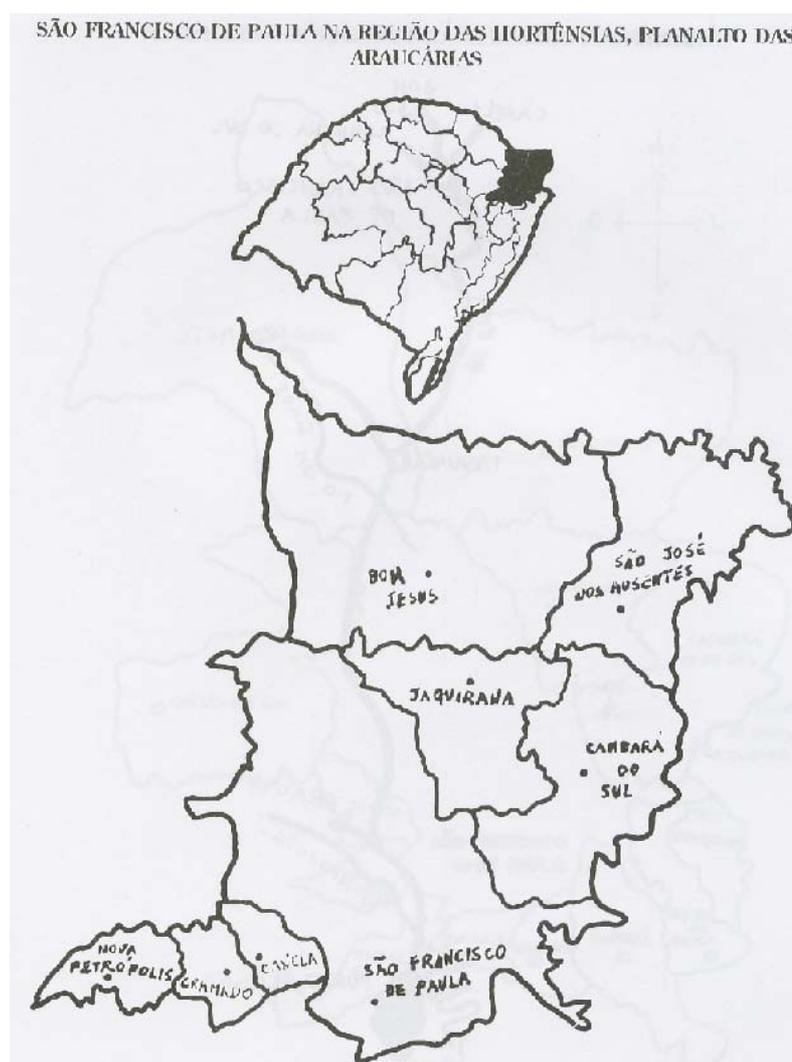


Figura 10: **Mapa do Município de São Francisco de Paula**

Fonte: TEIXEIRA, M. L. da Silva. São Francisco de Paula: nossa terra nossa gente. Porto Alegre, Evangraf, 2002.

5.1.2 A Formação Histórica de São Francisco de Paula

A área que hoje constitui São Francisco de Paula foi desbravada pelos colonizadores, em meados do século XVIII, porém o passado de São Francisco de Paula começou bem antes da ocupação pelos portugueses e seus descendentes. Habitaram, originalmente, a região, os índios do grupo racial Jê, especificamente, a Tribo dos Caaguaras, que estendiam suas aldeias pela Serra Geral e metade norte do Rio Grande do Sul. Esses índios foram caracterizados pelos colonizadores como pacíficos e de fácil relacionamento (FLORES, 1993, FORTES, 1981, TEIXEIRA, 2002).

Os bandeirantes que faziam a rota dos animais de tração do sul do Brasil até São Paulo fizeram desses índios mão-de-obra escrava. Os poucos remanescentes na região foram levados pelos jesuítas para o oeste, área dos Sete Povos das Missões, e lá foram à extinção, fato que explica a pequena contribuição dos indígenas para as tradições e cultura do atual município.

Nos primeiros séculos da ocupação portuguesa, até princípio do século XVIII, o Rio Grande, localizado fora do eixo de comércio do Brasil com Portugal, estava à margem da economia colonial. Começou a participar, de forma secundária, da economia da colônia, integrando-se a ela como "fornecedor" das regiões voltadas para atividades de caráter exportador. Este papel seria desempenhado durante parte significativa de sua história. O Sul se integrou à economia colonial como fornecedor de gado e charque para o centro do país, alimento básico dos escravos e da população de baixa renda das cidades brasileiras. Os rebanhos de gado *vacum* e *muar* existentes no Rio Grande do Sul tiveram sua origem na área de

colonização espanhola como Buenos Aires, Santa Fé, Tucumán e Corrientes e se proliferaram naturalmente em função do clima e da abundância de pastagens naturais, despertando o interesse dos chamados “tropeiros”⁶¹ do centro do país.

Os colonizadores portugueses que passaram a se instalar no sul, de forma sistemática a partir das primeiras décadas do século XVIII (BRUM, 1999, p.47) e do deslocamento das atividades econômicas da colônia portuguesa do nordeste para a região central, Minas Gerais e São Paulo, incentivaram as incursões desbravadoras de comerciantes paulistas ao sul em busca de gado muar e cavalar para o transporte e de gado vacum para a alimentação da população, que aumentava rapidamente na região central. Os comerciantes que se dirigiam ao sul em busca de gado estabeleceram rota de passagem pela serra, dando origem, ainda no século XVIII, à ocupação da área que hoje constitui o município de São Francisco de Paula.

Em 1752, o renomado comerciante de gado, Francisco Pinto Bandeira registra, na região da atual sede municipal, uma área de terra em seu nome⁶² e a denomina “Fazenda da Cria”. Na década seguinte, a fazenda foi vendida ao capitão português Pedro da Silva Chaves. O novo proprietário se fixou na região da serra e construiu, na entrada da serra, uma capela a qual deu o nome de seu santo devoto – São Francisco de Paula. Ao redor da capela se estabeleceu, na década de 1770, um pequeno povoado que foi a origem do atual município. A região, por muitos anos, foi denominada simplesmente “Capela de Cima da Serra” e constituiu-se no centro de extensa área de exploração pecuária.

⁶¹ Assim eram chamados os comerciantes de gado ou de mulas que eram levados da região do Prata para o centro do país (Brum, 1999).

⁶² Referências encontradas em São Francisco de Paula – nossa terra nossa gente, Teixeira (2002).

Em 1809, a “Capitania de Rio Grande de São Pedro” que hoje constitui o Estado do Rio Grande do Sul, foi subdividida em quatro grandes municípios: Porto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande e Santo Antonio da Patrulha.

Santo Antonio da Patrulha era constituído pela vila de Santo Antonio, onde se localizava a sede do município e pelas freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Arroio (atual Osório), Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria (atual Vacaria) e o povoado de Cima da Serra, hoje São Francisco.

Pelo Povoado de Cima da Serra transitavam os tropeiros que buscavam a ligação com o centro do país. A situação geográfica e a topografia dificultavam a comunicação. Existem relatos da década de 1830 evidenciando as dificuldades encontradas pelos comerciantes para transpor a região. Esses escreveram, em 1831 e 1834, cartas ao Presidente da Província reivindicando melhoria nos caminhos, ao mesmo tempo que enfatizavam a importância da rota para facilitar o comércio entre o sul e o centro do país.

Em 1835, durante a República Rio-grandense, a região era conhecida como “Capela de Cima da Serra”. Em 1852, Lei Provincial elevou a Capela à categoria de Freguesia de Cima da Serra, ainda pertencente ao município de Santo Antonio. Novo Decreto Provincial, em 1878, elevou a Freguesia à categoria de Vila, com a denominação agora de “São Francisco de Paula de Cima da Serra”, nome com que foi conhecido até 1939⁶³.

A principal atividade do município – pecuária – desde o início da colonização foi realizada em grandes glebas de terras sob a denominação de fazenda, explorada por um único proprietário que, para o trato dos animais, utilizava poucos

⁶³ São Francisco de Paula foi também denominação da atual cidade de Pelotas. A existência de uma igreja dedicada ao santo, desde sua fundação, fez com que a região fosse reconhecida pelo nome do padroeiro, originando no estado duas cidades com o mesmo nome. Somente em 1832 quando a Freguesia de São Francisco de Paula situada as margens do arroio Pelotas foi elevada a categoria de vila teve sua denominação alterada passando então a chamar-se Vila de Pelotas. IN: <http://pelotas.ufpel.edu.br/top.html>

homens. A fazenda estabelecia-se como célula básica da vida na região, pois não existiam os povoados. Eram identificadas por um nome, destacando-se a Fazenda das Taipas, a Fazenda dos Novilhos, Fazenda do Raposo, Fazenda do Potreirinho, Fazenda do Cerro, Fazenda da Boa Vista e Fazenda do Matemático.

A lista de votantes do município de Santo Antonio da Patrulha de 1876⁶⁴ indicava 560 indivíduos qualificados em São Francisco de Cima da Serra, entre os quais destacavam-se 365 criadores, 69 lavradores, 19 negociantes, 12 capatazes, 8 fazendeiros e 8 curtidores, indicando que a pecuária era a principal atividade da região.

Na subdivisão da Província em novos municípios, em 1886, foi criado o município de Taquara do Mundo Novo, em área desmembrada de Santo Antonio da Patrulha, com sua sede instalada a menos de 50 km da antiga vila São Francisco de Paula de Cima da Serra. O município teve sua origem em uma sesmaria, obteve rápido desenvolvimento, pois, sua colonização iniciou com a chegada, a partir de 1840, de inúmeros imigrantes alemães que criaram novas atividades econômicas, expandindo o comércio e iniciando outras na área da indústria de transformação.

Em poucos anos, a antiga vila de São Francisco teve sua economia suplantada pelo recente povoado de Taquara. Desavenças políticas, aliadas à incapacidade administrativa e econômica para gerenciar a extensa área física⁶⁵, determinaram a anexação da vila de São Francisco ao recém-criado, município de Taquara do Mundo Novo, em 1889.

⁶⁴ Dados retirados de quadro informativo "Profissão dos cidadãos qualificados votantes no Município em 1876". IN: Raízes de Santo Antonio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí. Prefeitura Municipal de Santo Antonio da Patrulha, 1992, pág. 21.

⁶⁵ Áreas mais distantes da sede, por não terem atendidas suas reivindicações, já haviam solicitado ao governo provincial seu desmembramento para anexar-se a regiões mais prósperas como ocorreu com São Marcos que solicitou sua desvinculação de São Francisco de Cima da Serra para agregar-se a Caxias.

Somente no final de 1902 São Francisco conseguiu sua reestruturação e organização administrativa, tendo, finalmente, se instalado como município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, em 7 de janeiro de 1903. O primeiro intendente municipal nomeado foi Jonathas Abbott, considerado um eficiente administrador que conseguiu implementar uma estrutura administrativa no município.

O município, hoje, tem uma área de 3.289,7 km², extensão que possibilita classificá-lo como um dos grandes municípios gaúchos, apesar de ter perdido parte considerável de sua área com a emancipação dos municípios de Cambará do Sul e Jaquirana, respectivamente nos anos de 1963 e 1987.

A sede do município está localizada na área originária do povoamento, a antiga "Fazenda da Cria", onde estão situadas as principais atividades econômicas, a maioria das indústrias, a quase totalidade do comércio, grande parte dos hotéis e pousadas da rede turística, e os serviços públicos, as atividades de saúde e de educação. Conta, ainda, com seis distritos: Cazuzza Ferreira, Tainhas, Electra, Rincão dos Kroeff, Juá e Lajeado Grande, criados, em diferentes momentos da história municipal, para atender as demandas dos núcleos populacionais que se formaram em diferentes regiões da extensa área geográfica. Os distritos apresentam significativas diferenças no que tange ao tamanho da população, ao desenvolvimento econômico-social e às possibilidades de implementação do turismo,

O distrito de Cazuzza Ferreira foi criado em 1903. Está situado a 85km da sede, sendo o mais antigo e o maior distrito do município de São Francisco de Paula, com uma área de 530 km². Tem, na exploração pecuária, sua maior atividade, contando com serviços de comunicação (posto telefônico e de correio),

posto de saúde e uma escola estadual. A população desse distrito destaca-se pelo cultivo de tradições e manifestações folclóricas de origem portuguesa, destacando-se a "cavalhada". Esse evento ocorre anualmente na primavera com a participação de 24 cavaleiros, simulando uma luta entre mouros e cristãos, onde, invariavelmente, os cristãos vencem. Os cavaleiros vestem túnicas de veludo em tons de vermelho (mouros) e azul (cristãos), ricamente ornamentadas. Utilizam a espada, a lança e a garrucha e demonstram grande habilidade nas evoluções eqüestres. O evento ocorre na mesma ocasião da realização das festividades da Padroeira e, é realizado na praça principal do povoado. Vem atraindo, a cada ano, maior número de expectadores.

Tainhas está situado a 35 km da sede, sendo criado em 1922. Recebeu o nome do rio que passa pela região e deságua no rio das Antas. Tainhas foi um próspero distrito na década de 1920, contando com igreja e cartório distrital. Na atualidade, oferece a seus habitantes apenas serviços municipais de educação fundamental e saúde. Nos últimos anos vem sofrendo decréscimo populacional e significativa migração de habitantes para a sede do município e outras regiões, tendo, no seu núcleo principal, menos de cem casas, com a maioria da população, cerca de 80%, vivendo na área rural. A exploração da pecuária tradicional e o extrativismo madeireiro são as principais atividades econômicas desenvolvidas.

A Rota do Sol, rodovia que está sendo construída visando a integração da serra com o litoral, passa por seu território, fato que está sendo visto como elemento que pode favorecer o desenvolvimento do turismo na região, pois, o distrito está situado na fronteira com Santa Catarina e próximo aos municípios

litorâneos de Torres e Terra de Areia. Situa-se a mais de 1.000 de altitude, apresentando temperaturas muito baixas no inverno.

O distrito de Electra foi criado em 1932, sendo o distrito mais próximo, situado a 19 km da sede município e é conhecido pela população como “Salto”, local da sede do distrito. Em sua área estão situadas as barragens do Salto, Blang e Divisa que fornecem água para as usinas hidroelétricas de Bugres e Canastra, as quais produzem a energia elétrica utilizada no município de São Francisco de Paula e nos municípios vizinhos de Canela, Gramado e Cambará do Sul.

A área que circunda as barragens oferece grandes belezas naturais, sendo que, em 1927, foi construído um hotel à beira do rio Santa Maria, deixando de funcionar na segunda metade do século passado. Após a década de 1960 foram intensificadas as atividades turísticas com a instalação de casas de veraneio e colônias de férias. Na região das barragens são praticados esportes náuticos e pesca amadora.

Rincão dos Kroeff está situado a 35 km da sede, é o menor dos distritos do município, criado em 1950. Distingue-se pela sua composição étnica, diferente da do município como um todo, pois, a maioria dos seus habitantes é de origem italiana. Sua base econômica é distinta, sendo a agricultura a principal atividade. Tem uma pequena vila, com escola municipal de ensino fundamental, atendimento de saúde e comunicação. Conta, também, com a sociedade comunitária, onde a maioria da população participa das atividades.

O distrito de Juá localiza-se a 65 km da sede do município e foi criado, também, em 1950, em uma área, naquele período de prosperidade econômica, onde se localizavam inúmeras serrarias. O fim da exploração da mata nativa levou o

distrito à estagnação, com significativa diminuição de sua população que se transferiu para áreas mais prósperas.

Lajeado Grande foi o último distrito a ser criado, em 1968. Situa-se a 60 km da sede municipal, sendo o distrito que apresenta atualmente maior desenvolvimento. Sua área é cortada por duas importantes rodovias, Canela - Bom Jesus e a Rota do Sol. Seu relevo favorece o desenvolvimento da pecuária, com inúmeras fazendas instaladas na região. Foram realizados estudos e projetos para transformá-las em espaços para o atendimento a turistas. O povoado-sede do distrito conta com escola de ensino fundamental e médio, terminal rodoviário, serviço de saúde, comunicação e igreja com salão de festas.

5.1.3 Desenvolvimento Econômico: São Francisco de Paula, Hoje

Segundo dados apontados pelo IBGE, no censo 2000 a população do município era de 19.725 habitantes, que resulta em uma baixa densidade demográfica, de 5,9 habitantes por km². Parte significativa desta população, 37,8%, ainda reside na zona rural, sendo este percentual bastante superior à média da população rio-grandense que reside no campo (18,4%).⁶⁶

Desde sua formação, até muito recentemente, a base econômica do município de São Francisco de Paula foi a exploração do setor primário. A criação de gado foi praticamente a única fonte de renda até a década de 1910, e a pecuária, apesar de mostrar sinais de decadência é, ainda hoje, responsável por cerca de 30% da atividade econômica.

⁶⁶ Resultados do Censo Demográfico 2000 – IBGE.

Nos primeiros anos do século XX, a exploração da erva-mate adquiriu importância e, por duas décadas, marcou a economia do município. Nas décadas seguintes, a exploração predatória da reserva natural de madeira - a araucária - passou a ser a principal fonte de renda da região serrana. A exploração da madeira foi realizada por investidores que se transferiram de municípios vizinhos, sem um comprometimento com a preservação local como bem descreveu um dos entrevistados:

Essa exploração foi muito predatória. Naquele tempo não se falava tanto como hoje a respeito da natureza, era mesmo assim. Eu acompanhei, mais ou menos, uma época, eles não se preocupavam com derrubar os pinheiros menores, até pelo contrário, havia madeireiro que tinha uma fúria em dizimar, tirar tudo que podia. Na época, inclusive, aqueles pinheiros com 30 centímetros de diâmetro a menos, imagino eu, rendiam muito pouco, mas vendiam, alguma coisa eles vendiam para celulose. Não deixaram uma memória muito correta da maneira de negociar, alguns deles, não era regra, mas alguns compravam um número de pinheiros, derrubavam um número superior. Os vendedores também eram muito, não sei que palavra vou usar, ingênuos, quem sabe, deixavam-se ludibriar por aquilo. Eu, na minha profissão [tabelião], em Bom Jesus, que praticamente tem a mesma característica, eu lavei muito contrato de pinheiro, eu já cheguei na fase final, quem lavrou mais contratos foram os meus antecessores, especialmente um chamado Saldanha, que esteve em São Francisco. Então, eram contratos leoninos, prazos a perder de vista. Geralmente havia um prazo, e depois um adendo naquele prazo que deixava quase que a critério do comprador. (Entrevista Nº 19)

O mesmo entrevistado, ao referir à exploração madeireira discorreu sobre o caráter dos negócios. Classificou os proprietários locais de ingênuos, e relatou a forma como se estabeleciam os contratos de exploração da terra e das reservas de araucária:

Classificaria [os proprietários locais] como ingênuos sem qualquer temor... eram quase como índios. Os outros [os madeireiros] , além de serem mais espertos, já tinham mais uma cultura, possuíam veículos, a maioria deles. A primeira coisa que a pessoa que tinha algum dinheiro, com aquele primeiro dinheiro comprava um carro, nunca tinham entrado em um carro. Não sabia

dirigir, não sabia nada, mas o próprio madeireiro já vendia um jipe usado para ele. E ele se transformava, na maioria das vezes, em um novo rico, mas como aquilo era uma exploração pouco duradoura, também daqui a pouco ele voltava à pobreza de novo. (Entrevista N° 19)

Só na segunda metade do século XX, após a devastação de grande parte das reservas madeiras naturais, foram realizados reflorestamentos com "*Pinus elliotis*", "*Eucaliptus viminalis*" e "*Araucaria angustifolia*" que permitiram, nos últimos anos, a retomada das atividades de exploração madeireira. Essa atividade constitui, ainda hoje, uma das mais importantes fontes de renda para o município. Essa nova forma de exploração de madeira é criticada pelos entrevistados, pois, conforme seus relatos, também se constitui em uma atividade predatória ao meio-ambiente. O relato de um entrevistado que desenvolve atividade na área de hotelaria é significativa:

Estão arrendando as terras para os plantadores de *pinus elliotis* de Caxias do Sul, de São Marcos. O *pinus elliotis* em oito anos já dá o primeiro corte, já dá um dinheiro para o plantador e não precisa de muito cuidado, apenas um pouco de cuidado no início e depois não precisa ter cuidado nenhum, ao contrário do gado que tem que estar sempre em cima ainda mais com o nosso inverno muito rigoroso. Então, é uma lida muito difícil. ... o *pinus elliotis* é importado, é um pinheiro gringo, é um pinheiro que nem passarinho se cria no meio dele e, embaixo nem cobra anda. Então, é um veneno, é horrível. Ao contrário da nossa araucária que é um pinheiro nativo, nosso, é bonito, altaneiro, parece uma taça voltada para o céu saudando os visitantes. Então, está proibido o corte dele por lei, enquanto que o *pinus* é liberado. A nossa araucária para ficar um pinheiro de corte leva em torno de 60 anos e o *pinus* com 15, 16 anos já está cortando, já está tendo retorno... estão ganhando um dinheiro agora, mas a terra, em pouco tempo, vai ficar improdutiva. (Entrevista N° 21)

Ao final da década de 1970, a fruticultura, especialmente o cultivo da maçã, alcançou importância. Diversos empreendedores investiram no plantio, inclusive empresas de municípios vizinhos, mas a rentabilidade dos pomares não foi a esperada. A baixa produtividade foi atribuída ao clima e às características do solo,

levando à desmobilização desses investimentos nesta área em meados da década de 1990.

Na década de 1990, a olericultura, cultura de legumes, passou a ser incentivada principalmente no distrito de Rincão dos Kroeff, área ocupada por descendentes de colonos italianos e alemães, onde a pecuária tradicional não tem a mesma presença que nos demais distritos. Recentemente, nesta área, e nos distritos limítrofes de Caxias do Sul, foi iniciada a plantação de batatas. Esta cultura está sendo feita em áreas arrendadas por plantadores de fora do município, principalmente oriundos do vizinho município de Caxias do Sul com a utilização de moderna tecnologia e insumos químicos.

A descrição de um entrevistado sobre a agricultura e suas possibilidades de mudar o modelo de produção agrícola evidencia as possibilidades de mudança, com investidores de fora do município

Hoje já a agricultura mecanizada, vamos dizer assim, já está ganhando espaço. Tem solo basáltico, muita pedra, solo não muito é arável. Não sei se vai dar certo, estão comprando uma área de terra para plantar soja. Então, quem sabe, daqui há 10 anos. ... então, não é pelo frio, simplesmente a diferença seria o solo, ou, quem sabe, o PH do solo, sei lá eu. Para isso existem corretivos de solo. Agora, o pessoal está pegando áreas aqui e mecanizando. Uma coisa que deu certo, que está dando certo, é plantio de batata-semente, que Bom Jesus, que tem o nosso mesmo solo, e também São Francisco de Paula, hoje estão plantando batata-semente e são grandes fornecedores, por exemplo, da CEASA. (Entrevista N° 18)

Duas são as modalidades utilizadas para a implementação da agricultura. Na primeira, os campos são arrendados por tempo indeterminado para os plantadores de legumes. Na segunda, os campos são cedidos por temporada para os agricultores que lavram a terra, fazem o plantio de legumes utilizando as modernas técnicas agrícolas e, após a colheita, entregam a terra trabalhada para o proprietário para que este cultive as tradicionais pastagens para o gado. Essa forma

de exploração vem se constituindo em uma fonte de renda adicional para os pecuaristas da região. No entanto, esta atividade está sendo questionada por alguns munícipes, que entendem que a mesma pode vir a descaracterizar o município como área natural e ecologicamente preservada. Acreditam que a riqueza natural deve ser conservada para o desenvolvimento do turismo.

Vários depoimentos de entrevistados mencionam ser o turismo uma possibilidade para mudar o desenvolvimento no município. Suas falas explicitam essa preocupação comum. Um primeiro depoente afirmou:

Muito pecuarista está vendendo as terras para reflorestamento e a nossa serra dizem que é a savana mais bonita do mundo, não existe outro lugar tão bonito no mundo, nunca viajei no mundo, nunca sai do Brasil, mas pessoas que viajaram pelo mundo dizem que não existe no mundo uma savana igual aos campos de cima da serra, que vai de São Francisco de Paula a Vacaria, Lagoa Vermelha, só que Vacaria e Lagoa Vermelha já estão tomadas pela agricultura. Então, de São Francisco de Paula a Bom Jesus ainda está pura, mas o avanço da agricultura e do reflorestamento é um grande adversário que temos, é um grande problema para o turismo. Aqui temos águas puras, que se entrar muito a agricultura vão envenenar as águas, vão sujar as águas, vão assorear os rios, vão erodir os campos. Então, esse é um dos problemas que combatem o turismo nessa região toda e quem lida com turismo está procurando ao menos tentar conscientizar alguém ao invés de vender os campos para reflorestamento e que invente uma outra atividade para agregar a renda e não precisar vender, a atividade pode ser criar galinha, pode criar porco, pode dedicar-se a fruticultura, que numa área muito pequena dá uma rentabilidade maior, ou o turismo rural, tem tanta atividade que pode ser agregada à propriedade rural sem necessidade de vender, só que muitos não agüentam e acabam vendendo. (Entrevista nº 27)

Outro entrevistado externou sua visão nos seguintes termos:

Acho que um povo ecológico, seguraram as nascentes, seguraram os banhados e agora com essa proibição (de queimadas) geraram, vamos dizer, essa economia da batata, essa coisa toda que está minando as nossas correntes de água. Então, acho que está havendo uma modificação muito forte que não deveria. Como nós somos meio pacíficos, aceitamos e tal, a necessidade financeira também que está gerando essa mudança. Eu tenho medo de no futuro perder essa identidade. (Entrevista nº 23)

Os depoimentos evidenciam o quanto ainda é forte no município a tradição da exploração pecuária tradicional em moldes primitivos, utilizando técnicas rudimentares como a queimada, apesar da proibição formal dos órgãos ambientalistas, e sem o uso de produtos químicos utilizados nas recentes plantações de legumes.

A atividade industrial é recente, crescendo a instalação de indústrias de calçados, malhas, moveleira e de beneficiamento de madeira de pequeno porte. A arrecadação do setor industrial corresponde, na atualidade, a apenas 13,1% do PIB municipal, enquanto que a arrecadação do setor primário, que engloba a agricultura, pecuária e o extrativismo, representa 31,2%. As atividades do setor de serviços, juntamente com o comércio, são responsáveis por 55,6% do valor agregado da produção municipal.⁶⁷

A arrecadação – PIB municipal - foi, em 2001, de 120.145.108 reais, gerando um PIB “per capita” de 6.078 reais, renda que está posicionada bem abaixo da renda média do Estado⁶⁸ – 9.144.

O exame das estatísticas econômicas⁶⁹ evidencia que as atividades tradicionais como a pecuária e o extrativismo são ainda majoritárias no município. Entre as empresas registradas, com CNPJ, 62,3% são individuais, sendo que a maior parte opera em atividades comerciais ou de serviços de reparação.

As atividades vinculadas ao setor de turismo em São Francisco de Paula são recentes e este vem se constituindo em um setor econômico em crescimento na região. Foi estabelecida como será visto, uma política municipal de incentivo com

⁶⁷ Dados referentes ao “Produto Interno Bruto, a preço de mercado, dos municípios do RS, para o ano de 2001. In: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatistica> (12/07/2004)

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Dados sistematizados pelo IBGE – <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas> e Fundação de Economia e Estatística - FEE

a criação de uma Secretaria Municipal de Turismo, em 1989, que passou a gerenciar a política de turismo e a incentivar a criação de hotéis, pousadas rurais, parques, eventos e áreas próprias para o desenvolvimento de atividades de lazer.

As modificações econômicas, nas duas últimas décadas, foram tão significativas que obrigaram o poder público a repensar o símbolo do município que havia sido criado no início da década de 1960, representando o que era aceito como típico da identidade local. A Lei Municipal nº439, de 1961, instituiu o símbolo do município. A insígnia procurou representar todos os aspectos característicos da identidade e das riquezas da região. Neste símbolo, estavam representados, em destaque:

- uma coroa, recordando a origem lusitana;
- os pinhais, símbolo da riqueza madeireira, ladeados pela paisagem de Taimbezinho, considerada a maior atração do município;
- um ônibus, buscando representar o meio de transporte para o turismo;
- uma barragem, outro símbolo da riqueza hidroelétrica, e, também, atração turística do município;
- um touro, representando a pecuária, a principal e tradicional atividade econômica.



Figura 11: 1º Símbolo do Município de São Francisco de Paula

Fonte: Teixeira, Maria Lucia. São Francisco de Paula. Nossa Terra, nossa gente.

A emancipação de Cambará do Sul, em cujo território está localizado o Taimbézinho, obrigou a municipalidade a reformular o símbolo municipal. Em 1990, a Lei Municipal 1.138 registrou o novo símbolo que passou a exibir em seu escudo, no lugar antes ocupado por Taimbézinho e pinhais de araucária, agora, uma macieira e “pinus elliotis”, riquezas que passaram recentemente a ser exploradas. Uma cuia e uma bomba também foram introduzidas, significando o apego do serrano às tradições.

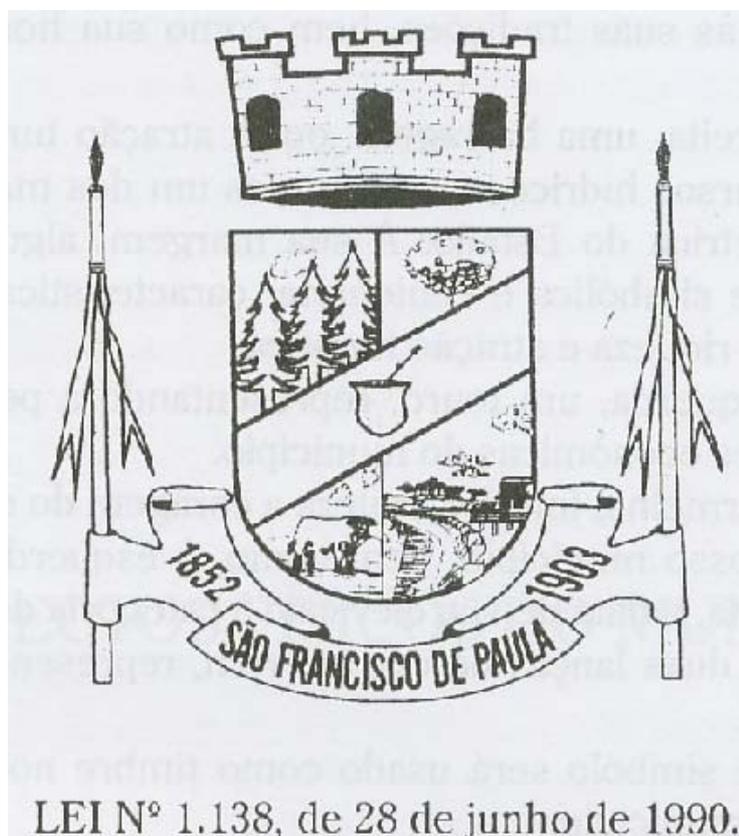


Figura 12: **Símbolo atual do Município de São Francisco de Paula**

Fonte: Teixeira, Maria Lucia. São Francisco de Paula. Nossa Terra, nossa gente.

5.1.4 A Educação e o Desenvolvimento Social de São Francisco de Paula

O exame da trajetória da educação no município é de significativa importância para que se compreenda como, ao longo dos anos, foi conduzido o processo de escolarização nessa realidade e de que forma este vem trabalhando a identidade social da população escolar, pois, conforme Dubar (1997), a vivência escolar e o processo de socialização são fundamentais para a construção da identidade social.

A distribuição rarefeita da população na vasta área de São Francisco de Paula dificultou a implementação de um ensino regular. Até o início do século XX, o ensino era realizado nas próprias fazendas, com a contratação, pelos proprietários, de professores para seus filhos, sendo que, em algumas situações, estes ensinavam, também, os filhos de empregados.

Somente em 1902, com a reestruturação do município, sob a liderança de Jonathas Abbott, foi estruturado o ensino público e criado o Colégio Elementar. Porém a questão educacional não se constitui em alvo de políticas continuadas. A deficiência de escolas e de uma política efetiva de ensino se manteve e foi um dos fatores usados pelos moradores do antigo distrito de São Marcos para justificar a solicitação de anexação ao próspero novo município vizinho de Caxias do Sul em 1921.

Somente em 1948 foi criada a Escola Católica de São Francisco de Paula. Essa escola iniciou suas atividades apenas com curso primário, sendo que nos anos seguintes foram criados o curso ginasial e o internato feminino. Essa escola funcionou até 1973 quando foram encerradas as atividades de ensino privado religioso, motivada pela ausência de professoras – freiras – da congregação, para a continuidade das atividades.

Hoje, o município tem uma rede de 35 escolas municipais com cento e quarenta professores que atendem, aproximadamente a mil e duzentos e trinta alunos⁷⁰. Destas escolas, apenas seis situam-se na zona urbana, estando as demais distribuídas na extensa área rural, havendo escolas localizadas a 180km da sede do município. As escolas da área rural atendem apenas até a 5ª série. A maior parte é multisseriada de 2ª a 5ª séries, sendo a classe de alfabetização

⁷⁰ Dados obtidos junto a Secretaria Municipal de Educação, referentes a 2003.

atendida em separado por um professor. A complementação do ensino fundamental é feita nas escolas estaduais situadas nas sedes dos distritos.

A rede estadual tem oito escolas localizadas no município e atende cerca de seis mil alunos, estando cinco escolas localizadas na sede, na área urbana, e três estão em distritos municipais.

Na sede do município existe uma escola particular comunitária – Escola Cenecista de São Francisco de Paula –, situada no centro da cidade, a qual oferece ensino de 1º e 2º graus e atende, aproximadamente, a oitenta alunos.

Recentemente, a recém-criada Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS – implantou, no município, um curso de pedagogia visando a qualificação de professores locais para o ensino. Segundo informações da Secretaria de Turismo, a comunidade reivindica, para os próximos anos, a instalação de novos cursos de nível superior, entre os quais os vinculados à área de turismo⁷¹, pois, entende que a formação de quadros locais capacitados para o atendimento do turista é fundamental para a continuidade do turismo no município.

5.2 AS TRADIÇÕES E A CULTURA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA

5.2.1 Formação Étnico-cultural

São Francisco de Paula foi estabelecido a partir de antigos caminhos de tropeiros que cortavam o território gaúcho levando gado para o centro do país, sendo o primeiro núcleo habitacional formado por portugueses no século XVIII. Ainda hoje, os descendentes desta etnia são majoritários entre a população,

⁷¹ Informações fornecidas em entrevista pela Secretaria de Turismo.

no entanto, no decorrer do século XX, outros grupos sociais se instalaram na região. Neste tópico se busca examinar a forma como ocorreu a formação étnico-cultural no município ao longo de seu processo de desenvolvimento econômico-social.

Os primeiros habitantes da região – os índios Caáguas – foram, em sua quase totalidade, dizimados ainda no século XVIII, mas, mesmo assim, deixaram contribuição que se mantêm até hoje, especialmente na linguagem da região. Segundo estudos realizados,⁷² existem mais de quatrocentos termos de origem indígena usados para denominar animais, peixes e árvores da região, por exemplo, graxaim, animal pequeno que vive nas matas da região, cambará, árvore nativa muito comum no município, sendo que o termo foi usado para denominar uma área que hoje constitui o emancipado município de Cambará do Sul, onde está situada a localidade de “Taimbézinho”, outro termo de origem indígena que significa pedra afiada, cortante. Tainha, espécie de peixe muito comum na região, hoje dá nome a importante rio que nasce no município e é a denominação de um de seus distritos.

A população atual do município é majoritariamente de origem lusa. Os descendentes de portugueses e açorianos, ali instalados ainda no século XVIII, dedicaram-se quase que exclusivamente às atividades pecuárias e para mantê-las introduziram a mão-de-obra negra⁷³, mas a presença desta etnia, no conjunto da população, é hoje numericamente pouco significativa.

A partir da década de 1930, foi iniciada a exploração da madeira na região, atividade econômica introduzida por descendentes de italianos que compraram vastas áreas de pinheirais e implantaram serrarias na região. A nova atividade

⁷² Estudos realizados por Possamai In: Raízes de Santo Antonio da Patrulha e Caraá. Prefeitura municipal de Caraá – 2000.

⁷³ O livro de registro da freguesia de São Francisco de Paula em 1848 assinalava a existência de 173 negros. In: Raízes de Santo Antonio da Patrulha e Caraá. Prefeitura Municipal de Caraá – 2000, p. 131.

exigia mão-de-obra, assim, um número significativo de descendentes de italianos, provenientes dos municípios vizinhos, se instalaram em São Francisco a partir de 1950. As áreas limítrofes a Caxias do Sul e o distrito de Rincão dos Kroeff contam, ainda hoje, com parcela expressiva de habitantes dessa ascendência.

Alguns descendentes de alemães, vindos do vizinho município de Taquara do Mundo Novo, também se instalaram no município, no início do século XX, visando à exploração do comércio, serviços de reparação e pequenas indústrias, atividades exigidas pelo desenvolvimento econômico e que não mobilizavam o interesse dos tradicionais fazendeiros da região. A descrição feita por um dos entrevistados sobre a constituição étnica da população é bastante expressiva:

São Francisco se caracterizou até, digamos, 1950, por uma população essencialmente nativa. Uma origem mais remota de portugueses e depois com o advento dos chamados bandeirantes. De lá para cá, então, começou haver uma maior miscigenação com a vinda de italianos, alemães, etc. e tal, que se já existiam nessa época eram poucos expressivos, até quantitativamente. Após esse período, que foi exatamente a época da extração de madeira, então, em função desse extrativismo se implantaram lá muitas serrarias em função da abundância do pinheiro nativo. ... mais ou menos por volta de 1950, a partir dali que modificou bastante, porque essa colonização, ou essa, digamos assim, participação de originários, descendentes de italianos e alemães, que é quem mais atuava nessa área extrativista, eu creio que a partir dali começou haver uma modificação. Então, nessa modificação houve uma adaptação dos nativos aos costumes, vamos usar um termo talvez não muito simpático, mas aos alienígenas da cultura local. E houve uma tentativa de assimilação desses estrangeiros, ou descendentes estrangeiros, que para lá foram na tentativa de adaptação à cultura local. De lá para cá veio se desenvolvendo com mais intensidade essa miscigenação racial lá em São Francisco de Paula, e como conseqüência de hábitos e costumes.(Entrevista N°20)

5.2.2 As Tradições Culturais Serrano-campeiras em São Francisco de Paula

As tradições estão ligadas à memória, tendo, como afirma Giddens (1991, 1997), significados próprios que contribuem para a segurança ontológica porque conferem confiança às práticas sociais rotinizadas. As tradições, neste sentido, têm caráter orgânico e são recriadas constantemente mesmo em um contexto moderno. O exame da forma como essas tradições são preservadas e em que padrões se embasam, no município de São Francisco de Paula, é de fundamental importância para entender como vem ocorrendo o processo de reinvenção ou recriação da tradição no mesmo, dado o seu reconhecido papel como elemento de marketing na nova atividade econômica – o turismo que vem sendo implementado no município.

Os habitantes de São Francisco de Paula se auto-identificam como “serrano”, denominação que tem significado específico cultural, não identificando o habitante da serra em geral, mas, sim, o homem dos Campos de Cima da Serra, com seus costumes e hábitos gauchescos típicos, constituindo a cultura serrano-campeira.

Os costumes

O serrano é conhecido também como “pêlo duro”, termo usado para designar o habitante descendente de portugueses que constitui a maioria da população da região de Campos de Cima da Serra, especialmente de São Francisco de Paula e dos municípios que apresentam a mesma composição étnica, como Bom Jesus, Jaquirana, Cambará do Sul e Vacaria.

Os traços que caracterizam o "pêlo duro" são, em grande parte, vinculados ao caráter dos primeiros habitantes da região, os índios, que mesmo tendo sido quase

que exterminados pelos primeiros habitantes de origem européia, legaram uma série de costumes e hábitos aos novos habitantes dos Campos de Cima da Serra.

Esse vínculo foi identificado por vários dos entrevistados quando lhes foi solicitado que caracterizassem os habitantes do município, merecendo destaque a seguinte caracterização:

Os habitantes de São Francisco de Paula têm resquício dos índios, mas a maior parte tem origem portuguesa, "o pêlo duro", o gaúcho, como chamamos. ...O "pêlo duro" de São Francisco de Paula e toda aquela região de Bom Jesus, Vacaria, Cambará do Sul, Jaquirana é muito característico, é o que deu origem ao nosso gaúcho de hoje, ele é, inclusive, nas suas vestimentas, o traje do gaúcho serrano é diferente do traje do gaúcho do planalto, do gaúcho das missões. O que caracteriza muito o "pêlo duro" serrano é a sua hospitalidade. Então, é uma pessoa muito "bonachão". (Entrevista Nº 21)

A hospitalidade é outro traço reconhecido como típico dos "serranos" e que adquire características próprias em São Francisco de Paula. A música adotada, recentemente, como hino do município foi composta por reconhecidos músicos tradicionalistas do Estado, os Irmãos Bertussi, e exalta esta especificidade quando na sua primeira estrofe diz:

– *“São Francisco é terra boa, terra boa e hospitaleira”*.

Os habitantes do município reconhecem esse traço, mas o caracterizam de maneira muito específica, pois afirmam que o serrano é muito hospitaleiro, e ao mesmo tempo, bastante inibido e fechado. Nos comentários sobre os habitantes, vários dos entrevistados fizeram referências a esses aspectos, por vezes contraditórios, como menciona um entrevistado:

São Francisco se ufana de ser uma cidade hospitaleira, de ter um povo receptivo, um povo alegre. São Francisco de Paula é um

pouco limitado, é um pouco devagar. Quer dizer, as pessoas às vezes são meio fechadas. (Entrevista N° 20)

Outra entrevistada, ao caracterizar o “serrano” enfatiza a forma rude de seus hábitos.

O serrano é uma pessoa tímida, mas é uma pessoa muito sensível, uma pessoa hospitaleira. Em qualquer um que tu chegares vai sentir aquela hospitalidade, aquela coisa simples do serrano, nós somos isso aí. O serrano eu caracterizo aqui, uma pessoa simples, uma pessoa hospitaleira, uma pessoa boa, uma pessoa que os hábitos são rudes.(Entrevista N° 22)

A simplicidade dos hábitos é reconhecida por todos os entrevistados, mesmo por aqueles que não são “serranos”, como ilustra o depoimento do gerente de um empreendimento turístico que reside no município a menos de um ano:

São bastante simples, pacatos, bastante hospitaleiros, embora não extrovertidos, mas hospitaleiros, bastante pureza. (Entrevista N° 26)

A hospitalidade assume, assim, uma especificidade própria que é explicada pelos moradores também como uma herança dos primeiros habitantes. A influência de hábitos dos indígenas, considerados homens muito simples, rudes e pacíficos, vai se refletir no modo pacato de ser do serrano, especialmente dos tradicionais pecuaristas da região que, acostumados à natureza e ao sossego do campo, deixam suas atividades desenvolverem-se ao natural, sem intervenção, esperam o gado engordar com as pastagens nativas, como faziam seus antepassados extrativistas.

O “serrano” usa, em sua atividade diária, botas, bombachas, cinturões e, no inverno, o pala, inclusive nas atividades urbanas. O chimarrão é um hábito do dia-a-dia e é visto como símbolo da hospitalidade dos habitantes da região.

A maior parte das manifestações culturais realizadas no município tem o cavalo como centro, como nos torneios de laço, nas domas, nas carreiras de cancha reta, nos rodeios e nas cavalhadas.

Ainda hoje, o “serrano” utiliza o cavalo para se locomover, não só no interior da fazenda, mas, também, quando necessita se deslocar da fazenda para a cidade. Esse animal é visto com significado especial, é o seu companheiro e o instrumento de trabalho que serve para a prática de suas tarefas diárias de percorrer o campo, de juntar o gado. É também o seu companheiro para as folgas e desfiles nas horas de lazer.

As raízes rurais são mantidas com naturalidade e estão presentes na vida cotidiana, inclusive na cidade. As vestimentas tradicionais do homem do campo – as bombachas e a bota – são usadas no dia-a-dia da vida urbana. O depoimento de um entrevistado sobre esse hábito é ilustrativo:

Aqui temos o costume de andar sempre pilchado, de bombacha, porque temos muita lida no interior também, tenho propriedade fora. Então, sempre andamos pilchado, mas não é só por isso é que o pessoal gosta de andar pilchado. Já faz parte do hábito. Na cidade, no campo, todo mundo anda pilchado. (Entrevista N° 29)

A indumentária usada pelo serrano é reconhecida pelos tradicionalistas como própria da região que a distinguem da usada pelos gaúchos de outras regiões do estado e da adotada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG.

As bombachas usadas pelos habitantes dos Campos de Cima de Serra são visivelmente mais estreitas que as utilizadas pelos demais gaúchos. A explicação

para tal diferença está na praticidade, pois, o trabalho no campo com muita vegetação – macega, espinhos, mato – requer a utilização de uma roupa não muito larga que poderia dificultar a mobilidade ao prender-se na vegetação. Da mesma forma, a bota tem características locais. O serrano não estica a bota até o joelho, deixa-a cair sanfonada, em gomos, na parte inferior da perna. Usa normalmente um casaco com três botões, sobreposto por lenço branco ou vermelho aberto com apenas um nó, enquanto o gaúcho da fronteira veste a chamada campeira ou blusa com um lenço enrolado e amarrado no pescoço. O chapéu usado tem aba média e um modo próprio de ser usado, as abas são dobradas nos lados, para cima, de uma forma típica da região.

A forma de encilhar o cavalo também tem características próprias da região. Os pelegos são longos e pretos, pois, são criadas, geralmente, ovelhas pretas, consideradas mais rústicas e resistentes ao clima da serra. Sob o pelego é colocado o “baxero”, tecido artesanalmente em lã e, ainda, outra peça em couro, chamada “carona”. Essas últimas peças são típicas do artesanato serrano, sendo em outras regiões do estado substituídas por feltro grosso.

São estas as peculiaridades que diferenciam o serrano do gaúcho da fronteira, como relata um entrevistado:

Não sou um estudioso da matéria, mas alguma coisa posso colocar, a bota usada na fronteira é diferente, a bombacha é diferente, a bombacha é muito mais larga, a bota é de cano mais comprido e é puxada até perto do joelho, o serrano deixa a bota cair, a bombacha é mais estreita, o chapéu é de copa mais alta, e as abas, quando dobradas são dos lados e não na frente. O fronteirista dobra a aba do chapéu na testa, deixa o chapéu tapeado na testa. Então, para gravar bem dizemos que aquele tapeado na testa é o chapéu de beijar santo em parede e eles dizem que o nosso chapéu, dobrado dos lados, é de pastar em beira de taipa. Então, é a característica do chapéu. A bombacha do fronteirista é bem mais larga e a bota mais alta, mas, tudo tem motivo. A encilha do fronteirista tem os pelegos bem curtos, praticamente vai só em cima do lombo do cavalo, o pelego de serrano dá dois de fronteirista e sobra pelego porque as nossas águas, como é serra, são muito correntes e os rios são

baixos, se tiver um volume de água muito alto o cavaleiro não vai passar o rio porque vai ser levado pela correnteza. Na fronteira as águas são muito paradas, a fronteira é muito plana, as águas são profundas. A encilha faz com que a pessoa pode passar aquela água que não tem perigo. Então, os pelegos são curtos para não molhar, a bota é puxada até em cima porque pode passar encilhado, o cavalo nadando que não vai se molhar, a bombacha pode ser larga porque na fronteira tem muito pouco mato, mas na serra tem muito mato, muito espinho. Então, uma bombacha muito larga no mato vai enganchar em tudo que é espinho. Com relação a cor do pelego tradicional do serrano é preto. Existia muita criação de ovelha preta aqui, antigamente, uma ovelha muito mais rústica e é um pelego muito mais bonito. Antes dos curtumes colorirem os pelegos, na fronteira usam pelego branco e nós usávamos pelego preto. Hoje já tem uma mistura tem gente com pelego pintado de vermelho, tem gente que com a expansão da criação do cavalo crioulo que começou na fronteira. Então, associam muito ver um cavalo crioulo bem encilhado na fronteira. Então, querem trazer o cavalo crioulo e não tem nada a ver, o cavalo crioulo pode ser encilhado como é o serrano e vai ficar bonito igual, mas o cavalo crioulo trouxe junto um pouco da encilha da fronteira para a serra. (Entrevista N° 27)

As peculiaridades das vestimentas e da forma como estas são confeccionadas constituem-se em um diferencial que está sendo trabalhado como típico de São Francisco. As botas são ainda feitas artesanalmente, o que lhes confere reconhecimento entre os tradicionalistas em geral, tornando-se um produto de destaque como relatou a Secretaria de Turismo:

É uma história interessante. São Francisco faz botas há mais de cem anos, mas de uns anos para cá as coisas começaram a mexer um pouco com a nossa pequena indústria artesã. Fizemos botas para os garçons da Churrascaria Fogo de Chão, que saiu do Rio Grande do Sul, ganhou o mundo. Ela vai ganhando o mundo e as pessoas vão chegando para comer um churrasco e olham as botas dos garçons e perguntam:” de onde são essas botas? Do Brasil? De onde? De São Francisco de Paula “. As nossas pequenas fábricas recebem uma folha com desenho do pé do cidadão, porque ele coloca o pé sobre a folha e desenha, manda para cá com o depósito na conta do cidadão, a gente envia via SEDEX internacional para ele. É uma coisa interessante. As fábricas são pequenas, a bota é feita de primeira qualidade. ... O preguinho é de madeira, não sei se a palavra é prego⁷⁴, mas é de madeira. Então nós queremos nos

⁷⁴ A palavra correta é taco, segundo informações de tradicionalistas

manter nessa atividade, só que o meu sonho é ter uma associação ... é difícil mudar. (Entrevista Nº 17 Ex-Secretária de Turismo)

Existe apenas um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) com sede na cidade, que mantém diversas atividades como a organização de bailes, rodeios e grupos de danças. Entre as entidades tradicionalistas, merece destaque a existência dos piquetes de laçadores, localizados em diferentes distritos, reconhecidos como entidades oficiais do município, segundo informações da Secretaria de Educação e Cultura.

Os tradicionalistas entrevistados referem-se à existência de trinta e três piquetes localizados nos diversos distritos. O piquete é sempre uma pequena associação, com cerca de trinta ou quarenta associados que compram uma área, constroem uma sede para realizar suas atividades e disputam torneios entre as diversas associações. Anualmente, é organizado um campeonato municipal, no qual são selecionados os melhores laçadores do município. Esta é uma das atividades de mais destaque no município, sendo que os laçadores de “São Chico” são reconhecidos em todo o Estado e em eventos nacionais, pela sua perícia e habilidade. Discorrendo sobre o surgimento e a organização dos piquetes um dos depoentes disse:

O Piquete de Laçador surgiu com o advento do laço. Antigamente para se pegar um cavalo chucro, um gado chucro usava-se boleadeira, depois os tropeadores, os trançadores criaram o laço que facilitou pegar esse gado chucro no campo. São Francisco de Paula sempre foi uma terra de laçadores muito forte e eles se organizaram nessa parte de piquetes. Então, são dez homens titulares, dez laçadores e fazem um campeonato que dura o ano inteiro para ver qual é o melhor piquete, como se fosse um time de futebol. Quais são os melhores laçadores? É o Piquete Juca da Rata? O Presilha da Querência? ...São muito fortes, muito organizados, sem dúvida nenhuma os campeonatos de São Francisco de Paula, a parte do laço, e um dos mais bem organizados. O piquete é, por exemplo, um estancieiro pega os filhos, os empregados e forma um piquete, são dez homens, dez laçadores e

assim outro estancieiro, de outra fazenda, pega os filhos, os vizinhos e assim vão formando-se e temos mais de 20 piquetes de laçadores que se reúnem todo o ano e fazem esses campeonatos de laço. (Entrevista Nº 21)

Dentro do processo de recriação ou reinvenção das tradições, das atividades campeiras, especificamente as de laço que, tradicionalmente, eram praticadas apenas por homens, observa-se a introdução da participação feminina. Hoje, já estão sendo organizados torneios de “prendas laçadoras”. Para a prática desta atividade, as tradicionais bombachas masculinas foram adaptadas com a criação de um modelo feminino que permite a mobilidade que os típicos vestidos de prenda dificultariam. São comumente comercializados no município trajes gauchescos femininos compostos por bombachas e bota, vestimenta apropriada para montar e laçar.

A música

Outra característica identitária que tem origem nos hábitos dos primeiros habitantes é a musicalidade, reconhecida como um traço forte do povo de São Francisco de Paula. O município tem dado importante contribuição para a música regional, com compositores tradicionais e conjuntos de música gaúcha, como os grupos gauchescos que tiveram sua origem no município – “Irmãos Bertussi” e “Os Mirins” considerados de destaque regional e mesmo nacional na interpretação do cancionero gaúcho. Existem, hoje, três reconhecidos grupos tradicionalistas originários do município – “Os Tiranos”, “Grupo Guarani” e “Gonzaga dos Reis”.

O ritmo “bugio” é o gênero musical considerado típico da região de Campos de Cima da Serra. É um compasso que imita, em gaita, o grunhido do animal, identificado por vocalização ímpar. Segundo estudos de folcloristas, este ritmo é

dançado na região desde a primeira década do século XX pelos peões campeiros descendentes de açorianos e também pelos “bugres”, nome como são conhecidos os poucos remanescentes dos Caáguas que viviam na região⁷⁵.

Desde o início da década de 1980 vem ocorrendo, no município, o “Ronco do Bugio” – festival de música gauchesca –, realizado anualmente no mês de agosto. Este festival reúne compositores de diversas regiões do Estado que apresentam suas composições, todas neste ritmo musical. Por aceitar composições apenas neste estilo, esse evento é considerado um festival ímpar no Estado, uma vez que outros festivais, como a “Califórnia da Canção”, aceitam músicas de vários estilos.

A culinária

Outro elemento peculiar da tradição local está na culinária, a chamada “bóia campeira”. Na alimentação familiar, no dia-a-dia, são conservados elementos característicos ainda dos indígenas, coisas tipicamente da terra como pinhão, moranga, milho e o fubá, transpostos da alimentação da área rural para a vida citadina. A forma de assar o churrasco também é distinta. Em São Francisco, o churrasco é tradicionalmente “assado na vala”, modo típico do serrano. Porções maiores de carne são colocadas em espetos tradicionais de madeira e dispostos sobre a vala cavada na terra, sendo, geralmente, assado ao ar livre e por quatro a cinco horas. Discorrendo sobre as peculiaridades da gastronomia local um entrevistado afirmou:

A nossa gastronomia é muito forte, é muito tradicional, vem muita gente aqui, temos churrasarias especializadas em fazer o churrasco na vala, onde demora quatro, cinco horas para assar uma costela, temos a paçoca de pinhão em muitos restaurantes, o arroz carreiro, o feijão mexido, a vaca atolada, esses pratos típicos da culinária gaúcha que pode fazer em qualquer lugar, mas se fizer aqui o pessoal procura porque sabe que aqui tem e é bom. (Entrevista Nº 27)

⁷⁵ In: Festival do Ronco do Bugio – Léo Ribeiro – Inverno 2002/3. p. 20.

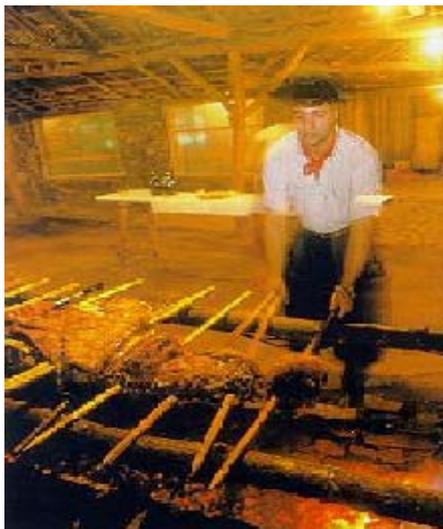


Figura 13: **Churrasco na vala**

Fonte: [http:// www.saochico.com.br/historia.htm](http://www.saochico.com.br/historia.htm)

A culinária local, bem como os hábitos campeiros fazem parte do cotidiano. Um dos entrevistados que não é natural do município, e exerceu o cargo de Secretário de Turismo, referindo-se aos hábitos tradicionais dos habitantes relatou:

Todo esse gosto pelas lidas campeiras, pela música tradicionalista está presente em São Francisco, na própria cidade, você passa lá e vê gente vestida de bombachas, gente andando a cavalo, gente chegando do interior a cavalo, você ainda vê gente com insumos, produtos que são entregues nas casas a cavalo. O leite eu não vi, vi mais produtos como hortigranjeiros, ovos. O cavalo vem do interior e ainda faziam esse tipo de entrega. Inclusive na própria cidade tem inúmeras pessoas que possuem os seus cavalos. ...inclusive um deles organizou uma espécie de hotel, uma baia, onde as pessoas colocam os cavalos lá e nos finais de semana pegam os seus cavalos e vão passear. Então, tem um gosto nessas tradições gaúchas. É uma tradição genuína. (Entrevista N° 24)

Finalizando, pode-se afirmar que a tradição e o folclore fazem parte das atividades do dia-dia da maioria da população, estando presente nos hábitos de vestir, na alimentação, nas práticas de convívio cotidianas na cidade como o

chimarrão tomado com os amigos ao entardecer, em suas residências ou até em “rodas”, na praça ou no centro da cidade.

6 IDENTIDADE DE “RESISTÊNCIA”: A REINVENÇÃO DA CULTURA SERRANO-CAMPEIRA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA

A forma como ao longo das últimas décadas foram tratadas as tradições e a questões econômico-sociais em São Francisco de Paula sugere que vem ocorrendo nesse município um processo de construção de uma “identidade de resistência”, na conceituação de Castells (1999) enquanto um movimento reativo que busca imagens e significados do passado que possam servir de alternativa à ordem existente. Partindo-se, pois, da hipótese de que a “identidade cultural local”, no município de São Francisco de Paula adquire as características próprias de um processo de construção de “identidade de resistência”, não só mantendo, mas também reforçando as atividades econômicas tradicionais e os hábitos campeiros característicos do município, serão examinadas, neste capítulo, as estratégias usadas pelas elites políticas e pela comunidade para a construção desse projeto identitário.

Inicialmente, serão estudadas as políticas municipais, para, a seguir, examinar as principais formas de participação da comunidade nesse projeto. Por último, será analisado como vem ocorrendo o processo de implementação do setor de turismo no município buscando verificar suas inter-relações com o processo de construção

de uma “identidade de resistência” e as implicações desse para o processo de desenvolvimento do município.

6.1 AS POLÍTICAS MUNICIPAIS E A CULTURA EM SÃO FRANCISCO DE PAULA

Em 1989, foi eleita em São Francisco de Paula uma administração municipal que pode ser caracterizada como inovadora, considerando-se os padrões políticos tradicionais da região. O prefeito eleito não era natural do município, embora ali residisse há vários anos. Ao ser empossado, formou um secretariado de caráter não-político, com técnicos e especialistas, recrutando-os nos municípios vizinhos.

O turismo foi considerado, por essa administração, uma nova alternativa econômica para o desenvolvimento do município. Várias medidas foram tomadas visando a criar melhores condições na cidade para a prática turística, entre as quais se destaca a criação da Secretaria Municipal de Turismo. Para ocupar o cargo de secretário foi convidado um técnico da área que havia integrado a Secretaria Estadual de Turismo e estava exercendo suas atividades como diretor de uma escola de turismo e hotelaria na vizinha cidade de Canela.

Esse primeiro secretário de turismo de São Francisco de Paula delineou um plano de desenvolvimento turístico para o município, partindo do pressuposto de que havia necessidade de estabelecer um diferencial em relação às cidades vizinhas. Fundamentado na valorização da identidade e na tradição rural dos habitantes propôs o desenvolvimento do que denominou, “turismo campeiro”, modalidade de turismo que deveria se constituir na identidade de “São Chico”, diferenciando-se do turismo rural oferecido na área colonial da serra gaúcha. As atividades rurais tradicionais praticadas pelos moradores seriam transformadas em

atrativo, ao mesmo tempo em que se constituiria em nova forma de incrementar a renda dos proprietários rurais, uma vez que o setor pecuário, baseado na exploração extensiva do gado, encontrava-se em franco declínio.

Inicialmente, foi lançado um projeto-piloto para a remodelação de algumas sedes de antigas fazendas com o intuito de transformá-las em pousadas. O plano pretendia manter a estrutura e o ambiente campeiro, agregando apenas elementos de conforto às antigas casas, de maneira que pudessem receber turistas adequadamente. Poucos fazendeiros aderiram ao plano, apenas duas ou três fazendas se prepararam para receber visitantes, mantendo a criação de gado da forma tradicional, de modo que esta fosse o atrativo para os visitantes.

As palavras do idealizador dessa modalidade de proposta turística são significativas e ilustram claramente os objetivos da proposição:

Chamamos de turismo campeiro, porque está mais vinculado a parte um pouco mais do campo, do gado, mas também é componente rural. Então, o que estávamos tentando montar era um projeto-piloto e as sedes das antigas fazendas, aos poucos incrementá-las e transformá-las em pousadas sem perturbar muito o ambiente, sem agregar muitas pessoas além daquilo que normalmente eles têm.... as pessoas começaram a preparar as suas fazendas para começar a receber o turista. E aquela criação de gado que normalmente essas fazendas possuíam, que não são em grande quantidade, passaram a ser quase que o gado de presépio, quer dizer, a nossa intenção era fazer como que eles ganhassem muitíssimo mais alojando turistas do que com a venda daquele gado que não era em grande quantidade que eles possuíam. (Entrevista N° 24 – Ex-secretário de Turismo)

Por iniciativa desse secretário de turismo foi traçado, também, juntamente com os municípios de Nova Petrópolis, Gramado e Canela, um projeto integrado de desenvolvimento do turismo para a chamada “Região das Hortênsias”.



Figura 14: **Localização da Região das Hortênsias**

Fonte: [http:// www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm](http://www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm)

O plano visava a agregar os esforços dos quatro municípios para, por meio de ações conjuntas, promoverem o desenvolvimento da região. A primeira medida do plano tinha por objetivo incrementar as campanhas de divulgação. Para a implementação do plano foi elaborado projeto considerando o fluxo turístico já existente em cada um dos municípios. No rateio dos custos previstos, São Francisco, o município com o turismo menos desenvolvido, arcaria com 10% dos investimentos em campanhas de marketing, Nova Petrópolis com 20%, Canela com 30% e Gramado com 40%. Várias campanhas de divulgação foram efetuadas, conjuntamente, ao longo da década de 1990.

No município, foram realizados investimentos em infra-estrutura turística, como a construção do “Anfiteatro Nossas Raízes”, sendo edificadas um palco, uma sala

para teatro e um auditório com espaço para eventos no local de uma antiga praça, marco dos primeiros habitantes. A construção do auditório na região central da cidade visava a criar um espaço para o desenvolvimento dos novos talentos da comunidade e constituir uma área apropriada para a apresentação de teatro e festivais de cunho turístico. Esse espaço também serviria como ponto de convivência da população na cidade para o bate-papo e o chimarrão do final de tarde, característico dos hábitos serranos.

Nessa mesma administração, também foi construído o Centro de Informações Turísticas, edificado próximo à entrada da cidade, no entroncamento da RS 20 com a RS 235, buscando reproduzir, de maneira estilizada, uma casa de fazenda. O prédio foi construído com três pisos, tendo cada um finalidade específica. No piso inferior foi previsto um espaço, com forma semelhante a um *boliche* (armazém campeiro), para exposição do artesanato local. No piso térreo estava localizado o centro de informações, local próprio para receber o turista e prestar as informações sobre os roteiros, atividades, atrações e acomodações disponíveis no município e, no segundo andar, o espaço denominado “escolinha”, destinado a oferecer treinamento em turismo para os recepcionistas e para alunos do município. Ao ser inaugurado, o Centro era atendido por recepcionistas treinados para o atendimento de turistas, trajando a vestimenta típica da região serrana.



Figura 15: **Centro de Turismo de São Francisco de Paula**

Fonte: [http:// www.saochico.com.br/historia.htm](http://www.saochico.com.br/historia.htm)

Esse centro, pelo seu estilo construtivo, destacou-se da arquitetura simples e tradicional da cidade, constituindo-se em alvo de inúmeras críticas dos adversários políticos da administração vigente, passando a ser conhecido como “casa da Dinda”, em alusão aos fatos ocorridos na política nacional no período Collor de Mello. As administrações políticas posteriores mantiveram o Centro de Informações para o turista, porém, utilizando o espaço de forma convencional, não mantendo a forma de atendimento idealizada originalmente.

Apesar das atitudes inovadoras, a atividade turística vem sendo implementada de forma lenta e não é reconhecida por grande parte da população. Comentando o desenvolvimento do turismo no município, vários dos entrevistados fizeram menções às dificuldades encontradas na sua implementação. Entre as falas, cabe

destacar uma que enfatiza a questão cultural, particularmente o fato de não haver uma proposta educacional para o turismo:

Tivemos uma certa dificuldade, o nosso município está fazendo, este ano de 2003, 100 anos de emancipação política e a coisa é meia travada, é uma questão cultural, o pessoal não foi educado, ao longo do tempo, com esta cultura de turista. Ainda se pensa muito em turismo só como passeio, que é bom para quem está passeando e não para o município. (Entrevista N° 16)

Referindo-se às dificuldades de implementação do turismo, outro entrevistado questionou se a população realmente deseja o desenvolvimento do turismo. Saliou entre as características do comportamento do serrano, o conservadorismo, que os leva a temer mudanças:

Está recém dando os primeiros passos, porque no início houve até uma rejeição. ... tinha gente que não queria o asfalto, quer dizer, essas coisas acontecem; vem muita gente de Porto Alegre, trazem tóxico, trazem não sei o quê. ... O serrano é meio introvertido, essa que é a verdade, ele é introvertido mesmo. É preciso vencer a sua própria formação para acolher bem as pessoas, para serem alegres. (Entrevista N°19)

As declarações de um dos entrevistados vinculado ao movimento tradicionalista – “Patrão do CTG”, compartilham deste pensamento. Suas declarações ressaltam que os traços culturais são elementos que entram o desenvolvimento do turismo no município.

Acho que pela cultura do nosso povo que não tem essa cultura do turismo. A nossa cultura é a campeira, não temos, por exemplo, essa visão turística que tiveram os alemães de Canela e Gramado. Tanto é que o Veraneio Hampel foi fundado por alemães e não pelo nosso pêlo duro. Não é que não goste, mas não sabe como fazer. Acho que em São Francisco de Paula não sabemos fazer e há anos que não temos uma secretária de turismo que atue nesse sentido, independente de partido político. (Entrevista N°29)

O receio do novo, da mudança que o turismo pode trazer à pacata vida da cidade, está presente entre a população. O depoimento de outro entrevistado, que exerceu o cargo de Secretário de Educação e Cultura, ilustra bem esse ponto de vista.

Uma parcela da população acredito que pense assim, com certeza, o turismo vai mudar o município ... vai tirar a característica do município, vai trazer poluição, esse discurso ouve-se de muitas pessoas com certeza. Tanto a elite, ou o povo... aí nas duas partes da comunidade. Daí vem bem aquela coisa do homem do campo de olhar meio que com desconfiança, que vai vir assalto, que infelizmente em parte até vem mesmo.(Entrevista Nº30 – ex-secretário de educação)

A análise das afirmações acima evidencia que há, por parte da população, principalmente daqueles vinculados ao setor econômico tradicional e à pecuária extensiva, uma resistência à inovação que acompanha o turismo. O processo de implementação dos projetos turísticos é muito lento, sendo que os investimentos em serviços – hotéis e restaurantes – têm sido realizados por pessoas provenientes de fora do município que optaram por investir no município.

Ainda na administração que construiu o Centro de Informações foi desenvolvido um convênio com a recém criada Secretaria Municipal de Turismo, e a Secretaria de Educação para o desenvolvimento de projetos de educação para o turismo.

A Secretaria de Turismo, em colaboração com a Secretaria de Educação, elaborou uma “Cartilha Turística de São Francisco de Paula”,⁷⁶ dividida em dois segmentos. O primeiro, elaborado pelo próprio Secretário de Turismo, apresenta noções sobre a atividade turística, abordando os temas: viagens, o que é o turismo, pacotes turísticos, consciência turística, patrimônio cultural, artesanato e

⁷⁶ Em anexo nº 8

folclore. A segunda parte examina São Francisco de Paula em relação aos seus aspectos históricos, econômicos, culturais e seus atrativos turísticos. A cartilha foi distribuída a todos os segmentos sociais e trabalhada, em escolas do município, por alunos a partir da 3ª série, na disciplina de Estudos Sociais.

O trecho da apresentação, transcrito a seguir, explicita a proposta do material elaborado:

Esta cartilha deseja criar em ti uma consciência turística e com isto transformar-te numa das molas propulsoras do progresso do teu município, através do turismo.

Alem desta cartilha ser um instrumento valioso nas tuas mãos, ela será também uma peça promocional de grande alcance, pois, muitos visitantes a levarão consigo divulgando assim o nome e as potencialidades turísticas do teu município. (Cartilha, p. 6)

Em 2002, foi incluída, como componente curricular, a disciplina “Iniciação ao Turismo”, ministrada nas escolas da rede para os alunos de 5ª até 8ª séries, buscando dar aos alunos noções sobre o turismo e seu papel para o município.

Visando também à educação para o turismo, foi implantado o projeto “Crescendo com o Turismo”, desenvolvido desde a educação infantil até a 8ª série. Proporciona a visita dos alunos, inclusive os das escolas rurais, aos diversos locais turísticos do município.⁷⁷ Essas visitas lhes permitem conhecer o município, ao mesmo tempo que buscam ensinar como deve ser recebido o visitante. O depoimento da Secretária do Turismo sobre o projeto e seus objetivos é significativo:

O projeto chama-se *Crescendo com o Turismo*; por quê? Para que o turismo seja conhecido como algo que vai trazer melhoria de qualidade de vida para os munícipes, nós temos que mostrar que turismo é coisa boa. Como a nossa região é de gente de poder aquisitivo pequeno, se eu vou em uma escola e digo: oh, turismo é

⁷⁷ Informações obtidas em entrevista com a Secretaria Municipal de Educação.

nós estarmos quebrando a rotina, colocando umas roupas engomadas, saindo por aí. Isso é uma coisa muito distante da realidade que o aluno vive, que a família do aluno vive. O que queremos fazer é dar uma possibilidade para que esse aluno, que esse jovem do município pense: não vou poder fazer uma faculdade, mas vou poder fazer um curso técnico, vou ser um emissor de passagens, vou ser um recepcionista de hotel, vou poder fazer um curso técnico de línguas, posso ser um guia turístico. O que estamos mostrando é o que é o turismo, qual o benefício que o turismo traz para a região e daqui a pouco queremos trazer o curso técnico para esse pessoal também. (Entrevista nº 17)

Também, como parte da educação para o turismo, estão sendo desenvolvidas oficinas de artesanato nas escolas para que sejam valorizados os materiais típicos da região. Nessas oficinas, além do trabalho manual em materiais como madeira, palha, cipó e lã, discute-se a importância dessa prática para a manutenção da cultura e da economia da região.

Há uma boa integração entre as redes de ensino municipal e estadual, tendo a maioria das escolas estaduais já introduzido, em seu currículo, a disciplina de “Iniciação ao Turismo”.

Com a efetivação da municipalização do ensino implementada na última década, a Secretaria Municipal de Educação, em seu Projeto Municipal de Ensino, introduz o ensino de espanhol como segunda língua do currículo de ensino fundamental. Segundo informações obtidas junto à secretaria, esse ensino visa a promoção do turismo, pois, de conformidade com os dados da Secretaria de Turismo, é grande o número de turistas do Mercosul que visitam a região. Assim o ensino de espanhol viria a facilitar a comunicação com esses visitantes.

A Secretária de Educação Municipal, discorrendo sobre esse tópico, afirmou:

Nós somos conhecidos como um povo tipicamente gaúcho, um povo gaudério, embora se tenha agora alguma dificuldade para se trabalhar isto porque foi se perdendo esta identidade. Alguns anos atrás era bastante comum sair na rua e encontrar várias pessoas vestidas de bota e bombachas e hoje isto se reduziu. Então, é parte da identidade que está se perdendo e estamos tentando resgatar isto

trabalhando com grupos de folclores, na escola, com grupos de danças, com grupos de músicas. Eles enfatizam a questão do gaúcho. A escola trabalha as tradições, procuramos resgatar todos estes costumes do gaúcho, de culinária, de vestimentas, de comportamentos. (Entrevista N° 16)

A forma como vem se desenvolvendo este processo pode ser caracterizada como um processo de formação de “identidade de resistência” (Catells, 1999), uma reconstrução de materiais tradicionais visando a manutenção de antigos hábitos. São tradições de caráter orgânico que constituem um sistema ritual recriado em contexto de modernização crescente, constituindo-se em elemento de agregação social.

6.2 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E A COMUNIDADE

Para analisar a efetivação das políticas abordadas no item anterior é necessário que se examine a forma como a população reconhece essas medidas e como participa de sua implementação.

As divergências políticas fazem parte da história de São Francisco de Paula, como se pode observar examinando o controverso episódio da emancipação, ocorrido nas últimas décadas do século XIX. A rivalidade entre os blocos políticos é histórica e muito arraigada. As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelas divergências entre o núcleo político vinculado ao Partido Libertador, representando os tradicionais e antigos fazendeiros, e o grupo que apoiava o partido governista estadual, os “borgistas”, do Partido Republicano, e que congregava a elite econômica do município, grupo, então, numericamente inferior. Essa polarização política permaneceu presente ao longo de todo o século XX, manifestando-se nas oposições PTB e PSD e, posteriormente, ARENA (PDS e

PPB) e MDB. A cada novo mandato municipal, geralmente tem ocorrido alternância de poder político com desmobilização de todo o aparato político e da estrutura administrativa da gestão partidária derrotada. Essa polarização é marcante na política do município como enfatiza um dos entrevistados:

Impera lá é a rivalidade política, não sei se tão forte em outro município do Rio Grande do Sul como tem lá. ...Então, o Prefeito não consegue maioria na Câmara e todos aqueles projetos que ele manda para lá, que são de interesse da comunidade, os vereadores preferem votar contra, ou seja, a política quanto pior melhor. Então, a rivalidade é muito grande e eu saí de lá. Então, enxergando de fora vemos que enquanto tiver aquilo ali o troço não vai deslanchar. (Entrevista N° 21)

A disputa e o facciosismo entre os grupos políticos no município são acirrados e reconhecidos por todos os segmentos sociais como um entrave ao processo de desenvolvimento. Em suas entrevistas, os atores sociais do município, indistintamente de todos os posicionamentos políticos e filiação partidária, fizeram referência a essa situação, que julgam peculiar à cidade e que não ocorre nos municípios vizinhos onde, encerrado o período eleitoral, por mais árdua que tenha sido a disputa pelos cargos políticos, a comunidade passa a atuar em conjunto, buscando o desenvolvimento e o reconhecimento de suas cidades.

Em São Francisco, as diferenças partidárias pautam as campanhas políticas e todos os atos administrativos dos eleitos são marcados por essas divergências, como ilustra, figurativamente, a fala de um entrevistado, proprietário de uma pousada:

Nós ainda estamos no conceito de levantar a lâmina, não sei se a senhora sabe o que é isso? Levantar a lâmina é quando tu mandas arrumar uma estrada do interior e em uma cancela tal, aquele é teu contrário, então, quando tu passas ali levanta a lâmina e baixa só na outra. Isso é uma coisa cultural que está aí. (Entrevista N°23)

Outro entrevistado que ocupou, em administração passada, o cargo de Secretário de Educação e Cultura salienta o impacto negativo das disputas políticas na continuidade administrativa do município, revelando sua surpresa com a manutenção do “Natal Campeiro”, por uma nova administração, projeto da administração anterior.

Uma visão muito pequena, de uma cosmovisão muito pequena é o que vai fazendo com que a cidade não se desenvolva, não saia daquela picuinha e questões pessoais, brigas de famílias, disputas por esses pequenos espaços de poder. ...São Chico tem essa coisa também, são períodos distantes, cada governo é tudo muito personalista. Então, até uma das coisas que me chamaram atenção desse governo atual foi quando retomou o Natal Campeiro que, para mim, foi uma surpresa porque não é normal da história política do município as coisas terem um prosseguimento. (Entrevista N°30)

A ênfase em marcar as diferenças políticas pode ser considerada uma maneira de conservar as disputas históricas e a tradição, o que, pode ser interpretado, recordando Giddens, como um modo de manter a segurança ontológica:

Uma forma, mas uma forma muito importante, de sentimento de segurança refere-se à crença que a maioria dos seres humanos têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. (Giddens, 1991, p.95)

O apego à tradição é evidenciado também na escolha e nomeação do secretariado municipal e dos cargos técnicos. A administração que tentou modernizar e profissionalizar, nomeando gestores profissionais e técnicos, desvinculados da política tradicional, foi bastante criticada por ter trazido colaboradores de fora do município, como o Secretário do Turismo, que buscou implantar um processo de desenvolvimento turístico com a construção de infraestrutura como o Centro de Turismo e a implantação do ensino de turismo nas

escolas municipais. A população do município questionou as modificações, como evidencia um dos depoentes:

Onde já se viu o Prefeito trazer um secretário de fora, não temos gente competente aqui para colocar de secretário, tem que trazer uma pessoa de fora. (Entrevista N°20)

Essas manifestações evidenciam o apego ao conservadorismo, um dos traços característicos da busca de imagens do passado, a tentativa de, com estas ações, poder controlar os efeitos inovadores da implantação de novas atividades econômicas, ação emblemática de uma “identidade de resistência”.

A análise do jogo político e do desenvolvimento do município realizada pelos entrevistados é sempre feita de forma comparativa aos municípios vizinhos da Região das Hortênsias, e também aos novos municípios que estão iniciando o processo de implementação do turismo na região serrana, como Cambará do Sul e São José dos Ausentes. A situação de estagnação econômica e, principalmente, de não-desenvolvimento da área turística, é reconhecida como uma ausência de iniciativa política das elites municipais, resultante da prática tradicional da atividade pecuária e do conservadorismo.

Falta iniciativa política e gente que nos ensine como fazer isso aí, uma liderança. Exatamente, que motive isso aqui. Por exemplo, Cambará já está muitos passos à frente de São Francisco de Paula. E está muito à frente em matéria de turismo. São José dos Ausentes está bem à frente de Cambará e de São Francisco de Paula. (Entrevista N°29)

Reconhecendo o entrave que as disputas políticas constituem ao processo de modernização econômico-social do município outro entrevistado afirmou ser esse

o grande entrave do município com certeza, isso digo sem medo de errar, em todos os aspectos. A disputa política e a visão política não é

nem fechada, só vejo o meu umbigo e isso tem feito São Francisco de Paula não desleixar porque se formos considerar, por exemplo, isso o próprio pessoal de Canela e Gramado, com muita dor, reconhecem, se formos considerar o patrimônio turístico natural São Francisco de Paula dá de dez a zero nos outros três municípios com certeza. Mas, esse elemento humano de uma visão muito pequena, de uma cosmovisão muito pequena é o que vai fazendo com que a cidade não se desenvolva, não saia daquela picuinha e questões pessoais, brigas de famílias, disputas por esses pequenos espaços de poder. (Entrevista N°30)

A formação histórica, cultural e econômica de São Francisco de Paula reflete-se no posicionamento político e nas disputas partidárias, condicionando as ações políticas. As raízes culturais e o apego às tradições norteiam os comportamentos políticos e as ações econômicas, dificultando a inserção de novas atividades como as de cunho turístico.

É possível perceber no depoimento dos entrevistados que o conservadorismo político está presente na maioria das administrações municipais. A alternância de poder político-partidário não significa modificação no foco de investimentos que, como ilustra o depoimento a seguir, se mantém nas ações tradicionais e não prioriza o desenvolvimento do turismo:

Por causa daquela mentalidade arraigada que prefeitura do interior só tem que fazer estrada, prometer estrada e prometer emprego. Todos os prefeitos que se elegem em São Francisco de Paula prometem dar valor ao turismo. Para a senhora ter idéia a dotação orçamentária para 2004 (para a Secretaria de Turismo), em São Francisco de Paula, é 1,31% do orçamento pobre, só dá para pagar secretária, água, luz e deu. (Entrevista N°27)

O turismo pode ser considerado como a expressão do novo, como uma atividade que exige atitudes dinâmicas e inovadoras. A manutenção do tradicional modelo de administração política implementada em São Francisco, centrado nas divergências político-partidárias desde o início do século passado, dificulta,

sobremaneira, a implementação desta nova atividade econômica. Entre as elites políticas municipais, persistem as maneiras históricas de administrar, centradas em práticas tradicionais que não aceitam alterações, o que pode ser entendido como um entrave às mudanças exigidas pela nova prática social do turismo, aspecto a ser analisado no próximo tópico, pois, como diz Giddens (2000, p.52), a tradição constitui-se no conceito mais básico do conservantismo e os conservadores acreditam que ela encerra uma sabedoria acumulada.

6.3 O TURISMO EM SÃO FRANCISCO DE PAULA

Para analisar o desenvolvimento das atividades de turismo em São Francisco de Paula, como parte de uma estratégia de desenvolvimento econômico social adotada para a inserção no novo modelo de desenvolvimento capitalista, é necessário que se examinem as primeiras propostas de implementação desta atividade realizadas a mais de um século.

As atividades de cunho turístico são desenvolvidas no município desde o início do século XX. O clima do município, principalmente em função da altitude, era o principal atrativo para os visitantes. Nas primeiras décadas do século XX, antes do advento da penicilina, pessoas “doentes do pulmão” buscavam a cura de seus males em locais de grande altitude como a serra gaúcha.

O primeiro local a receber visitantes e pacientes foi fundado em 1899, por um médico proveniente da Alemanha, que se estabeleceu nos arredores da cidade, em extensa área natural cercada de matas e cascatas, visando estabelecer um local que possibilitasse o tratamento de pessoas com doenças pulmonares. Denominado “Pensão Hampel”, ao longo dos anos passou por vários proprietários

que a modernizaram, constituindo-se em um dos principais hotéis da cidade. Hoje, é explorado por proprietários de fora do município que estão implementando uma administração moderna, gerida por um técnico da área de turismo e hotelaria. Recentemente, passou por reforma que procurou preservar a arquitetura e características originais do primeiro edifício construído no início do século passado.

Ainda no início do século XX, outro hotel, o “Bela Vista”, iniciou seu funcionamento, no centro da cidade, acolhendo, no verão, inúmeros hóspedes.

Todavia, após este início promissor, verificou-se ao longo da primeira metade do século XX, um recuo das atividades turísticas, contrastando com o desenvolvimento ocorrido em outros municípios da serra, entre os quais Canela e Gramado.

Em 1960, foi criado o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) com o objetivo de incentivar, organizar e administrar o turismo no município. Porém, em 1963, o desmembramento de Cambará do Sul retirou da área de São Francisco duas das mais reconhecidas áreas de beleza natural do estado – Taimbézinho e Fortaleza, tendo a perda dessas duas atrações naturais levado à desmobilização das atividades de turismo no município por um longo período.

Apenas em 1989 as atividades vinculadas ao turismo voltaram a ser prioridade política com a criação, como examinado no item anterior, da Secretaria Municipal de Turismo que tentou modernizar as práticas desta atividade, com a implementação do que foi denominado “turismo campeiro”, e o incentivo ao desenvolvimento da infra-estrutura hoteleira local.

O mais antigo estabelecimento hoteleiro – “Pensão Hampel”, hoje denominado “Veraneio Hampel”, foi fundado por alemães, e, é explorado por pessoas de fora do município e administrado por um técnico do Paraná. Os outros dois maiores

hotéis da cidade – Cavalinho Branco e Caçador Verde – são, também, de propriedade de investidores de fora.

O hotel Cavalinho Branco localiza-se numa das mais belas paisagens da cidade, à margem do lago São Bernardo, tendo sido inaugurado como estabelecimento hoteleiro em 1978. A edificação do prédio fora iniciada originariamente na década de 1930, por um investidor austríaco que, tendo adquirido grande área de terra na região, iniciou a construção de um edifício para a implementação de um cassino na Serra. O projeto assemelhava-se a um empreendimento austríaco construído em 1878, também às margens de um lago – Wolfgang See, na região de Salsburgo – o romântico hotel “Weissen Rössl”.⁷⁸ A proibição dos jogos de azar, em 1946, pelo então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, fez com que a obra fosse paralisada em fase final de construção. A área foi abandonada pelos investidores iniciais e o poder municipal, em função das dívidas com o não-pagamento de impostos, assumiu, anos mais tarde, a área. Na década de 1970, uma empresa de investimentos turísticos – BrasilTur – comprou o prédio e concluiu a construção, iniciando a exploração das atividades hoteleiras. O nome do projeto original, “Cavalinho Branco”, foi mantido em função do estilo arquitetônico do prédio semelhante ao hotel austríaco.

O hotel Caçador Verde foi também fundado por estrangeiros, esses de origem alemã, que adquiriram uma área de terra às margens da rodovia que ligava São Francisco a Canela. O hotel foi construído em um local afastado da cidade, considerado propício ao desenvolvimento do esporte da caça de pequenos animais – tatu, lebre, veado, perdiz, jacu, inhambu entre outros. O nome “caçador verde”

⁷⁸ “Im weissen Rössl” é também uma opereta composta pelo austríaco Ralph Benatzky que foi encenada pela primeira vez em Berlim no ano de 1930. A construção do hotel-cassino em São Francisco de Paula foi iniciada nesta mesma década.

foi dado em alusão ao uniforme usado para a caça pelos praticantes deste esporte na Alemanha. O hotel teve, ao longo das últimas décadas, vários proprietários que conservaram o nome original. Os atuais proprietários são do Rio de Janeiro.

Os habitantes de São Francisco de Paula que investem em turismo ainda são poucos e, quando o fazem, recorrem a empreendimentos que não exigem maiores investimentos, como pequenas pousadas. Um dos entrevistados, de origem italiana, proveniente de Caxias do Sul, proprietário de uma pequena pousada, comentando sobre o lento desenvolvimento do turismo em São Francisco, afirmou:

O serrano é conservador, é passivo, voltado muito ao tradicionalismo, ele está ligado ao campo mesmo, ele não consegue se desprender disso... o turismo é desenvolvido por pessoas de fora, e é uma situação criada e não se faz nada para superar... (Entrevista N°32)

As lideranças políticas percebem o turismo como a atividade que pode modificar a realidade econômica do município, mas reconhecem as dificuldades frente aos arraigados hábitos vinculados ao que denominam “vida campeira” do serrano. Cientes deste contexto, há uma mobilização para o desenvolvimento de empreendimentos na área do turismo rural. A atual administração retomou o conceito tradicional de turismo rural em contraposição às propostas feitas pelo primeiro Secretário de Turismo do município, em 1989, de turismo campeiro.

As atuais lideranças das áreas política e cultural de São Francisco estão convencidas de que essa modalidade de turismo é a alternativa para a estagnada economia do município e, nesse sentido, estão propondo projetos para sua implementação.

A Secretária de Turismo, referindo-se ao projeto pela atual gestão política, afirmou que a proposta visa a oferecer acomodações em “fazendas-hotéis”,

prevendo que não seriam necessárias grandes alterações nos estabelecimentos. Essa prática seria uma forma de, sem alterar significativamente a tradicional rotina da vida no campo, agregar renda aos pecuaristas:

Queremos nos manter como somos e assim nos tornarmos uma atração turística verdadeira. Então, tu vais hoje a São Francisco em fazendas-hoteis, ela é fazenda. Segunda-feira ela é fazenda, não entrou nenhum hóspede ela é fazenda, tem o mesmo horário para acordar e dormir; quando chega um hóspede ele se insere dentro desse processo. É bom para o proprietário da fazenda porque vai trazer um dinheirinho a mais no final do mês; que bom, mas ele é inserido dentro daquele contexto que já existe, o banheiro lá já existe, a cozinha dentro do galpão já existe, a horta existe, porque a família precisa subsistir daquilo que há na horta e ele vem co-participar. Não foi criada aquela fazenda, não foi criada aquela pousada para receber o turista. (Entrevista N°17 – Secretaria de Turismo)

Para a implementação desse projeto, a Secretaria de Turismo, conjuntamente com o departamento de turismo da Câmara de Indústria e Comércio do município, buscaram assessoramento do SEBRAE para iniciar um projeto de conscientização sobre o turismo. O projeto denominado CORLOCAL – Câmara de Operadores Receptivos de Turismo – tem mantido reuniões regulares com empresários ligados à exploração de atividades turísticas para estabelecer os pontos essenciais a serem trabalhados.

Entre as proposições do grupo cita-se a campanha de conscientização em todo o município, sobre o que é realmente o turismo, divulgando para toda a população sua importância e sua abrangência. Vários entrevistados, especialmente os vinculados às atividades de turismo, fizeram referências ao desconhecimento por parte da população do que realmente venha a ser a prática turística. O depoimento de um ex-Secretário de Turismo, com vivência no ensino na área de turismo evidencia essa percepção:

Acho que um programa de educação para o turismo pode preparar, sim, muito bem esse cidadão e fazer com que eles possam impor o respeito do visitante ao visitado em relação a todos esses componentes culturais que a localidade detém e me parece que isso é importante.(Entrevista nº 24 - Ex-Secretário de Turismo)

Outro entrevistado, que reside há pouco em São Francisco, onde, atualmente, administra um hotel, afirmou:

A população não tem essa visão, não tem noção do benefício que isso pode causar, dos grandes benefícios que o turismo causa para todos. Ouvimos muito as pessoas dizerem que não tem nada a ver com o turismo, que tem uma loja disso ou daquilo, que não tem artesanato. Então, não negociam com o turismo, como se as pessoas que se beneficiaram do turismo não fossem transferir renda para dentro da cidade. Então, há falta de conscientização, de um trabalho...(Entrevista Nº 26)

Depreende-se, a partir das citações acima, que o despreparo da população é no entender dos entrevistados, um fator preponderante, que dificulta o desenvolvimento do turismo no município. A arraigada cultura campeira e a manutenção dos hábitos tradicionais são obstáculos à inovação.

Um dos entrevistados, gerente de um empreendimento turístico, relatou a dificuldade em obter trabalhadores para o setor. Um grande número de pessoas acorre ao estabelecimento sempre que é veiculado anúncio de vagas, no entanto, apesar do grande número de desempregados, quando tomam conhecimento das especificidades do trabalho na área turística, especialmente com relação aos horários e dias a serem trabalhados, desistem da vaga:

Temos uma dificuldade de mão-de-obra inacreditável, dificuldade de seleção e depois de selecionado a dificuldade de admissão. Temos casos que admitimos o funcionário, fica marcado para começar no outro dia, deixa a carteira profissional, mas nunca mais aparece. Primeiro porque hotelaria assusta um pouco quando admite alguém e fala que a disponibilidade de horário é fundamental

isso implica em sacrifícios e poucos querem abrir mão, principalmente com relação a final de semana, que o grande momento da hotelaria, do restaurante é final de semana. Então, a privação de folgar nessas datas parece que é um dos motivos. A outra é a carga horária da hotelaria que é sempre mais puxada, mais desgastante e até a falta de oferta de mão-de-obra. Falam que o desemprego é grande, mas quando anunciamos que estamos admitindo pessoas o número de procura é grande. O desemprego é um problema de São Francisco de Paula, pode ser mais acentuado aqui, mas hoje temos muita gente desempregada, mas na hora que procura emprego e acha, talvez não seja bem aquilo queria. Então, é uma análise que acabamos fazendo diante de tanta busca que temos de qualidade de pessoas e não temos essa correspondência. (Entrevista N°26)

Vários entrevistados, principalmente os vinculados às atividades de turismo, enfatizaram a vocação do município para o turismo rural. Foram feitas referências à possibilidade de implementação de variantes, como o chamado turismo ecológico ou de aventura. A privilegiada natureza do município, com a presença de inúmeros rios, barragens – Blang e Salto – constituiriam o ambiente natural próprio para as atividades de lazer náutico, modalidade que vem crescendo enormemente. No entanto, essas modalidades exigem uma adequada infra-estrutura: a compra de equipamentos, botes, veículos “off-road”, equipamentos apropriados para pesca. Porém, sua implementação é bem mais difícil e onerosa do que o turismo rural, sendo, ainda, muito pouco desenvolvida, em função da falta de investimentos.

A organização de eventos turísticos busca enfatizar, em todos os eventos e comemorações, os vínculos com a “identidade serrana” e com as tradições gauchescas do município. Entre os eventos oficiais do município, organizados ou chancelados pela Secretaria de Turismo, destacam-se:

- Festa do Pinhão – realizada anualmente no inverno, época da safra do fruto característico da região. Como principais atrações são organizados concursos de culinária à base de pinhão. Durante o período da festa, duas semanas, promove-se, no local, Parque Davenir Peixoto Gomes, feiras de artesanato e produtos coloniais. São realizadas apresentações

artísticas e folclóricas como a realização da “Cavalhada”, tradição folclórica característica do distrito de Cazuza Ferreira, que consiste na simulação de uma batalha entre mouros e cristãos. Durante o evento são distribuídas mudas de araucária, árvore nativa da região.

- Cavalgadas – são realizadas por cavaleiros integrantes do movimento tradicionalista e participantes dos “Piquetes de Laçadores”. No ano de 2003 foram realizadas duas, integrando o calendário turístico oficial da Secretaria de Turismo do Estado. A primeira, estendendo-se pelos municípios da serra gaúcha, e a segunda percorrendo a zona dos Aparados da Serra, partiu do planalto catarinense, perfazendo parte do roteiro dos antigos tropeiros que se dirigiam ao centro do país.
- Ronco do Bugio – é realizado na cidade desde 1986, sendo que em 2003 ocorreu a 15ª edição. Festival de música típica, no qual todas as composições inscritas são do gênero “bugio”, considerado pelos folcloristas como o mais autêntico dos ritmos gauchescos. Por esse motivo, o evento atrai um grande número de concorrentes e público de todo o Estado.
- Semana Farroupilha – evento coordenado pelo CTG local, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação. Há participação de grupos mirins provenientes das escolas e de adultos das sociedades tradicionalistas. As comemorações realizam-se durante toda semana, com gincanas tradicionalistas, apresentações de grupos folclóricos de gaiteiros, trovadores, declamadores e repentistas. O encerramento é feito com desfile escolar e de tradicionalistas a cavalo.
- Natal Campeiro - organizado pela Prefeitura Municipal e pela Secretaria de Turismo, consiste em adaptação da festa de tradição germânica, comemorada nos demais municípios da região, às tradições gauchescas, com Papai Noel usando roupa típica e bombachas. No período das festividades, mês de dezembro, são realizados shows artísticos e concurso de presépios artesanais feitos com matéria-prima regional – palha, madeira e cipó.
- Exposição-feira Agropecuária – realizada anualmente no Parque Davenir Peixoto Gomes, reúne expositores de animais e utensílios agrícolas de toda a região. Durante o evento ocorrem os tradicionais torneios de laço, com a participação dos Piquetes de Laçadores locais e regionais e outras atividades características como “torneios de vaca parada” e remates.

A localização na serra privilegia o município com inúmeras belezas naturais que são destaques como pontos turísticos:

- Serra do Umbu – situada a 38 km da cidade, liga a região serrana ao litoral, através de estrada sinuosa de aproximadamente 8 quilômetros. No marco inicial, situado a 1.000 metros de altitude, é possível, em dias claros, avistar o litoral.
- Serra do Pinto – apresenta percurso de 13 km, com vistas panorâmicas, vegetação natural e Mata Atlântica, ligando a serra ao litoral. Situa-se a 70 km da sede do município.
- Lago São Bernardo – situado próximo à cidade, com margens ajardinadas, é próprio para prática de esportes náuticos. Tem extensão de 1.900 metros, com profundidade média de 5 metros.
- Parque das Cachoeiras – distante 2.500m do lago São Bernardo, apresenta, em uma área de 130 hectares, sendo 80 hectares de mata virgem. No seu interior existem seis grandes cachoeiras ligadas por trilhas - a da Neblina, do Remanso, Escondida, da Ravina, do Quatrilho e a da Ronda com trilha ecológica e extensão de aproximadamente 4,5 km.
- Belvedere da Pêra – situado na saída da cidade, junto à RS 020, oferece magnífica vista da serra.
- Barragens da Divisa, Blang e Salto - são três represas com grandes volumes de acumulação de água, localizadas a 14, 16 e 21 km da sede, respectivamente e servem como alimentadoras do sistema energético Canastra - Bugres (CEEE). São bastante piscosas e apropriadas para a pesca amadora. Suas dimensões são apropriadas para a prática de esportes náuticos, mas ainda necessitam investimentos que tornem mais acessíveis essas práticas.
- Parque das Cascatas – localizado no distrito de Lajeado Grande, em meio à ampla área com riachos de água límpida, apresenta piscinas naturais e cascatas. Constitui-se em espaço próprio para passeios a cavalo, pois está situado entre inúmeras coxilhas, em uma área com 64 hectares que dispõe de bar, cantina e cabanas com lareira para o alojamento de turistas.
- Parque da Cachoeira – está localizado no distrito de Electra junto aos rios Cará e Santa Cruz. Tem 150 hectares de mata natural, rica em diferentes espécies nativas da região, que abriga muitos animais silvestres. No local, existe, como atração especial, uma ponte de ferro construída em 1935, com vão de 74 metros. No parque, além de piscinas naturais e trilhas, foi construído um toboágua, colocados caiaques e pedalinhos para alugar. Dispõe também de camping com churrasqueiras. É uma propriedade privada que vem recebendo contínuos investimentos e edificações de melhorias para receber turistas.

- FLONA⁷⁹ – Floresta Nacional do IBAMA, situada a 25 km da cidade, é área que apresenta flora e fauna diversificadas, com pinheiros centenários que são exemplares raros na região devastada, nas últimas décadas, pela exploração madeireira. No parque, estão sendo desenvolvidos projetos científicos de remanejamento de florestas de grande importância para a silvicultura e botânica da região. A mata é cortada por trilhas ecológicas, hoje muito procuradas pelos praticantes do chamado turismo ecológico.
- Oráculo dos Anjos - também localizado próximo ao Lago São Bernardo, junto à fonte de água natural, é reconhecido como “altamente energético”. No local, nos últimos anos, tem sido realizado o evento chamado “Ritual da Lua Cheia” que reúne, neste período lunar, inúmeros adeptos de terapias alternativas como “reiki”, tarô, cromoterapia, quirologia⁸⁰. A afluência de turistas tem aumentado nos últimos anos, o que, no entender das autoridades do município, pode vir a se constituir em outra área do turismo a ser explorada por São Francisco – o turismo esotérico –, com atividades ao ar livre relacionadas com experiências místicas ou sobrenaturais.

A extensa área rural e as inúmeras atrações naturais, por exemplo, Serra do Pinto, Serra do Umbu, Parque das Cachoeiras e FLONA constituem-se elementos apropriados para o desenvolvimento do turismo típico, onde é possível a manutenção e o cultivo dos hábitos serranos com a prática do turismo rural e ecológico.

Novos empreendimentos estão sendo implementados, onde é possível degustar “bóia campeira”, acompanhar as atividades do cotidiano de uma fazenda e, ainda, apreciar apresentações artísticas do tradicionalismo gaúcho. Entre esses empreendimentos destacam-se o Pomar Cisne Branco, o Sítio Água da Rainha e a Fazenda do Rio Pinto.

⁷⁹ É um dos 47 parques que IBAMA mantém no país com o objetivo de coordenar e fomentar a conservação de ambientes naturais representativos dos ecossistemas brasileiros. Entre os principais objetivos da instituição estão promover à conservação da biodiversidade, pesquisar a utilização de recursos naturais de forma sustentável e, estabelecer modelos de desenvolvimento.

<http://www.ibama.gov.br/revista/apresentacao.htm> (10/05/2004)

⁸⁰ Uma das propostas dessa nova modalidade turística é desenvolver a prática em locais onde o turista possa ter contato com conhecimentos de novas linhas de pensamento e onde possa inclusive ter a oportunidade de participar de rituais místicos. <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/saude-mistico.html> (10/05/2004)

Nos últimos anos também foram implementados e vêm sendo organizados, no município, roteiros para a realização de “Turismo Eqüestre”, que partem da cidade, cruzam campos, matas e rios, sendo o alojamento dos turistas realizado em fazendas típicas da região.

A rede oficial para hospedagem de turistas em São Francisco de Paula atualmente é constituída por oito hotéis:

- Hotel Cavalinho Branco,
- Hotel Veraneio Hampel,
- Hotel Village da Serra,
- Hotel das Araucárias,
- Hotel Martini,
- Hotel Caçador Verde,
- Hotel Clube Federal,
- Hotel Mirão;

dezesseis pousadas:

- Pousada Refúgio do Lago,
- Pousada Mirante da Recosta,
- Pousada da Torre,
- Pousada Hauser Campestre,
- Pousada Boa Vista,
- Pousada do Lagarto,
- Pousada do Engenho,
- Pousada Pomar Cisne Branco,
- Pousada Campo do Meio,
- Pousada Porto Azul,
- Pousada Pedacinho do Paraíso,
- Pousada Sítio da Água Rainha,
- Pousada Holly Land
- Pousada Fazenda A Casa do Morro;

e três hotéis-fazendas:

- Hotel Fazenda Invernadinha,
- Hotel Fazenda Boa Vista,
- Hotel Fazenda Rio do Pinto.

O município de São Francisco de Paula integra três roteiros turísticos reconhecidos pela Secretaria Estadual de Turismo, a “Rota Romântica”, o “Caminho das Neves”, já descritos anteriormente, e o mais antigo dos roteiros - Região das Hortênsias que congrega os quatro municípios da serra ligados pela RS-235 – Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula.

Os quatro municípios que fazem a Região das Hortênsias vêm trabalhando conjuntamente nos últimos anos, como já foi examinado na implementação de projetos para o desenvolvimento do turismo. É o roteiro turístico mais visitado do Estado, que recebe, anualmente, milhares de turistas provenientes de todo o país e do exterior. Foi responsável, no último ano, por cerca de 25% do movimento turístico no Rio Grande do Sul⁸¹.

Em resumo, em São Francisco de Paula as iniciativas no setor de turismo têm enfrentado um quadro paradoxal em que uma riqueza de atrativos turísticos físico-geográficos e socioculturais convivem com uma identidade de resistência em construção que valoriza negativamente essas iniciativas.

⁸¹ Informações obtidas junto a Secretária Estadual de Turismo referente ao destino dos turistas registrado pelos Centros de Informação Turística do Rio Grande do Sul em 2004.

7 “REINVENÇÃO DAS TRADIÇÕES”: SUA MERCANTILIZAÇÃO EM NOVA PETRÓPOLIS E SÃO FRANCISCO DE PAULA

No momento em que as mudanças sociais, apoiadas em um novo padrão de desenvolvimento econômico e de comunicação, estão inter-relacionadas à formação de projetos de identidade cultural embasados na valorização da tradição e no fortalecimento dos regionalismos, buscou-se examinar, tendo como base empírica os municípios de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, como esse processo está vinculado à construção de identidades culturais passíveis de serem mercantilizadas no crescente e competitivo mercado turístico.

Partiu-se da hipótese de que, no atual momento social, crescem as preocupações com a sobrevivência da identidade cultural local e estas propiciam a emergência de estratégias específicas de reinvenção das tradições para examinar como, nesse dois municípios, vem sendo construído, a partir das lideranças políticas e culturais, um projeto de reconstrução da identidade cultural local.

A análise da construção de identidades culturais realizada por Castells (1999), identificando processos múltiplos vinculados a diferenciadas narrações históricas e culturais da coletividade, forneceu importante referencial para o estudo que se fundamentou no pressuposto de que a construção de identidades ocorre

através do estabelecimento de vínculos relacionais de referências que visam a marcar as diferenças.

Iniciando pela hipótese de que o processo de formação de identidades culturais se estabelece a partir das vivências do indivíduo, nas relações e instituições sociais, nas quais está vinculado e é marcado por significados sociais e culturais que o rodeiam, foram examinadas as trajetórias histórico-sociais dos dois municípios em estudo, para identificar os diferentes traços que caracterizam o perfil identitário de cada uma das populações e como estas vêm reinventando as tradições.

As diferenças históricas da ocupação e desenvolvimento econômico-social das duas realidades em estudo marcaram a construção diversificada do processo identitário em cada uma das comunidades estudadas.

No caso de Nova Petrópolis, foi explorada a hipótese da ocorrência de um processo de construção de uma “identidade de projeto”. Conforme visto anteriormente, Castells (1999) sugere que esse processo objetiva a conquista de uma nova posição na sociedade, através de um processo de transformação econômico-social, em que um novo projeto de vida é arquitetado pelos sujeitos sociais envolvidos, visando a alcançar uma forma de vida diferente, uma transformação sociocultural, mediante movimento coletivo. Para tal, a comunidade, de modo participativo, busca a “reinvenção” dos antigos traços da cultura dos colonizadores, caracterizando o município com base em sua etnicidade, para que uma mercantilização de si mesma, como um produto turístico diferenciado, seja bem-sucedida.

Em contraste, no caso de São Francisco de Paula, pode-se afirmar que vem ocorrendo a construção e o fortalecimento de uma identidade cultural por meio de

um reforço das práticas tradicionais, correspondendo ao que Castells (1999) denomina “identidade de resistência”. Esse processo não se constitui apenas em um retorno à tradição, mas, sim, na manipulação dos componentes tradicionais e na reconstrução de seus significados como uma alternativa à ordem existente.

O quadro síntese, apresentado a seguir, compara as principais dimensões analisadas, evidenciando os principais contrastes das duas realidades estudadas de modo a reforçar essa dualidade.

Quadro 4: Síntese comparativa das dimensões analisadas

Dimensão	Categorias	Nova Petrópolis	São Francisco de Paula
CONTEXTO	Situação Físio-geográfica	Serra gaúcha –região de maior movimento turístico do Rio Grande do Sul	Serra gaúcha –região de maior movimento turístico do Rio Grande do Sul
	Formação histórica	Século XIX – colônia de imigrantes de origem germânica que estabelecem pequenas propriedades para a subsistência	Século XVIII – rota para o transporte de tropas de gado do sul para o centro do país Colonização portuguesa – pecuária extensiva
	Desenvolvimento Econômico	Economia diversificada / moderna – indústria, serviços e turismo	Setor primário / tradicional Pecuária, extrativismo madeireiro
	Educação	Prioridade desde o início da colonização; Escolas em todas as comunidades – ensino de língua alemã, cultura e música	Ensino tradicional, pouco desenvolvido, ministrado inicialmente nas próprias fazendas
TRADIÇÃO E CULTURA	Formação étnico-cultural	Origem germânica, ainda hoje cerca de 90% da população tem origem alemã. Língua alemã ainda é usada fluentemente em todas as relações sociais Cultura alemã	Origem lusa - portugueses, açorianos e alguma influência dos indígenas que habitavam a região antes do estabelecimento dos portugueses “serrano”, “pêlo duro” Cultura serrano-campeira
	Tradições e manifestações da cultura	Cultivo das tradições dos primeiros colonizadores germânicos: música, danças folclóricas, associativismo Bailes “kerb”, torneio de tiro e bolão, corais, “bandinhas	Vinculadas às lides do campo Cavalo é o centro das manifestações culturais, torneios de laço, doma, piquetes Tradicionalismo gaúcho
REINVENÇÃO DA CULTURA	Políticas municipais	Sistemáticas e contínuas de incentivo a educação, cultura e de desenvolvimento do turismo	Descontínuas, rivalidades político-partidárias historicamente entravam o processo administrativo e o incentivo à novas atividades
	Turismo	Início na década de 1970. Hoje constitui prioridade política. Pequenos estabelecimentos hoteleiros espalhados por todo o município. Projetos de turismo cultural.	Primeiro estabelecimento início em 1900. Pouco desenvolvido – ausência de políticas e projetos sistemáticos de incentivo. Projetos para turismo rural.

Entre os principais pontos a ressaltar estão as diferenças de ocupação e colonização das áreas que hoje constituem cada um dos municípios estudados.

A formação de Nova Petrópolis iniciou em meados do século XIX, com a vinda dos primeiros imigrantes alemães. Foi a primeira colônia dirigida pela administração provincial do Rio Grande do Sul, portanto, já foi instalada com o objetivo de permitir a exploração e a produção agrícola. Para tanto, a área destinada à nova colônia foi subdividida em pequenos lotes oferecidos aos imigrantes de origem germânica que acorriam ao sul do Brasil.

Os habitantes de Nova Petrópolis são, ainda hoje, em sua quase totalidade (cerca de 90%), de origem germânica, descendentes dos colonizadores que se instalaram na região há 150 anos. Historicamente, vêm buscando preservar a cultura e a tradição de seus antepassados. As condições de isolamento impostas aos colonizadores no século XIX permitiram que os valores, crenças e costumes originários fossem mantidos, inclusive a utilização do idioma alemão.

Os sentimentos de identidade “alemã”, a identificação com os valores e os costumes de seus antepassados foram transmitidos ao longo dos anos. O sistema escolar construído e mantido pelos próprios colonos, nas diversas localidades onde se instalaram, desempenhou, inicialmente, importante papel na preservação da tradição, pois, as estratégias identitárias sociais e culturais são formadas e desenvolvidas fundamentalmente nas vivências escolares.

O ensino foi tradicionalmente uma das grandes preocupações dos munícipes de Nova Petrópolis. Desde o início da colonização, o sistema escolar foi sempre uma das prioridades, sendo a cultura, os costumes e as tradições fortemente preservadas. Desde a instalação dos primeiros imigrantes até o Estado Novo, o ensino era ministrado na língua alemã. A proibição nacional de utilização de língua

estrangeira, que vigorou durante o primeiro período getulista, coibiu o uso do idioma alemão no ensino regular. Com a emancipação do município, em 1954, e a organização do sistema municipal de ensino, o uso da língua alemã foi retomado nas escolas municipais e recomendado às escolas do sistema estadual.

O incentivo à manutenção da língua alemã pode ser considerado elemento-chave para a manutenção e preservação da identidade cultural em Nova Petrópolis.

Os traços reconhecidos pela população como característicos da identidade do “petropolitano”, termo como se autodenominam os habitantes – a musicalidade e o espírito associativo, foram preservados ao longo dos cento e cinquenta anos de sua história.

Nova Petrópolis se formou a partir da distribuição de pequenos lotes de terra visando ao estabelecimento de uma agricultura de subsistência desenvolvida pelo trabalho familiar. As atividades agrícolas em pequenas propriedades foram responsáveis pelo desenvolvimento econômico-social do município por mais de cem anos e pelo fortalecimento do espírito associativo que propiciou a criação da primeira cooperativa de crédito rural no país, a “*Sparkasse Amstad*”, ainda em 1902.

O associativismo foi um traço fundamental para a construção do novo modelo econômico-social de desenvolvimento do município. A partir da década de 1970, outra cooperativa – PIÁ, Cooperativa Agro-Pecuária Nova Petrópolis, desempenhou importante papel no processo de modernização econômica do município. A cooperativa conta, hoje, com mais de oito mil associados e atua em cinquenta e seis municípios da região, expandindo a área de influência da cultura local.

O modelo de desenvolvimento agrícola foi suplantado na década de 1980 por novas atividades econômicas, como a atividade industrial e os serviços, entre os

quais as vinculadas ao turismo, responsáveis por cerca de 80% da renda do município.

O desenvolvimento turístico se concretizou a partir de projeto construído pelas elites políticas, com ampla participação da comunidade, especialmente a das associações vinculadas à manutenção das tradições e do folclore dos primeiros colonizadores.

A identidade do “petropolitano”, construída ao longo dos anos, está associada à identidade étnica alemã e ao modo como os indivíduos, a partir de suas trajetórias individuais e coletivas, constroem seu senso de comunidade e, como parte dele, sua identidade cultural.

As sociedades de cantores, de tiro e os grupos de dança organizados ainda pelos primeiros colonos que se instalaram na região mantêm-se atuantes e, hoje, são importante veículo de transmissão das tradições e da cultura. Os projetos institucionais de revigoração da memória do município que se estendem para a reconstrução de casas, prédios e mobiliários têm, nesses grupos, importantes colaboradores.

Os vínculos de etnicidade estão presentes em toda a comunidade, percebendo-se, também, a participação e comprometimento de atores sociais – educadores, empresários – provenientes de outras regiões do Rio Grande do Sul, vinculados ao projeto de reconstrução da identidade cultural por estarem associados ao senso de pertencimento à coletividade germânico-brasileira. Participam ativamente das associações comunitárias e desempenham importante papel na Fundação Cultural e na Associação dos Grupos de Dança, os dois principais agentes de difusão da identidade cultural de Nova Petrópolis.

Em Nova Petrópolis, a implementação de projetos de turismo ocorreu a partir da década de 1980, sendo que esta atividade vem ocorrendo de maneira planejada, com políticas específicas e assessoria técnica qualificada, e tem, na identidade cultural alemã, o seu principal elemento de marketing.

O sistema escolar tem se mostrado eficiente no seu papel de agente formador da identidade cultural. São atividades curriculares a música e as danças folclóricas. Recentemente, foi introduzida no currículo de 1º grau das escolas municipais, a disciplina de “Educação para o Turismo”, que vem sendo ministrada para alunos a partir da 5ª série, visando a proporcionar, de forma prática, conhecimentos básicos sobre o turismo, familiarizando-os com o potencial do município e da região. Todos os principais eventos turísticos do município enfatizam a etnicidade e são divulgados e conhecidos com nome em língua alemã – “Kerb”, “Sängertreffen”, “Frühlingsfest” e “Bauern und Oktoberfest”.⁸²

Em resumo, pode-se afirmar que a população de Nova Petrópolis cultua as tradições germânicas de seus ancestrais, especialmente a musicalidade e o associativismo, sendo essa última uma característica que se formou ao longo da história do município, resultante da maneira como se estabeleceram e conviveram os diversos grupos de colonizadores. A interação e a participação presentes nas atividades da comunidade foram traços adquiridos pelo grupo e hoje se constituem em diferencial marcante da comunidade.

O segundo caso analisado – São Francisco de Paula, tem uma história de formação bastante diferenciada. A maneira como a área que hoje constitui o município foi desbravada e, posteriormente, ocupada por descendentes de

⁸² Respectivamente Baile, Festa de Cantores, Festa da Primavera e Festa de Outubro e do Colono.

portugueses marcou de modo significativo o processo de formação da identidade serrano-campeira de seus habitantes.

Os colonizadores portugueses vinculados ao comércio de gado instalaram-se na área onde atualmente situa-se a sede municipal, em meados do século XVIII, iniciando a criação de gado em extensas fazendas. As atividades econômicas vinculadas à exploração pecuária foram, por praticamente dois séculos, a principal fonte de arrecadação. O município tem, ainda hoje, um percentual significativo de sua população vivendo na área rural, 37,8%, evidenciando que ao longo dos aproximadamente duzentos e cinquenta anos de sua história foram poucas as modificações na sua configuração econômico-social. Em meados do século XX foi iniciada a exploração madeireira na região, atividade que se constitui ainda hoje, uma das principais fontes de renda, sem alterar significativamente a distribuição da população e seu modo de vida.

Na última década do século XX, o turismo passou a ser visto como uma alternativa para o desenvolvimento econômico-social do município. Uma administração modernizante foi eleita em 1989, e criou a Secretaria Municipal de Turismo, com projetos de incentivo para implementação do turismo como uma nova atividade econômica no município. No entanto, as acirradas disputas políticas que permeiam a vida do município não asseguraram continuidade ao projeto implementado por aquela administração.

A tradição ligada à memória e aos costumes da vida no meio rural se mantém viva e está vinculada à identidade do “serrano”, denominação usada pelos habitantes de São Francisco para designar não apenas o habitante da serra. O termo tem um significado cultural mais amplo, refere-se ao homem do campo que cultiva os hábitos gauchescos típicos da região geográfica de Campos de Cima da

Serra, hábitos e costumes que não ficam restritos à vida no meio rural. O “serrano” veste no dia-a-dia botas, bombachas e pala característicos da região, que se distinguem da vestimenta utilizada pelos gaúchos de outras regiões do Estado e da adotada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Tem hábito do chimarrão diário, inclusive em locais públicos. Utiliza, ainda hoje, o cavalo como meio de locomoção não apenas no meio rural, mas, também, em seus deslocamentos para a cidade. As principais tradições culturais cultivadas no município têm o cavalo como centro – torneios de laço, domas, carreiras de cancha reta, rodeios. Também em relação ao cavalo, os habitantes do município assinalam diferenças que consideram significativas na forma de encilhar, procurando marcar a alteridade.

O “serrano” também se autodenomina “pêlo duro” e, descrevendo as especificidades deste tipo humano, os entrevistados afirmam que nesses indivíduos estão as verdadeiras origens do gaúcho serrano, um descendente de índios e portugueses que se caracteriza por sua hospitalidade e por ser “bonachão”, qualidade identificada como uma das marcas da identidade cultural serrano-campeira descrita como o estilo de uma pessoa simples, de hábitos lentos e rudes.

O projeto de desenvolvimento do turismo implementado a partir de 1989 buscou resgatar esses costumes tradicionais do município, transformando-os em elementos de marketing. Propôs o desenvolvimento do que foi denominado “turismo campeiro”, modalidade específica, diferenciada do tradicional “turismo rural”, pois projetava a remodelação de antigas fazendas, com a incorporação de elementos de conforto exigidos pela prática de turismo moderno, transformando-as em pousadas aptas a receber turistas.

As atitudes inovadoras tomadas pela Secretaria de Turismo criada em 1989, não tiveram, todavia, o respaldo imediato da comunidade. A atividade turística vem

sendo implementada lentamente frente às dificuldades enfrentadas pelos investidores. Poucas fazendas, apenas três, aderiram ao projeto proposto, transformando-se em “hotéis-fazendas”. Os maiores hotéis são de propriedade e administrados por profissionais de fora do município que relataram, nas entrevistas realizadas, suas dificuldades em contratar mão-de-obra local para trabalhar na área. Fizeram menção também ao receio que percebem manifestado por grande parte dos habitantes em relação à implantação do turismo na cidade, visto pelos “serranos” com desconfiança e como ameaça à pacata vida do homem do campo, que ainda caracteriza a vida também no meio urbano.

Outro elemento identificado como característico do “serrano” de São Francisco de Paula é o inflexível posicionamento político que se mantém fundado em divergências políticas tradicionais. Essa é uma característica que se faz presente historicamente nas atividades políticas no município. Sempre foi muito acirrada a polarização política, por exemplo, entre Partido Libertador e Partido Republicano, PTB e PSD, ARENA e MDB, sendo que, geralmente, as facções opositoras se sucedem, e a alternância de poder político leva a uma desmobilização de todo o aparato político e da estrutura administrativa da gestão partidária derrotada. As divergências políticas se refletem no processo de desenvolvimento, especialmente nos projetos de implementação do turismo, pois, a cada nova administração são abandonados os projetos da administração anterior e novos projetos são realizados pelos administradores opositores.

O apego aos antigos costumes e tradições pode ser reconhecido como uma forma de manter a segurança ontológica, se for lembrado aqui, o conceito de Giddens (1997). O conservadorismo político vem sendo mantido ao longo dos anos, independente da alternância do poder político-partidário e dificulta o

desenvolvimento do turismo, pois, este é a expressão do novo, mesmo apoiado nos costumes e na tradição, exige, para a sua implementação, atitudes dinâmicas e inovadoras que não se fazem presente nos hábitos e costumes da população do município.

A análise das duas realidades em estudo evidenciou resultados significativamente distintos. Nos dois municípios existem propostas claras de mercantilização da identidade cultural local como elemento que caracterize o município e seus eventos. No entanto, as estratégias sociais, educacionais e políticas adotadas na reconstrução de significados seguiram trajetórias diferentes e obtiveram resultados também díspares.

Nova Petrópolis mercantiliza, pode-se afirmar, com eficiência, sua identidade cultural, baseada na reconstrução das tradições e na valorização dos costumes dos colonizadores germânicos. Todos os eventos turísticos realizados no município enfatizam esses aspectos e atraem um significativo número de visitantes. O turismo, hoje, se constitui em importante fonte de renda para o município.

No município de São Francisco de Paula verificou-se, em alguns momentos, a existência de políticas de incentivo ao turismo, porém, o conservantismo das elites políticas municipais impede que haja continuidade nas ações. Por parte da comunidade há uma tendência de valorização, ou mesmo de manutenção da identidade cultural, das tradições serrano-campeiras do município, mas essas agem como um elemento de resistência à implementação de novas atividades econômicas. O turismo como uma modalidade econômica que traz a inovação ainda é visto com ressalvas por grande parte da população. A maior parte dos empreendimentos na área turística estão sendo realizados e geridos por profissionais de outras regiões e até mesmo de outros estados, mantendo-se,

ainda, as atividades vinculadas ao setor primário, a exploração tradicional da pecuária e o extrativismo como as mais importantes fontes de renda do município.

A análise evidenciou que o conservadorismo é marcante em São Francisco de Paula e, está presente na economia, na cultura, na educação e mesmo nas atividades de turismo, enquanto que em Nova Petrópolis a tradição vem sendo reinventada e projetada para marcar a imagem turística do município. Isto permite a comprovação da hipótese inicial – as tendências à globalização da cultura desencadeiam preocupações com a sobrevivência da identidade cultural local, determinando a emergência de estratégias de construção de uma “identidade de resistência”, em São Francisco de Paula, e de uma “identidade de projeto”, que possibilite a manutenção ou redefinição positiva da posição do município de Nova Petrópolis no cenário econômico-social e cultural.

O estudo comparativo permitiu que a partir das peculiaridades locais encontradas em cada um dos municípios objeto do estudo fosse identificado o tipo de processo de formação da identidade cultural em cada realidade, possibilitando a comprovação da hipótese central deste estudo de que as mudanças sociais, fundadas em um novo padrão de desenvolvimento econômico e de comunicação estão inter-relacionadas à formação de um projeto de identidade cultural passível de ser mercantilizado no mercado de turismo. Nos dois municípios ficou provado que há uso das tradições e, em algumas situações, observou-se a reinvenção de hábitos e costumes adaptando-os ao atual momento com um objetivo definido de caracterizar a identidade cultural local, mas essa prática ocorre de maneira diferenciada nos dois municípios. A população de Nova Petrópolis evidencia facilidade de lidar com os novos elementos da sociedade globalizada como a comunicação e o marketing, enquanto que os “serranos” de São Francisco de

Paula, de maneira geral, como ficou evidenciado pelas entrevistas, ainda apresentam resistências ao desenvolvimento de novas atividades econômicas e, em especial, aos projetos de desenvolvimento do turismo.

No entanto, as diferenças observadas nos dois municípios sugerem aspectos a serem retrabalhados em estudos subseqüentes, por exemplo, o aprofundamento das questões referentes à participação e à mobilização da comunidade que foi comprovadamente muito distinta nos dois municípios.

Outro questionamento diz respeito especificamente ao caso de São Francisco de Paula no tocante à organização e à mobilização política local. Os dados levantados indicaram que as divergências políticas se mantêm, ao longo de mais de um século, foram, ao longo de toda a trajetória histórica do município, um entrave ao processo de desenvolvimento e modernização. Um estudo aprofundando dessa problemática poderia complementar os resultados aqui apresentados.

Cabe, ainda, salientar a riqueza das informações obtidas durante o trabalho de campo. A diversidade de opiniões dos diferentes agentes sociais entrevistados foi de fundamental importância para a conclusão deste estudo, diante da proposta de um estudo comparativo de projetos de reinvenção e mercantilização da identidade cultural.

Os resultados obtidos indicam que a escolha do modelo teórico proposto por Manuel Castells para a análise do processo de construção da identidade foi adequado, pois, permitiu que fossem desvendados os diversos significados que esta assume ao longo das trajetórias de desenvolvimento dos municípios estudados. Da mesma forma, a perspectiva teórica apresentada por Giddens foi de grande significância para a interpretação do papel da história e da tradição nas realidades em estudo.

Finalmente, a presente tese permite reiterar a importância de estudos comparativos detalhados dos ricos e paradoxais processos de reinvenção das tradições locais em um contexto de globalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

ALMEIDA, M. Hermínia Tavares de. Descentralização e políticas sociais. IN: AFFONSO, Rui de B. A. e BARROS, Silva, Pedro L. B. (org). **Federalismo no Brasil** – SP, FUNDAP, 1996.

ALMEIDA, Joaquim A.; RIEDL, Mário (org). **Ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUSC, 2000.

ALVAREZ SOUZA, Antonio. **El ócio turístico em las sociedades industriales avanzadas.** Barcelona: Bosch Casa editoria, 1994.

ARRETCHE, Marta Arretche. O mito da descentralização como indutor de maior democratização e eficiência das políticas públicas. IN: GERSCHMAN, Silvia; WERNECK VIANNA, M. Lúcia. **A Miragem da Pós-modernidade** – São Paulo: FIOCRUZ, 1992.

_____. A descentralização como condição de governabilidade: solução ou miragem? **Espaço & Debates**, ano XVI, nº 39, 75-86, 1996.

BADIE, Bertrand. **Política comparada.** México: Fondo de Cultura Económica. 1993. (Lãs dinâmicas Huérfanas), p. 180-209.

_____. **O fim dos territórios.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

BAHL, Miguel (org). **Turismo: enfoques teóricos e práticos.** São Paulo: Roca, 2003.

BANDUCCI, Álvaro J.; BARRETO, Margarita (org). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica.** Campinas: Papirus, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Eliane C; LANDO, Aldair M.. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica.** Porto Alegre: Movimento, 1976.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel (org). **Raízes de Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí.** Porto Alegre: EST, 1992.

- _____. **Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá.** Porto Alegre: EST, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa. Edições 70, 1995.
- BAUER, Martin W.; GASKEL, George (edit). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAZAN, Luiza Helena Pires. **Etnia, cooperação e conflito.** Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia), IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: SENAC, 1998.
- BERGER, Peter. L. A. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- BHABHA, Homi. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BIGNAMI, Rosana. **A imagem do turismo no Brasil: construção, desafios e vantagem competitiva.** São Paulo: Aleph, 2002.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Lisboa. Difel, 1989. (cap 5 A identidade e a representação – Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região).
- BRITO, Severino de Sá. **Trabalhos e costumes dos gaúchos.** Porto Alegre: Erus (Estante Rio-grandense da União de Seguros). [s.d].
- BRUM, Nilo Barros de. **Caminhos do sul.** Porto Alegre: Metrópole, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **The city and the grassroots.** Berkeley, LA: University of California Press, 1983.
- _____. **La ciudad informacional: tecnologías de la información, restructuración económica y urbano regional.** Madrid: Alianza, 1995.
- _____. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. IN: RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo: HUCITEC, 1996.
- CANCLINI, Nestor G.. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- _____. **La globalización imaginada.** Buenos Aires: Paidós, 2000.
- _____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Ed. USP, 2003.
- DAROS, Marília e Barroso, Vera L. M. (org). **Raízes de Gramado: V Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.** Porto Alegre: EST, 1995.
- DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania.** Campinas: Papius, 1996.
- _____. **Pobreza política.** Campinas: Autores Associados, 1994.
- DEPPE, Gessy. **Contribuição para a história de Nova Petrópolis.** Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

DIAS, Reinaldo, AGUIAR, Marina R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Editora Alínea, 2002.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

_____. Une sociologie (empirique) de l'identité est-elle possible?. in: Suzie Gutth – **Actes du colloque “Sociologie IV”** Ed. L'Harmattan – Paris – 1994.

_____. **La crise des identités: l'interprétation d'une mutation**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. 2 Vol. Rio de Janeiro: Zahar, 1994(a).

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 (b).

_____. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert e Scotson John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ERIKSON, Erik. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. (coord) **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Nobel: SESC, 1997.

FLORES, Hilda A. Hübner. (org) **Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993 (a).

_____. **História da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

FORTES, Amyir Borges. **Compêndio de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1981.

FREITAS, Leticia F. R. e SILVEIRA, Rosa Maria H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino americana. IN: **Educação**, ano XXVII, nº 2, 263 –281, Porto Alegre, PUCRS, 2004.

FURASTE, Paulo Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. 9. ed. Porto Alegre: [s.ed.], 2002.

FUSTER, Luis F. **Introducción a la teoría y técnica del turismo**. Madrid: Alianza, 1991.

GASTAL, Susana (org). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GASTAL, Susana e CASTROGIOVANI, Antonio C. (org). **Turismo na pós-modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro. Zahar, 2002.

GOIDANICH, Osvaldo. A saga do turismo no Rio Grande do Sul. IN: FLORES, Hilda A. Hübner. (org) **Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil**. Porto Alegre:EDIPUCRS,1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

_____. Quem precisa de identidade?. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. *Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio*. IN: **Espaço & Debates**, ano XVI, nº 39, 48-64, 1996.

_____. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

[http:// www.aiest.org/org/idt](http://www.aiest.org/org/idt) , acessado em março de 2004.

[http:// www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br) , , acessado em fevereiro de 2004.

[http:// www.ibge.gov.br/cidades/ufs/perfil2](http://www.ibge.gov.br/cidades/ufs/perfil2) , acessado em novembro de 2003.

[http:// www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais.htm](http://www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais.htm) , acessado em março de 2004.

<http://www.mma.gov.br/port/squa/pantanal/site/esptur2.html> , acessado em março de 2004.

[http:// www.novapetropolis.com.br/histo.htm](http://www.novapetropolis.com.br/histo.htm) , acessado em outubro de 2003.

[http:// www.paisagensgauchas.hpg.ig.com.br](http://www.paisagensgauchas.hpg.ig.com.br) , acessado em setembro de 2004.

[http:// www.paises/pt/alemanha.htm](http://www.paises/pt/alemanha.htm) , acessado em outubro de 2004.

[http:// www.riogrande.com.br/np-historia.htm](http://www.riogrande.com.br/np-historia.htm) , acessado em maio de 2003.

[http:// www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm](http://www.rotaromantica.com.br/rotaromantica.htm) , acessado em novembro de 2002.

[http:// www.saochico.com.br/historia.htm](http://www.saochico.com.br/historia.htm) , acessado em março de 2004.

[http:// www.setur.rs.gov.br/frames-setur.html](http://www.setur.rs.gov.br/frames-setur.html) , acessado em maio de 2003.

[http:// www.sicredi.com.br/historico/](http://www.sicredi.com.br/historico/) , acessado em novembro de 2004.

[http:// www.terrabrasileira.net/s-churra.html](http://www.terrabrasileira.net/s-churra.html) , acessado em agosto de 2004.

[http:// www.world-tourism.org](http://www.world-tourism.org) , acessado em março de 2004.

[http:// www.turismo.gov.br/](http://www.turismo.gov.br/) , acessado em março de 2004.

IDENTIDADE GAÚCHA. Relatório de projeto de pesquisa. Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

MACIEL, Maria Eunice. Churrasco a gaúcha. IN: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, Ano 2, n 4. 1996.

MARQUES, Lilian Argentina B et al. **Rio Grande do Sul: aspectos do folclore**. Porto Alegre, Martins Livrero, 1992.

MOESCH, Norma Martini. Cortina de cristal: processo imigratório, identidade cultural e comunicação turística. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Dissertação (Mestrado), Famecos , PUCRS, 1997.

NAISBIT, John. **Paradoxo Global**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

OLABUENAGA, José R.. **La descodificación de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa**. Bilbao,1989.

_____. **Metodología de la investigación cualitativa**. Bilbao, Universidad de Deusto,1996.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **A antropologia e a diversidade cultural no Brasil** . IN: Oro, Ari P. e Teixeira, Sergio A. **Brasil e França: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre. Ed. Da Universidade UFRGS, 1992.

_____. Brasil: qual cultura? qual identidade. **Ciências e Letras**. Porto Alegre: Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras. N.28, 2000.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAIVA, Maria das Graças M. V.. **Sociologia do turismo**. Campinas: Papyrus.2000.

PELEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e turismo**. Campinas: Papyrus, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PICOLLO, Helga I. Landgraf. **Contribuição para a história de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

- QUEIRÓS, M. Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. IN: SIMSON, Olga de Moraes von.(org.) **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAMBO, Arthur B. **A escola comunitária teuto-brasileira católica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.
- RECONDO, Gregório. **Identidad, integración y creación cultural en América Latina**. Buenos Aires: Belgrano, 1997.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- RODRIGUES, Adyr A. B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SANTANA, Agustín. **Antropología e turismo: nuevas hordas, viejas culturas?** . Barcelona. Ariel, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SÃO FRANCISCO DE PAULA: ontem, hoje e sempre. Publicação da Secretaria Municipal de Educação, 1996.
- SERRANO, Célia M. e BRUHNS, Heloisa T. (org). **Viagens à natureza**. Campinas: Papirus, 2001.
- SEYFERT, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1990.
- _____. Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. IN: MAUCH, Cláudia (org). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: ULBRA, 1994.
- SCHMITZ, Arsênio J. Pe. **Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação**. Publicação do autor. Roma: Tipografia della Pontificia Università Gregoriana, 1975.
- SCHNEIDER, Sérgio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas ciências sociais. IN: **Cadernos de Sociologia**. Vol 9. Porto Alegre: PPGS, UFRGS, 1998.
- SILVA, Iva da. **São Francisco de Paula: a história, o povo, curiosidades e belezas**. São Francisco de Paula, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Silva, Iva da. **São Francisco de Paula: a história, o povo, curiosidades e belezas**. Caxias do Sul: Gráfica da UCS, 2000.
- SISSON DE CASTRO, M.L.; SOUZA, M.V. **Secretario Municipal de Educação da Região Sul, Formação e Possibilidades de Liderança**. Relatório de pesquisa, PUCRS, 1996.

_____. Práticas democráticas dos secretários municipais de educação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Cadernos CEDAE**. N5. Porto Alegre, 1999.

_____. Perfil do Secretário Municipal de Educação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Cadernos CEDAE**. N3. Porto Alegre, 1997.

SUBSÍDIOS PARA a instituição do sistema municipal de ensino no Rio Grande do Sul . FAMURS, CONSEME/UNDIME-RS. Porto Alegre: FAMURS, 1997.

TEIXEIRA, Maria Lúcia da Silva. **São Francisco de Paula**: nossa terra, nossa gente. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

TRIGO, Luiz G.G. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papyrus, 2001.

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: SESC, 2001.

_____. **Móbile cultures**. (draft) published by the Department of sociology, Lancaster University at: <http://www.comp.lancaster.ac.uk/sociology/soc030ju.html>

WALLERSTEIN, Imanuel M. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WILLENS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1946.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS